

UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Mestrado em Psicologia

Área de Especialização: Psicologia Clínica e da Saúde

“One-night Stands”: Vinculação, Estilos de Amor, Género e consumo de Álcool

Um estudo com Alunos Universitários

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Diana Lúcia Inglês Varelas

Orientação: Prof.^a Doutora Constança Biscaia

Évora | 2011

“Esta dissertação inclui as críticas e sugestões do júri”

AGRADECIMENTOS

É impossível realizar, sozinho, um trabalho desta natureza. Deste modo, gostaria de deixar algumas palavras, meramente simbólicas do meu apreço e gratidão àqueles que durante todo este processo, de forma directa ou indirecta, deram uma contribuição para a sua realização.

Agradeço...

... à minha orientadora, Prof.^a Doutora Constança Biscaia, pelo incentivo aquando da escolha do tema, pela disponibilidade, atenção e prontidão na resposta sempre que necessário, e pela forma como, durante o meu percurso académico, me conduziu a olhar o desenvolvimento humano;

... aos Professores e Alunos que autorizaram e se disponibilizaram para participar neste estudo. Sem a sua colaboração este trabalho nunca teria sido possível;

...à minha irmã Marta, que foi uma presença constante marcada pelo apoio e pelo carinho. Agradeço-lhe por tudo o que representa na minha vida;

...à minha Mãe, por ter sido para mim tudo o que uma mãe pode ser e muito mais. Por me ter ensinado valores como a perseverança, a resiliência e a honestidade, sobretudo para comigo mesma, que se revelaram basilares neste momento. Muito Obrigada;

...ao meu Pai, que esteve sempre presente, à sua maneira singular. Obrigada pela preocupação e pelo apoio. Obrigada por nunca te teres oposto às minhas escolhas;

...aos restantes elementos da minha família, que estiveram sempre atentos, mostrando apoio e disponibilidade, carinho e amor e, sobretudo, muita paciência ao longo deste caminho;

...à Vera, minha amiga de sempre, pela presença constante. Não há muitas palavras para te agradecer aquilo que és, Obrigada;

...à Joana, à Cátia e ao Carlos, pela amizade incondicional. Pelos momentos de partilha de ideias e preocupações, de vitórias alcançadas, ao longo deste percurso... desde que nos conhecemos. Pelas gargalhadas, pelas lágrimas, pela sincera amizade e pela confiança que sempre depositaram em mim. Agradeço-vos por tudo;

...ao meu colega e grande amigo João por todo o apoio, pelas longas noites de trabalho, pelos momentos mais descontraídos, pelas palavras de incentivo, por estar sempre do outro lado do computador a partilhar das minhas angústias. Sabes que foste peça fundamental. Muito obrigada;

...à Tânia pela sua amizade e preocupação diária em perguntar “Di, como está a tese?”. Obrigada;

...ao João que estando presente do início ao fim, nunca deixou de acreditar em mim. Obrigada pelo carinho, pela paciência, pela tua presença, que em tantos momentos foram essenciais para me tranquilizar.

...por fim, a todos aqueles que foram sempre mostrando a sua atenção e a crença de que este trabalho chegaria a bom porto. Muito obrigada.

RESUMO

“One-night Stands”: Vinculação, Estilos de Amor, Género e consumo de Álcool

Um estudo com Alunos Universitários

O presente trabalho teve como objectivos estudar a Orientação Sociosexual dos estudantes universitários compreendendo a relação entre esta e as variáveis Dimensões da Vinculação, Estilos de Amor, género e consumo de álcool.

Os participantes foram 260 estudantes pertencentes à Universidade de Évora, a frequentar o 1º Ciclo. Foi-lhes administrado um protocolo constituído pelos instrumentos: Escala de Vinculação do Adulto (EVA), Escala de Atitudes em Relação ao Amor (EAA), Inventário de Orientação Sociosexual – Revisto (IOS-R) e três questões relativas à participação em one-night stands após ingestão de bebidas alcoólicas.

Com base nos resultados, concluiu-se que duas das dimensões da Vinculação (Conforto com a proximidade e Ansiedade) se correlacionam significativamente com a Orientação Sociosexual, tal como os Estilos de Amor Eros e Ludus. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na Orientação Sociosexual em função do género e da participação em one-night stands após consumo de álcool. Estas diferenças, apesar de significativas carecem de maior desenvolvimento.

Palavras-chave: One-night Stands; Adulter Emergente; Alunos Universitários; Vinculação; Estilos de Amor; Álcool.

ABSTRACT

“One-night Stands”: Attachment, Love Styles, Gender and Alcohol consumption A study with College Students

The present work aimed the study of the Sociosexual Orientation of college students, comprising the relationship between this variable and the variables Attachment Dimensions, Love Styles, gender and alcohol consumption.

The participants were 260 students, all attending the graduation years, in the University of Évora. They were administered a protocol consisting of the instruments: the Adult Attachment Scale (AAS), the Love Attitudes Scale (LAS), The Sociosexual Orientation Inventory – Revised (SOI-R) and three questions relating to participation in one-night stand after alcohol consumption.

Based on the results, we concluded that two dimensions of Attachment (Close and Anxiety) are significantly correlated with Sociosexual Orientation, such as the love styles Eros and Ludus. There were statistically significant differences in Sociosexual Orientation according both to gender and participation in one-night stands after alcohol consumption. These differences, although significant, require further development.

Key-words: One-night Stands; Emerging Adulthood; College Students; Attachment; Love Styles; Alcohol.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice.....	v
Índice de Quadros.....	vii
Índice de Figuras.....	x
Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	7
Capítulo I – Desenvolvimento e Vinculação no Adulto Emergente.....	9
1. O Desenvolvimento Psicológico.....	9
1.1. Aduldez Emergente: Perspectivas Desenvolvimentistas.....	11
1.2. O Estudante Universitário: Um Adulto Emergente.....	22
2. A Vinculação no Adulto Emergente.....	27
Capítulo II – “Esta noite” <i>versus</i> Amor e Intimidade.....	35
1. One-night Stands.....	35
1.1. One-night Stands e Vinculação.....	43
1.2. One-night Stands e Estilos de Amor.....	48
1.3. One-night Stands e Diferenças de Género.....	55
1.4. One-night Stands e Consumo de Álcool.....	58
Parte II – Estudo Empírico.....	63
Capítulo III – Estudo Empírico.....	65
1. Enquadramento, Objectivos e Hipóteses.....	65
2. Metodologia.....	68
2.1. Participantes.....	68
2.2. Instrumentos.....	70

2.3. Procedimentos de Recolha de Dados.....	76
2.4. Procedimentos de Análise de Dados.....	77
Capítulo IV – Apresentação e Análise dos Resultados.....	79
1. Estudo das Características Psicométricas dos Instrumentos.....	79
1.1. Escala de Vinculação do Adulto.....	79
1.2. Escala de Atitudes em Relação ao Amor.....	85
1.3. Inventário de Orientação Sociosexual – Revisto.....	91
2. Estudo das Hipóteses.....	97
Capítulo V – Discussão dos Resultados.....	107
Capítulo VI – Conclusão.....	119
Referências Bibliográficas.....	129
Anexos.....	143
Anexo I – Protocolo de Investigação	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.....	69
Distribuição dos participantes por Género e Idade	
Quadro 2.....	69
Distribuição dos participantes por Género e Ano de Licenciatura	
Quadro 3.....	70
Distribuição dos participantes por Ano de Licenciatura e Idade	
Quadro 4.....	79
Análise descritiva dos itens – dimensão Ansiedade	
Quadro 5.....	80
Análise descritiva dos itens – dimensão Conforto com a Proximidade	
Quadro 6.....	80
Análise descritiva dos itens – dimensão Confiança nos Outros	
Quadro 7.....	81
Estatística descritiva das três dimensões da EVA	
Quadro 8.....	81
Valores de <i>alpha de Cronbach</i> – EVA	
Quadro 9.....	82
Correlações item-escala total e <i>alpha de Cronbach</i> se o item for retirado – EVA	
Quadro 10.....	84
Solução de 3 factores ortogonais, após análise factorial – EVA	
Quadro 11.....	85
Análise descritiva dos itens – sub-escala Eros	
Quadro 12.....	85
Análise descritiva dos itens – sub-escala Ludus	
Quadro 13.....	85
Análise descritiva dos itens – sub-escala Storge	
Quadro 14.....	86
Análise descritiva dos itens – sub-escala Pragma	
Quadro 15.....	86
Análise descritiva dos itens – sub-escala Mania	
Quadro 16.....	86
Análise descritiva dos itens – sub-escala Agape	

Quadro 17.....	87
Estatística descritiva das seis sub-escalas da EAA	
Quadro 18.....	88
Valores de <i>alpha de Cronbach</i> – EAA	
Quadro 19.....	89
Correlações item-escala total e <i>alpha de Cronbach</i> se o item for retirado – EAA	
Quadro 20.....	90
Solução de 6 factores ortogonais após análise factorial – EAA	
Quadro 21.....	91
Análise descritiva dos itens – dimensão Comportamento	
Quadro 22.....	91
Análise descritiva dos itens – dimensão Atitude	
Quadro 23.....	91
Análise descritiva dos itens – dimensão Desejo	
Quadro 24.....	92
Estatística descritiva das três dimensões do IOS-R	
Quadro 25.....	92
Valores de <i>alpha de Cronbach</i> – IOS-R	
Quadro 26.....	93
Correlações item-escala total e <i>alpha de Cronbach</i> se o item for retirado – IOS-R	
Quadro 27.....	94
Solução de 3 factores ortogonais, após análise factorial – IOS-R	
Quadro 28.....	98
Classificação dos participantes por Estilo de Vinculação	
Quadro 29.....	98
Classificação dos participantes por Estilo de Vinculação em função do género	
Quadro 30.....	99
Matriz de Correlações das Dimensões da Vinculação e da Orientação Sociosexual (escala total e dimensões)	
Quadro 31.....	100
Matriz de Correlações dos Estilos de Amor e da Orientação Sociosexual (escala total e dimensões)	

Quadro 32.....	104
Frequências das respostas à questão “1. Considera que a ingestão de bebidas alcoólicas facilita a ocorrência de sexo ocasional?”	
Quadro 33.....	105
Frequências das respostas à questão “2.1. Se sim, sentiu arrependimento de ter tido uma relação sexual ocasional?” em função do género	

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.....	50
Os estilos de amor primários e secundários	
Figura 2.....	54
Triângulo do amor de Sternberg	

INTRODUÇÃO

Contribuir para o estudo do desenvolvimento humano requer, à partida, o reconhecimento da complexidade que lhe está associada. Conceber o Homem enquanto ser biopsicossocial implica perceber as transformações físicas por que passa no seu percurso desenvolvimental, a forma que tomam os seus pensamentos e sentimentos e, fundamentalmente, apreendê-lo no domínio singular das relações intra e interpessoais.

Mas o desenvolvimento nem sempre foi olhado como decorrendo do início ao final da vida. A actual concepção, que o apresenta como processo individual, único e extensível a todo o ciclo vital, só se estabeleceu durante a década de 60 do século passado.

Foi nesta mudança de paradigma, contando com contributos fundamentais como os de Erikson (1968) e Levinson e colaboradores (1978), que assentou a possibilidade de estudar a transição para a idade adulta e o adulto nos mais diversos domínios da sua vida. Erikson (1968), de forma pioneira, apresentou o Homem enquanto ser biológico, egoico e social que (re)constrói a sua identidade mediante uma sequência de oito fases, com correspondência cronológica, ao longo de todo o ciclo de vida. Por seu turno, Levinson e colegas (1978), perspectivaram a vida adulta em termos de mudança, onde tem lugar uma alternância de fases estáveis com fases de transição, ocorrendo mediante uma ordem pré-estabelecida.

A par deste salto conceptual, no domínio do desenvolvimento humano, as mudanças sócio-culturais decorrentes da Segunda Guerra Mundial impeliram a que a passagem da adolescência para a idade adulta fosse olhada com especial atenção: progressivamente, este período passava a ser vivido de forma mais lenta e pareciam estar-lhe associadas tarefas normativas muito específicas. Assim, reconhecendo a complexificação a que se assistia, Arnett (2000) propôs a Teoria da Adultez Emergente.

Esta fase, ainda que englobando características dos períodos adjacentes a que se sobrepõe (adolescência e idade adulta), mostrou-se tão rica e singular em alguns aspectos que, numa óptica psicossocial, foi definida como a idade das explorações identitárias, agora marcadas pela maior autonomia, em contraste com as observadas na adolescência, a idade da instabilidade, associada à noção de exploração, uma idade focada no *self*, o tempo de se sentir *in-between*, pois já não se é adolescente

mas também ainda não se é adulto e, a idade das possibilidades, onde coexistem esperanças e expectativas de auto-realização.

Neste âmbito, os Estudantes Universitários surgem como principais representantes, encontrando-se diante de múltiplas tarefas com natureza académica, social, pessoal, emocional e profissional. A entrada na Universidade, ao estimular capacidades e competências de relacionamento com o mundo e construção da identidade, assume-se, com base no momento de mudança e de crise que lhe assiste, como contexto potenciador do desenvolvimento.

Face a esta emergência de crescer, o Aluno Universitário resolve conflitos identitários, resquícios de uma adolescência recente, e move-se numa moratória favorável à preparação para a vida adulta onde, sob protecção relativa da família e ainda sem responsabilidades maiores, experimenta papéis e comportamentos e solidifica crenças e atitudes (Pascarella & Terenzini, 1991, 2005).

Indubitavelmente, o ambiente académico repercutir-se-á, junto de cada indivíduo, de forma muito particular e, deambulando num cenário rico em oportunidades, cada um fará escolhas que contribuirão ou, por outro lado, serão retrato de aquisições e estruturações pessoais.

Deste modo, é com convicção que se assume o contexto universitário enquanto local privilegiado para o estudo do desenvolvimento humano e, mais especificamente, para uma abordagem aos processos inerentes à transição para a vida adulta, tendo por base uma perspectiva desenvolvimentista holística.

As questões desenvolvimentistas da adultez emergente, ao prenderem-se com a construção da intimidade e da autonomia reflectem, ao serem resolvidas de forma satisfatória, a vivência bem-sucedida da dimensão relacional da trajectória desenvolvimental. Com efeito, os estudos e a noção de (relação de) Vinculação assumem, aqui, um lugar preponderante na compreensão da referida dimensão.

A predisposição do ser humano para estabelecer laços afectivos com uma figura próxima ressalta desde o seu nascimento e permanece ao longo de toda a vida. Assim, é de depreender que é no historial vincutivo estabelecido na infância e adolescência, com as primeiras figuras de vinculação (habitualmente os pais), que reside a explicação para a forma como este sistema responde ao ser reactivado, posteriormente (Faria, 2008).

No fundo, pode afirmar-se que estas relações primeiras funcionarão como um protótipo das que se irão estabelecer em fases subsequentes e que tal é possível devido à existência de estruturas específicas que funcionam como guias pré-

simbólicos da acção, os Modelos Internos Dinâmicos. Estes permitem que as experiências passadas se projectem num presente e num futuro, criando e prevendo realidades relacionais significativas.

É nesta concepção da vinculação enquanto teoria de ciclo de vida e no apreender da linearidade entre as necessidades respondidas por este sistema na infância e na idade adulta que assenta o interesse em estudar as relações íntimas do adulto emergente à luz deste corpo teórico.

Estudos de diversos autores dotam esta ideia de consistência na medida em que preconizam que a experenciação das relações amorosas está conceptualmente dependente dos estilos de vinculação (Matos, 2002) e que a qualidade da relação estabelecida com as figuras de vinculação na infância está associada ao estilo de vinculação romântica demonstrada na idade adulta (Hazen & Shaver, 1987),

Isto leva a considerar que indivíduos com diferentes estilos de vinculação comportar-se-ão de forma distinta face às conquistas previstas para esta fase do desenvolvimento. Deste modo, a autonomia, a intimidade e, em última instância, a interdependência serão alcançadas com maior ou menor dificuldade, em benefício ou prejuízo do próprio *self*.

No âmbito do estudo dos comportamentos sexuais e das relações íntimas e, em específico, no campo das relações sexuais ocasionais ou one-night stands, parece existir até à data uma grande lacuna, sendo que, só muito recentemente, se tem feito notar a prevalência das mesmas (Grello, Welsh & Harper, 2006).

Em conjugação, diversas investigações têm revelado que, não obstante o aumento desta prática, várias são as consequências negativas daqui decorrentes (Lambert, Kahn & Apple, 2003; Paul & Hayes, 2002; Paul et al., 2000, cits. por Eshbaugh & Gute, 2008), identificando-se, entre a população de adultos emergentes, sentimentos de arrependimento, processos de auto-culpabilização e riscos para a saúde física e psicológica que só por si dotam esta temática de importância social e individual.

Concretizando, com o presente trabalho pretende-se contribuir para um aprofundamento do estudo das citadas relações, visto que se percebeu o potencial associado ao contexto Universitário, pois nele coexiste, a nível desenvolvimental, o momento de exploração e experimentação (também ao nível sexual) e, a nível contextual, o proporcionar de oportunidades, encorajamento e permissividade deste tipo de comportamentos sexuais, contemplou-se, mediante a revisão bibliográfica

realizada, um grupo de variáveis que parece estar fortemente associada a este tipo de comportamentos e averiguou-se acerca das relações existentes entre elas.

Assim, partindo do construto desenvolvido por Simpson e Gangestad (1991b) – Sociossexualidade – que se refere à propensão individual para incorrer em relações sexuais na ausência de ligação emocional ou compromisso para com os parceiros e, recorrendo ao instrumento que visa a sua mensuração, definiu-se como objectivo geral do estudo avaliar a Orientação Sociossexual dos Estudantes Universitários e, mais especificamente, compreender a sua relação com as variáveis Estilo de Vinculação, Estilos de Amor, género e consumo de álcool.

O presente trabalho encontra-se organizado em duas partes: a primeira, constituída por dois capítulos, refere-se à revisão de literatura realizada e pretende de forma contextualizada dotá-lo de fundamento teórico. O primeiro capítulo debruça-se sobre o estudo do desenvolvimento psicológico humano e enfatiza a relevância da dimensão das relações inter-pessoais para o mesmo. Partindo de contributos basilares acerca desta temática, dados por autores como Erikson e Levinson, convergiu-se para uma explicação detalhada do desenvolvimento psicológico e social na fase de vida em análise, a Adulter Emergente e integrou-se o desenvolvimento do estudante universitário nesta perspectiva. Por fim, afigurando-se a relação com um outro o veículo para o desenvolvimento e expressão do potencial humano e, por se aspirar ao estudo de uma dimensão relacional muito específica da adultez (emergente) – as relações sexuais ocasionais –, foram tecidas algumas considerações sobre a importância da Vinculação tendo em vista uma perspectiva desenvolvimentista e longitudinal da mesma.

No segundo capítulo, tendo em conta os objectivos e questões orientadoras do estudo, foi feita uma contextualização onde se pretendeu elencar os principais contributos teóricos e empíricos inerentes a cada uma das variáveis abordadas: Orientação Sociossexual, Dimensões da Vinculação, Estilos de Amor, género e consumo de álcool.

A segunda parte deste trabalho corresponde ao estudo empírico. No terceiro capítulo foram explanadas as questões metodológicas, desde o delinear de Objectivos e Hipóteses, à exposição dos Participantes – uma amostra de Estudantes Universitários da Universidade de Évora –, dos Instrumentos – protocolo constituído pela Escala de Vinculação do Adulto (EVA), Escala de Atitudes em relação ao Amor (EAA), Inventário de Orientação Sociossexual – Revisto (IOS-R) e três questões

adicionais relativas à ocorrência de one-night stands após ingestão de bebidas alcoólicas e, por fim, dos Procedimentos de Recolha e Análise dos Dados.

O quarto capítulo é referente à Análise dos Dados, onde são apresentados os testes de hipóteses e as análises que viabilizam uma resposta aos objectivos/ hipóteses apresentadas.

Os quinto e sexto capítulos encerram a discussão dos resultados e conclusões gerais do trabalho realizado.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

DESENVOLVIMENTO E VINCULAÇÃO NO ADULTO EMERGENTE

“When childhood and youth come to an end, life, so the saying goes, begins.”

(Erikson, 1959/1980, p.100)

1. O Desenvolvimento Psicológico

Enveredar pelo estudo do desenvolvimento humano é uma tarefa complexa e multidimensional pois abarca a compreensão de como se vive o corpo, o pensamento, os sentimentos, num contexto onde as relações intra e interpessoais detêm uma força motriz. Com efeito, apesar deste ser um processo que se pode catalogar de geral, decorrendo mediante padrões processuais comuns, alicerçado em diversos corpos teóricos que muita controvérsia têm gerado ao longo dos tempos, é de forma individual e única que cada sujeito se desenvolve e envelhece.

O estudo do desenvolvimento psicológico do ser humano percorreu já um longo caminho mas foi nas últimas duas décadas que ocorreram os principais avanços científicos (Bronfenbrenner, 2005), culminando na consolidação de modelos teóricos cuja ênfase recai na existência de relações, dinâmicas e integradas, entre diferentes níveis de organização implicados no desenvolvimento (Fonseca, 2005).

Nos primórdios do século XX imperavam concepções em que o desenvolvimento se cingia aos períodos da infância e da adolescência (de acordo com Freud e Piaget) ou se processava mediante a sequência crescimento-estabilidade-declínio (por exemplo, Hall, Wechsler). Com a segunda metade do século foram surgindo novas formas de o perspetivar nas quais a multidisciplinaridade originou conceitos diferenciados do mesmo (Fonseca, 2005). Deste modo, um campo que inicial e tradicionalmente se centrou na criança e no adolescente, e por isso, nos primeiros vinte anos de vida (Marchand, 2001), viu-se alargado aos adultos e posteriormente aos idosos, produzindo matéria suficientemente vasta para que, em poucas dezenas de anos, a sua conceptualização tenha sofrido profundas modificações e ampliado o seu enfoque. A visão redutora de que o desenvolvimento humano estancaria, qualitativamente, após a adolescência (Alexander & Langer, 1990) foi, progressivamente, ultrapassada, deixando a idade de se constituir como factor determinante para tal e, simultaneamente, abrindo-se a oportunidade ao

reconhecimento da multiplicidade de caminhos de desenvolvimento possíveis (Fonseca, 2005).

Por não se tratar de um construto linear e empírico, o estudo do desenvolvimento e a sua definição gerou sempre, entre autores, polémica e debate. Contudo, num ponto todos eles estariam de acordo: desenvolvimento, ainda que detenha um significado diferente de mudança e, por isso, não possam ser considerados conceitos equivalentes, o primeiro, seja a que nível for, implica necessariamente o segundo (Lerner, 2002). Emergem de imediato novas questões. Qualquer mudança poderá ser encarada como desenvolvimento ou, pelo contrário, só as mudanças que ocorrem de forma sistemática e sucessiva, mediante um padrão comum para todos os indivíduos, deverão ser consideradas? A acrescentar, Salkind (2004) foca a ideia de que para além do padrão progressivo de mudança, em que um estágio desenvolvimental se segue a outro, esta resulta da interacção de factores biológicos e ambientais.

A dicotomia *nature versus nurture* já era considerada. Todavia, a forma como era olhada sofreu transformações e se alguns defendiam ser importante pesar a relevância do inato face ao adquirido, ao longo do último século foi crescente o número de psicólogos do desenvolvimento que concordaram em afirmar que a questão fundamental não é perceber qual dos factores impera, mas sim, determinar como se processa a sua interacção (Anastasi, 1958, cit. por Salkind, 2004) e, mais ainda, apreender a forma como esta está implicada, positiva ou negativamente, no desenvolvimento, influenciando a pessoa que somos (Kail & Cavanaugh, 2010).

Em suma, e num sentido lato, o desenvolvimento é actualmente assumido, pela generalidade das perspectivas teóricas, como um processo interactivo que subentende a ocorrência de mudanças de cariz funcional e comportamental, individuais, (Fonseca, 2005), no qual o sujeito detém um papel activo, desempenhado directa (pela realização de escolhas) ou indirectamente (ao agir sobre os contextos em que o desenvolvimento decorre), estando exposto a diversas forças internas e/ou externas (Lerner & Walls, 1999) e sendo marcado por continuidades e descontinuidades.

Tomando como ponto de partida as noções gerais apresentadas, enveredemos pelo estudo das principais contribuições teóricas no âmbito específico do Desenvolvimento do Adulto Emergente, ambicionando compreender a etapa desenvolvimental, em si mesma, e o seu reflexo na vivência do estudante universitário, colocando em destaque a dimensão relacional íntima.

1.1. **Adulthood Emergent: Developmentalist Perspectives**

A conceptualização do desenvolvimento humano alterou-se e a visão da estagnação desenvolvimental coincidente com a entrada na vida adulta foi substituída por uma perspectiva que dota esta fase de uma gênese própria e com características evolutivas específicas (Marchand, 2001), na qual a mudança contínua, permanente e dinâmica, tem lugar ao longo de todo o ciclo vital (Coutinho, 2010). Assim, foi no decorrer dos anos 60 do século XX que surgiram as primeiras abordagens ao desenvolvimento na vida adulta (Silva, 2008) cujo enfoque incidia na resolução de tarefas específicas reveladoras do desenvolvimento do *self* em estreita ligação com o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Divididas em dois grandes grupos, umas postulavam que o desenvolvimento se fazia mediante estádios ou fases potencialmente mais maduros e integrados que os anteriores (como defendido por Erikson, 1968); outras focavam-se concretamente nas mudanças (perspectiva apresentada por Levinson et al., 1978), não detendo estas, obrigatoriamente, carácter de maior maturidade ou integridade (Marchand, 2001).

Constituindo um corpo teórico bastante robusto, as teorias mencionadas têm-se revelado basilares no campo do desenvolvimento humano adulto permitindo a emergência de perspectivas mais aprofundadas. Neste contexto, surge a proposta de Arnett (1997, 2004) relativa à etapa específica do desenvolvimento sob a qual incide o presente trabalho – a Adulthood Emergent (“Emerging Adulthood”).

Erikson (1968), ao propor a primeira teoria do curso de vida, desde o nascimento até a velhice, apesar de não distinguir um estádio concreto relativo ao da adulthood emergent, nomeia-a, fazendo referência à noção de adolescência prolongada. Ao defini-la como um período situado entre a adolescência e a jovem adulthood, no qual se assiste ao adiar de compromissos e responsabilidades típicas do adulto e a uma concomitante experimentação de papéis (Arnett, 2000; Monteiro, Tavares & Pereira, 2009), que teve início na adolescência, dá os primeiros contributos para a conceptualização desta etapa.

A sua teoria, influenciada por fundamentos psicanalíticos, estudou as consequências de experiências precoces ao longo da vida. Contudo, não se deteve por aqui, incidindo também na natureza das mudanças qualitativas ao longo da idade média e avançada (Salkind, 2004). Postulou também que, o desenvolvimento psicológico, embora determinado por imperativos biológicos, resultava da interacção de processos maturacionais ou necessidades biológicas e das exigências e pressões sociais (Erikson, 1968), processando-se mediante estádios de natureza psicossocial,

em detrimento dos estádios psicosexuais apresentados anteriormente na Teoria Freudiana. Neste contexto, Erikson salientou a importância estrutural do ego para o funcionamento psicológico do indivíduo e como determinante da sua identidade (Erikson, 1995/1950; Erikson & Erikson, 1982/1998), na medida em que este era considerado o responsável pela execução de acções em busca de um objectivo e o intermediário entre os impulsos biológicos do id e dos constrangimentos sociais do super-ego (Salkind, 2004), permitindo, através do uso das suas habilidades adaptativas (Hook, 2009), resolver as crises desenvolvimentais características de cada estágio e assim, promover o desenvolvimento (Salkind, 2004).

Na base da sua construção teórica encontra-se o princípio epigenético, que (Erikson, 1968, p.52) explica de um modo geral: “Tudo o que cresce tem um plano subjacente, e (...) desse plano as peças surgem, cada uma com tempo específico de ascendência até todas as peças terem surgido, visando o atingir de um todo funcional”, que não pode ser reduzido às suas partes constituintes, pois supera-as, e que é controlado por processos maturacionais. Por outras palavras, o crescimento decorre mediante um plano espaço-temporal contínuo onde o desenvolvimento psicossocial tem lugar, partindo de uma organização experiencial que vem possibilitar a reestruturação e conseqüente emergência do sentido da identidade (Marchand, 2001), desde a infância, e a assimilação de papéis sociais (Costa, 1991, cit. por Andrade, 2006).

Ao propor para a identidade, através do seu modelo psicossocial, um carácter de ajustamento interno subjectivo a um contexto externo social, assume, desde então, as premissas de que esta não é um sistema fechado não passível de sofrer modificações (Noack, 2007), devendo ser encarada, em vez disso, como um percurso, um processo psicossocial que apesar de ser constante em alguns traços fundamentais (Noack, 2007), se constrói, reconstrói e elabora ao longo de toda a vida (Erikson & Erikson, 1998/1982). Esta (re)construção acontece de forma sequencial, durante oito fases distintas de desenvolvimento, a que correspondem idades cronológicas relativamente predeterminadas bem como uma capacidade específica para integrar experiências (Costa, 1991, cit. por Andrade, 2006).

Em cada uma das oito fases referidas está representada uma função do *self* (Fonseca, 2005) operacionalizada através de um conflito específico que detém particular significado para o desenvolvimento psicossocial (Salkind, 2004). Com efeito, considerando que Erikson concebe os indivíduos como seres capacitados a resolver construtivamente os problemas ao longo do ciclo vital (Hook, 2009) a (não) superação

do momento de crise pode significar regressão ou progresso (Salkind, 2004; Coutinho, 2010), no desenhar de uma identidade total, revelada através de uma adaptação activa, na qual participam novas modalidades de interacção social (Fonseca, 2005). E, porque na presente teoria o desenvolvimento resulta de um processo regular, ordenado e cumulativo (Erikson, 1995/1950), apesar da emergência de um estágio ser independente da resolução positiva do estágio anterior (Costa, 1991, cit. por Andrade, 2006), a qualidade da mesma é função da negociação bem sucedida de estágios precedentes (Salkind, 2004; Hook, 2009), na medida em que é na resolução das crises desenvolvimentais anteriores e na sua integração por parte do ego que reside a preparação e a capacidade para resolver as tarefas vindouras (Hook, 2009). Há que ressaltar, porém, que as duas possibilidades opostas de ultrapassar cada dilema não são discretas, constituindo, em vez disso, os extremos de um *continuum* representativo do funcionamento psicológico, dados como irreais (Salkind, 2004). Desde modo, ao vivenciar cada momento de crise, os indivíduos encontram-se receptivos à consideração de sentimentos positivos (por exemplo, confiança, intimidade, integridade) e expostos à acção de sentimentos negativos (a saber, culpa, inferioridade, isolamento) (Erikson, 1995/1950).

Em suma, o trabalho de Erikson mostrou-se uma tentativa pioneira de formular uma leitura interaccionista do desenvolvimento humano (Fonseca, 2005), ocorrendo este mediante três eixos: cada ser humano é, simultaneamente, um organismo biológico, um ego e um membro de uma sociedade (Hook, 2009). Apesar de serem as exigências sociais, presentes desde a concepção até à morte, numa complexidade crescente (Marchand, 2001), a agir como factor de mediação determinante no desenvolvimento (Salkind, 2004), o autor defende a integração entre os processos somáticos e intra-psíquicos na explicitação dos períodos de desenvolvimento – Oral-Sensorial, Muscular-Anal, Locomotor-Genital, Latência, Puberdade e Adolescência, Idade Adulta Jovem, Idade Adulta e Maturidade (Erikson, 1980/1959; Coutinho, 2010;)

O desenvolvimento humano resulta, assim, “da mediação bem sucedida do ego entre os estágios físicos e as instituições sociais” (Erikson, 1995/1950, p. 54), visível na obtenção de um amplo e integrativo leque de ferramentas vitais que culminam na individuação autónoma (Hook, 2009).

Segundo a proposta teórica de Erikson (1968; Erikson & Erikson, 1998/1982), a entrada na vida adulta é caracterizada pela resolução das questões identitárias (que tem lugar entre os 13 e os 18 anos) assumindo-se a construção da identidade como tarefa fulcral do desenvolvimento, durante a adolescência. Sendo detentora de uma

dupla função, psicológica e social, esta construção manifesta-se na necessidade de compreensão, por parte do jovem, da sua individualidade, o que só é possível devido ao aparecimento de capacidades cognitivas e à aquisição de novas competências sociais, desde o período da adolescência até ao início da vida adulta. Neste momento final surge um período social que Erikson definiu de moratória, no qual tem lugar a redefinição da individualidade, aumentando a sua consistência, o emergir de um sentido mais coerente e integrado do *self*, que subentende a envolvimento em processos activos de exploração de si e do mundo (Silva, 2008), no qual experiências passadas e presentes são assimiladas e projectadas num futuro, permitindo o delinear de objectivos, a manifestação de opções firmes, nas áreas vocacional, ideológica e interpessoal, o desempenho de papéis de adulto (Andrade, 2006). Tem ainda lugar o surgimento da fidelidade que, de acordo com Erikson se prende com a capacidade do indivíduo ser verdadeiro consigo próprio, estabelecendo compromissos baseados num conjunto de valores essenciais para si (Erikson & Erikson, 1998/1982).

Ao término deste estágio, e começo do seguinte – Jovem Adulter, dos 18 aos 34 anos –, com a maturidade biológica totalmente alcançada, está associado um movimento de descentração progressiva do *self*, que vem possibilitar um avanço em relação ao outro, e assim, permitir o confronto com as questões da intimidade (Silva, 2008). Nas palavras de Erikson (1995/1950, p.242) “o jovem adulto, que emerge da busca (...) de uma identidade, deseja e dispõe-se a fundir a sua identidade com a dos outros. Está preparado para a intimidade, isto é, é capaz de se entregar a ligações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo que imponham sacrifícios e compromissos significativos”. O sucesso da superação deste estágio e a colocação ao nível do *continuum* Intimidade *versus* Isolamento, assenta, assim, na capacidade de investir os sentimentos, os sistemas de crenças, valores e objectivos num outro, num contexto específico pautado pela autonomia, pela confiança e por um sentido claro de identidade, onde a verdadeira genitalidade tem espaço para emergir (Salkind, 2004; Coutinho, 2010). Reunidos, estes aspectos fazem com que o presente estágio ilustre a importância de se obter sucesso na resolução das tarefas dos estágios precedentes (Salkind, 2004). Por exemplo, na etapa imediatamente anterior, um resultado de confusão de papéis conduzirá, eventualmente, a um sentido de identidade pobre, rígido, frágil ou difuso (Silva, 2008) que poderá resultar em relações superficiais, pouco espontâneas e sem sucesso (Erikson, 1968; Erikson & Erikson 1998/1982), onde se denota, por parte do sujeito, o erguer continuado de barreiras sob forma de protecção do *self*.

Concluindo, se a intimidade pressupõe o auto-abandono e o sentimento de que a fusão com o outro não ameaça a identidade do *self*, quando estas premissas não são alcançadas a verdadeira intimidade não é atingida (Marchand, 2001), surgindo o seu reverso, o isolamento (Erikson, 1995/1950).

Também Levinson deu uma contribuição teórica relevante na delimitação do período de vida da Adulterez Emergente (Levinson et al., 1978), que vai ao encontro da já apresentada, realizada por Erikson, em que a experimentação de papéis, típica da moratória psicossocial era colocada em relevo (Monteiro et al., 2009).

A vida adulta, para este autor, é perspectivada em termos de mudança, desenvolvendo-se ao longo de uma alternância de fases estáveis que, apesar de serem detentoras de características singulares, não significam obrigatoriamente uma progressão no desenvolvimento, com fases de transição, durante as quais a estrutura precedente é revista ou mesmo alterada (Marchand, 2001). Esta sequência de fases, denominadas metaforicamente de Estações de Vida (Levinson et al., 1978), apresenta uma base similar para todos os indivíduos e ocorre segundo uma ordem pré-estabelecida.

Nos períodos estáveis, cada um com tarefas específicas associadas e podendo ter uma duração entre seis a dez anos, é suposto verificar-se a construção de estruturas de vida, através de escolhas-chave. Por sua vez, entre estas fases estáveis encontram-se, como já referenciado, as etapas de transição. Com uma extensão temporal de quatro a cinco anos, são o momento fronteiro e de passagem, entre duas fases estáveis, em que o indivíduo finaliza a estrutura construída na fase estável imediatamente anterior e faz surgir a possibilidade da criação de uma nova, acarretando necessariamente um processo de mudança e adaptação (Coutinho, 2010). Não sendo pautados por um tempo cronológico, estes períodos de transição, são condicionados pela resolução das tarefas de questionamento e exploração, inerentes a cada período – onde a estrutura actual é contestada e avaliada e onde tem lugar uma análise das possibilidades de mudança pessoais e do mundo –, e pela capacidade do indivíduo em avançar para novas tarefas de construção ou melhoramento da estrutura de vida seguinte – em que, com algum nível de compromisso, serão feitas escolhas basilares para o futuro (Levinson et al., 1978).

Este processo de transição sequencial do desenvolvimento através dos vários períodos deriva da conjunção do processo maturacional com forças bio-psico-sociais e está inserido numa macro-estrutura – Era –, conceptualmente criada por Levinson e colaboradores (1978). Com efeito, para o autor, o desenvolvimento progride por Eras,

sendo este um conceito amplo e abrangente que abarca o desenvolvimento biológico, o desenvolvimento da personalidade e da carreira, superando largamente os construtos de período ou fase desenvolvimentais (Levinson et al., 1978).

De forma sintética, a primeira Era, Pré-Idade Adulta engloba o tempo decorrido entre o nascimento e os 22 anos e é aquela em que se verifica um mais rápido crescimento biopsicossocial. A segunda Era, a Idade Adulta Jovem, vê os seus limites cronológicos situados entre os 17 e os 45 anos. Este período é marcado pela presença intensa de escolhas, no qual o jovem deve ambicionar construir uma estrutura de vida reveladora de uma ligação *self* – sociedade adulta, que lhe irá possibilitar lidar com as vertentes social, moral, amorosa e profissional desta nova Era. A terceira Era é designada por Meia Idade e o seu horizonte temporal estende-se dos 40 aos 65 anos. Nesta, pressupõe-se que os indivíduos se tornem mais compassivos e judiciosos pois é denotado um menor sentido de ameaça por parte de conflitos internos e exigências externas. Por fim, tem lugar a quarta Era, cujo início tem lugar aos 60 anos. Pode verificar-se que, entre cada duas Eras se observa uma sobreposição – o período de Transição – podendo referir-se a transição da Idade Adulta Jovem, dos 17 aos 22 anos, a transição da Meia Idade, dos 40 aos 45 anos e a transição da Idade Avançada (Coutinho, 2010).

O percurso da vida adulta tem início com a transição da Idade Adulta Jovem, à qual se seguirão três etapas, contidas na segunda Era. A esta transição que, na prática, constitui uma ponte entre a infância e a idade adulta, estão inerentes duas tarefas mestras, ambas relacionadas com escolhas que o jovem adulto deve fazer: abandonar o mundo pré-adulto e lançar-se no universo adulto. E, apesar de por transição se falar em viragem crucial no ciclo de vida (Marchand, 2001), esta vem, particularmente carregada de significados. Olhar esta transição implica falar, por um lado, em separação (Levinson et al., 1978), num sentido profundo e, simultaneamente, em reavaliação e mudança. Separação manifestada pela crescente autonomia financeira e no assumir de novos papéis e responsabilidades mas, mais importante ainda, uma separação, um distanciamento e diferenciação do *self* face às figuras primeiras de vinculação, com conseqüente mudança de objectos de vinculação, e um sentido de autonomia crescente ante as autoridades parentais. Implica ainda pensar nas ligações iniciais ao mundo adulto explorando potencialidades, definindo opções e clarificando objectivos, percebendo a participação que nele poderá vir a ter, possibilitando a consolidação e uma maior autodefinição enquanto adulto (Marchand, 2001; Coutinho, 2010).

Mergulhando no início da vida adulta propriamente dita, Levinson e colaboradores (1978) identificam três etapas distintas, cada uma com características próprias: (1) a entrada no mundo adulto (*entering the adult world*), (2) a transição dos 30 anos (*age 30 transition*) e (3) o estabelecimento (*settling down*).

Especificamente, a entrada no mundo adulto (dos 22 aos 28 anos) apresenta-se como a primeira estrutura de vida em que os alicerces da vida adulta, começados a desenhar na transição precedente, se verão avaliados, redefinidos e consolidados (Silva, 2008). A partir de então, os indivíduos ver-se-ão a braços com duas tarefas, em certa medida antagónicas, isto é, se se pretende, por um lado, que aconteça uma exploração das possibilidades da vida adulta, por outro, deve desenvolver-se uma estrutura de vida estável (Levinson et al, 1978). Neste sentido, o adulto novato, ao tentar estabelecer uma relação entre o *self* e a sociedade adulta (Coutinho, 2010), vê-se embrenhado numa missão complexa em que nem sempre é fácil atingir um equilíbrio, pois pressupõe uma postura de abertura em relação a diferentes opções, maximizando alternativas ao mesmo tempo que prevê uma responsabilidade e foco crescente nos objectivos (Marchand, 2001).

Seguidamente, em torno dos 28/ 29 anos o indivíduo atinge a Transição dos Trinta Anos, apelidada também de crise dos trinta. Esta em nada se assemelha à crise anterior, vivida na adolescência, nem à vindoura, a acontecer nos cinquenta anos, sendo detentora de tarefas desenvolvimentais singulares. De facto, é neste período que surge a oportunidade de agir sobre as falhas e limitações da primeira estrutura de vida, tornando-a mais satisfatória e com maior capacidade de enfrentar a fase seguinte (Levinson et al., 1978).

As duas etapas a que se dedicou especial atenção foram aglomeradas por Levinson e colaboradores (1978), compondo a Fase Noviça, sendo que as tarefas que lhe estão subjacentes deixam perceber a similitude face às ideias de Erikson no que à existência da moratória psicossocial respeita (Arnett, 2000): (1) Formação de um Sonho e integração do mesmo na estrutura de vida, ou seja, o indivíduo deve tentar dotar o seu Sonho de maior definição e encontrar forma de o concretizar, avaliando a dinâmica interna *versus* externa no que à possibilidade dessa realização concerne; (2) Formação de uma relação com um Mentor, que deve desempenhar um misto de funções de professor, conselheiro e apoiante e, sendo mais velho, possuirá uma experiência acrescida do mundo que para o jovem é novo. A relação com este Mentor, inicialmente assimétrica, tenderá a simetrizar-se e a tornar-se mútua, após ter acontecido uma internalização da figura do Mentor, por parte do jovem adulto; (3)

Formação de uma profissão ou formação de uma ocupação, que mostra ser um processo biopsicológico complexo e moroso; e, (4) Formação de relações amorosas, casamento e família. As quatro tarefas apresentadas não serão totalmente completadas nesta fase, vindo nas etapas seguintes a sofrer progressos significativos. Um terceiro autor alcançou lugar de destaque nesta linha de investigação ao propor uma terminologia específica para o período da vida em foco, tornando-o real e concreto. Kenneth Keniston (1965, cit. por Arnett, 2000; Monteiro et al., 2009) na sua *Theory of Youth* sugeriu o termo Juventude (“Youth”) e conceptualizou-o como sendo uma fase de vida intermédia, marcada pela “tension between self and society” (Keniston, 1971, p. 8, cit. por Monteiro et al., 2009) e pela “refusal of socialization” (Keniston, 1971, p. 9, cit. por Monteiro et al., 2009), onde tinha lugar a experimentação de papéis, paralelamente a uma resolução de questões-chave da adolescência (Silva, 2008). Contudo, a aplicação deste termo revelou-se problemática: a palavra Juventude, dependente do contexto em que era utilizada, poderia referir-se a diversas idades, não se cingindo ao período teorizado e, assim, cedo foi abandonada pela comunidade científica (Arnett, 2007a).

Apesar de Erikson, Levinson e Keniston terem cooperado de forma relevante para a elaboração de um enquadramento teórico explicativo do período decorrido entre a adolescência e o final da década dos vinte anos, pois permitiram pensar a idade adulta enquanto período pleno de conquistas e progressos em detrimento de uma concepção vazia e termos de desenvolvimento, o contexto histórico-cultural em que esta contribuição teve lugar sofreu profundas alterações e, conseqüentemente, a abordagem ao desenvolvimento exigiu um ajuste (Arnett, 2000; Arnett, 2007b).

O paradigma proposto na Teoria Eriksoniana, que postulava uma passagem directa da adolescência para a jovem adultez, enquadrava-se numa sociedade e numa perspectiva desenvolvimental em que os indivíduos casavam e davam início a uma actividade laboral a tempo inteiro no início da casa dos vinte anos. Contudo, no final do século XX, este mostrou-se ultrapassado e desadequado, não se adaptando à realidade em permanente evolução (Arnett, 2007a). De facto, as condições económicas que se foram criando nas sociedades industrializadas, reflectiram-se junto dos jovens através de diversas mudanças, nomeadamente, ao nível de uma educação alargada no tempo e uma conseqüente entrada tardia no mundo do trabalho e, a nível pessoal, ao verificar-se um adiar do começo da vida marital, pois a coabitação e o sexo pré-marital começam a ser vistos como mais comuns, bem como da parentalidade (Arnett, 2007b).

Atendendo às mudanças demográficas verificadas na última metade do século XX, os anos decorridos entre a adolescência e a adultez, propriamente dita, deveriam ser encarados como mais do que um período breve de transição e, assim, numa tentativa de adaptar o desenvolvimento à nova realidade (Coutinho, 2010), é pela mão de Arnett que se assiste a um verdadeiro esforço de unificar as diferentes propostas fornecidas por diferentes linhas de pensamento e investigação (Monteiro, Tavares & Pereira, 2009) ao ser proposta a Teoria da Adultez Emergente (Arnett, 2000).

Esta, apresentada como uma infra-estrutura teórica reconhecedora de que a transição para a idade adulta era neste momento longa o suficiente para constituir, por si só, um período individualizado e normativo do desenvolvimento da vida humana nas sociedades industrializadas (Arnett, 2000; Arnett, 2007b), pretendeu conceptualizar as experiências decorridas desde o desfecho da adolescência até ao final da casa dos vinte anos, com especial incidência na faixa dos 18 aos 25 anos (Arnett, 2000).

Segundo Arnett (2000) esta altura compreende um período rico de vivências e explorações que, apesar de sobreposto à adolescência e à idade adulta, perderia complexidade ao ser aglomerado com estas fases adjacentes (Arnett, 2007b; Coutinho, 2010). Em virtude dessa qualidade, é precisamente caracterizado pela marcada variabilidade e densidade demográfica (Monteiro et al., 2009): “is the only period of life in which nothing is normative demographically” (Arnett, 2000, p. 471), bem como pela heterogeneidade e limitada estruturação (Arnett, 2007a).

Numa tentativa de definir com maior rigor esta fase do ciclo de vida, Arnett (2000) sugeriu cinco características de natureza social, que se repercutem directamente ao nível do desenvolvimento psicológico e que tornam a adultez emergente distinta do ponto de vista psicossocial (Andrade, 2006): 1) é a idade das explorações identitárias, 2) é a idade da instabilidade, 3) é a idade focada no *self*, 4) é a idade de se sentir *in-between* e, 5) é a idade das possibilidades.

A primeira característica, Explorações Identitárias, reporta a Erikson (1968), uma vez que este propunha na sua Teoria do *Life-span* que a crise identitária seria o desafio com o qual os adolescentes se deparariam. Todavia, Arnett (Tanner, Arnett & Leis, 2009) defende que apesar desta ideia ser fundamentada, muitas explorações da identidade continuam a desenrolar-se na fase da adultez emergente, embora com novos contornos. Os indivíduos, agora mais independentes, nomeadamente em relação ao controlo parental, do que na adolescência, mas ainda livres dos compromissos e responsabilidades típicos da vida adulta, encontram um nicho ideal para exploração de possibilidades, principalmente as do foro afectivo e profissional

(Andrade, 2006; Coutinho, 2010). É neste processo de exploração que o adulto emergente clarifica as suas identidades, reflectindo acerca da pessoa que é, daquela em que gostaria de se tornar e que parceiro seria adequado para si, ao longo da vida, em detrimento da perspectiva romântica centrada no aqui e agora, típica da adolescência (Monteiro et al., 2009; Coutinho, 2010).

De mãos dadas com a primeira característica surge a segunda, a Idade da Instabilidade, que assenta e reflecte as explorações que são levadas a cabo neste momento – por exemplo, a mudança de residência para estudar noutra local (Coutinho, 2010) –, dotando-o de um carácter excepcionalmente estimulante mas também deveras instável (Monteiro et al., 2009).

A concepção deste período como a Idade Focada no *self* refere-se a uma especificação única desta idade uma vez que só nesta ocasião coexistem condições de desprendimento face a obrigações diárias e deveres sociais para com os outros que permitem ao adulto emergente grande autonomia na gestão da sua vida (Coutinho, 2010), bem como torna possível uma reflexão mais profunda acerca de si mesmo. Constituindo-se como salutar e temporária, a noção de se focar no *self* ao promover o desenvolvimento de capacidades para o quotidiano e o começo da construção dos pilares para a vida futura, tem como objectivo máximo a auto-suficiência (Arnett, 1998, 2004) – dimensão que ocupa um papel central na representação que os adultos emergentes detêm acerca do ser adulto.

A quarta característica prende-se com o facto do indivíduo se situar entre a adolescência e a adultez e, por esta razão, é denominada de Idade do Sentimento de Indefinição (*Age of Feeling In-Between*). É um período de transição, onde restrições da fase precedente partilham lugar com as responsabilidades da fase subsequente, conduzindo a um contexto de indefinição (Coutinho, 2010). Num estudo realizado por Arnett (2001), quando inquiridos acerca de já terem atingido a idade adulta, a maioria dos sujeitos (60%) respondeu “De certa forma sim, de certa forma não.”, conferindo à Adultez Emergente uma subjectividade distinta (Arnett, 2007a). Isto reflecte que a entrada efectiva na idade adulta está intimamente relacionado com o alcançar de critérios de forma gradual e incremental (Coutinho, 2010) que se ligam com a responsabilidade pelas próprias acções, a tomada de decisões independentes, a autonomia financeira (Monteiro et al., 2009; Tanner et al., 2009) e com o desenvolvimento da capacidade de estar só (Arnett, 1998, cit. por Arnett, 2003).

Por fim, é considerada a Idade das Possibilidades, aspecto que deriva directamente de todas as características já mencionadas. Por um lado, a entrada na

adulterez é perspectivada com grande esperança, optimismo e expectativa e, independentemente da situação actual vivida pelo adulto emergente ser a que sempre desejou, este acredita que no futuro se auto-realizará e alcançará uma expressão da sua identidade. Por outro lado, é um momento representado pela oportunidade de se tornar independente, de tomar decisões relativamente ao tipo de pessoa que se quer ser e ao tipo de vida que se pretende (Monteiro, et al., 2009; Tanner et al., 2009).

Apesar do esforço de conceptualização realizado por Arnett, importa ressaltar que continuam a surgir na literatura, com relativa frequência, denominações como “Adolescência Tardia” e “Juventude”, para esta etapa do ciclo vital (Andrade, 2006). Para o autor, se o termo “Juventude” parece desadequado e pouco preciso (Silva, 2008), ao referir-se o termo “Adolescência Tardia” as implicações são mais profundas. Ainda que levada em conta toda a controvérsia da idade, dos papéis sociais e da forma como a transição é efectivamente concebida pelos jovens, é ponto assente que falar em adolescência reporta a um período onde as mudanças são qualitativamente distintas das vividas na fase da Adulterez Emergente (Silva, 2008).

Não só a nível físico, cujas diferenças são evidentes, pois os adolescentes não atingiram ainda uma fase de maturidade tão avançada como os adultos emergentes, tal como a nível social, em que os primeiros são dependentes do ponto de vista instrumental e afectivo dos progenitores, é sobretudo a nível psicológico, que as disparidades assumem maior relevância: o adulto emergente, apesar de dar continuidade à tarefa de construção da identidade fá-lo agora com recurso à exploração, em detrimento de uma óptica marcada pela reprodução de modelos ou de indecisão, tipicamente adolescente (Arnett, 2000; Arnett, 2006, cit. por Andrade, 2006), num contexto de autonomia, anteriormente inexistente.

Especificamente, no mundo profissional, em substituição dos *part-times* realizados pelos adolescentes, surgem experiências de emprego mais focadas na preparação de papéis profissionais adultos que contribuem de forma activa para a construção identitária (Arnett, 2000).

Igualmente no campo amoroso é possível estabelecer uma comparação: as relações, com a entrada na Adulterez Emergente, tornam-se mais íntimas e sérias denotando-se uma maior exploração do potencial da intimidade física e emocional (Arnett, 2000). Ao revelarem-se mais pensadas, estas abandonam o carácter experimental e transitório que detém na adolescência, passando também a reflectir com maior fidelidade a identidade do sujeito (Tanner et al., 2009).

No contexto que tem vindo a ser explanado, e numa fase desenvolvimental em que a experimentação e a exploração se apresentam como palavra de ordem proporcionando um tempo cheio e intenso para muitos indivíduos, importa considerar os aspectos menos positivos. Desligados de compromissos maiores, é neste período que surge, por exemplo, a possibilidade de enveredar por uma variedade de comportamentos de risco, espelho da ânsia de experimentar o maior número de coisas antes de “assentar” e aceitar os papéis e as responsabilidades da adultez. (Arnett, 2000). A variabilidade crescente de experiências românticas e sexuais (Arnett & Jensen, 1999) muitas vezes associadas à ocorrência de sexo desprotegido, consumos de substâncias ilícitas e álcool é disso reflexo, podendo resultar em desapontamento, desilusão ou rejeição (Arnett, 1992; Bachman, Johnston, O’Malley, & Schulenberg, 1996, *cits. por* Arnett, 2000).

Em suma, apresentando este novo conceito, baseado parcialmente nas visões de Erikson e Levinson, Arnett (*cits. por* Coutinho, 2010) estabelece um período diferenciado de transição extremamente heterogéneo, com qualidades mutáveis e de redefinição de vida que engloba fases de exploração e decisão, aportando sentimentos de insegurança e auto-centração que se traduzem em cenários de oportunidades e de desafios face ao futuro (Coutinho, 2010; Andrade, 2006).

1.2. O Estudante Universitário: Um Adulto Emergente

O momento em que se deixa de ser adolescente e se entra na idade adulta, apesar das contribuições já enunciadas, continua a não encontrar unanimidade na sua definição. Muito em parte pelas modificações ocorridas nas sociedades ocidentais, nomeadamente no retardar da formação académica e na impossibilidade de uma estabilidade profissional em reunião com o processo de emancipação residencial (Andrade, 2010), o tempo da adolescência vê-se continuamente alongado (Anatrella, 1991), conferindo à actualidade uma tendência adolescêntrica que remete para uma transição, progressivamente, mais lenta e complexa, portadora de novos desafios, que se reveste de especial sentido no meio universitário (Anatrella, 1991, *cit. por* Machado, 2000; Andrade, 2010).

De facto, segundo alguns autores (Arnett, 1997, 1998, 2000, 2004; Keniston, 1968; Klein, 1990; Sprinthall & Collins, 1994, *cits. por* Silva, 2008), entre os representantes da fase do desenvolvimento que tem vindo a ser focada – a Adultez Emergente – os Estudantes Universitários assumem o protagonismo, afigurando-se inclusivamente, como a justificativa para o aparecimento da mesma.

Assumindo que o ensino superior não se constitui como uma entidade meramente educativa mas que, em vez disso, é o resultado da convergência de múltiplas tarefas adaptativas, de realização, de integração (Moreira, 2007), de consolidação da identidade pessoal e social (Andrade, 2010) e que a sua frequência manifesta um efeito directo – expressa ao nível do desenvolvimento moral (Rest & Navarez, 1991) e do desenvolvimento cognitivo (Lourenço, 1994; Pascarella et al., 1995) – e indirecto – visível no adiamento de certos compromissos como a transição para a parentalidade (Wu & Macneill, 2002) – no desenvolvimento do adulto emergente, pode afirmar-se, com certeza, que este é um contexto privilegiado para o estudo dos processos de aprendizagem e desenvolvimento e, mais ainda, para compreender a forma como acontece a transição para a vida adulta, ponderando todas as suas dimensões (Silva, 2008).

A entrada para a Universidade constitui-se, então, como uma ocasião fundamental e estimulante na vida dos jovens, onde o desenvolvimento de capacidades e competências para lidar com a complexidade do mundo e da identidade (Diniz & Almeida, 2006) pode ter lugar. Neste âmbito, a díade oportunidades e escolhas assume um lugar de destaque e, por potenciar novas aquisições e estruturas pessoais, deve ser olhada com especial atenção.

Numa altura em que muitos estudantes estão ainda envolvidos na resolução de conflitos identitários significativos da adolescência (Costa, 1991; Erikson, 1968; Marcia, 1980, cits. por Diniz & Almeida, 2006), o ambiente académico imprimirá, em cada um deles, um impacto muito diversificado, que é função das vivências individuais (Upcraft & Schuh, 1996).

Nesta fase, caracterizada pela profunda mudança e frequentemente descrita como uma altura de crise, o estudante universitário encontra-se exposto a novas mundivisões, resultantes das aprendizagens académicas e da mudança de “estilo de vida” (Guiddens, 1997). Na maioria dos casos, confronta-se com a necessidade de sair de casa, separar-se da família e dos amigos e ingressar num mundo totalmente desconhecido, onde as suas imagens pessoais são postas à prova, onde o receio de não ser aceite está subordinado às exigências sociais e a solicitação de uma maior independência e capacidade de decisão, relativamente ao seu futuro (Soares, Almeida, Diniz & Guisande, 2006) são constantes. No fundo, vê-se confrontado com a necessidade de crescer e é neste período que irá encontrar a moratória necessária a tal, podendo, de forma gradual e ainda sob protecção relativa da família e sociedade, preparar-se para a assumpção dos poderes e responsabilidades da vida adulta,

examinando e testando novos papéis, atitudes, crenças e comportamentos (Pascarella & Terenzini, 1991, 2005).

Este momento de adaptação, mas também de confirmação de expectativas, pois são cada vez mais os jovens que ingressam na Universidade apostando na sua formação superior e também enquanto pessoa, tende a ser analisado pelos vários autores mediante duas vertentes (Brower, 1992): a académica, que respeita às experiências directamente ligadas às aprendizagens e ao ensino e a social, relativas ao estudante enquanto ser integrante da comunidade, e por isso recaindo sobre as suas vivências interpessoais.

Numa óptica estritamente académica, o ensino universitário é, por si só, desafiador: o ambiente ensino-aprendizagem apresenta-se menos estruturado do que aquele a que o jovem vinha acostumado, no qual as normas, as expectativas e as exigências colocadas são mais ténues e ambíguas, mas em que, simultaneamente, lhe é solicitado um nível superior de iniciativa e uma resposta mais independente e autónoma na gestão do seu tempo, no estabelecimento de objectivos e na definição de estratégias para os atingir (VanZile-Tamsen & Livingston, 1999).

Mas, porque o desenvolvimento do estudante se processa de uma forma holística (Terenzini, Pascarella & Blimling, 1996), concomitantemente às alterações contextuais a que este é exposto, operam mudanças desenvolvimentais internas derivadas do estágio de vida em que este se encontra (Santos & Almeida, 2001), características do final da adolescência e início da vida adulta, pertencentes a um espaço onde já não se é adolescente, mas também ainda não se é adulto (Machado, 2000). Assim, esta segunda dimensão pode dizer-se ancorada na influência de aspectos psicodinâmicos e desenvolvimentais, etariamente enquadrados, sobre a actualidade experiencial dos estudantes (Costa, 1991; Erikson, 1968, cit. por Diniz & Almeida, 2006; Chickering & Reisser, 1993).

O reconhecimento de que esta população é confrontada com uma multiplicidade de tarefas nos domínios académico, social, pessoal, emocional e profissional em conjugação com o interesse pelo estudo do desenvolvimento humano na vida adulta, abriu espaço à construção de teorias e modelos explicativos, tornando esta área de interesse uma das mais relevantes da Psicologia nas últimas décadas (Pascarella & Terenzini, 1991, 2005).

Sanford (1962, cit. por Silva, 2008) foi um dos pioneiros neste campo de estudo e, sendo influenciado pela Teoria Freudiana, pretendeu estabelecer uma relação entre o desenvolvimento da personalidade e o currículo universitário. Para tal, desenvolveu

uma proposta em que o desenvolvimento psicossocial dos estudantes do Ensino Superior decorreria mediante três etapas: (1) a libertação dos impulsos – na qual o aluno de primeiro ano é visto como um indivíduo carregado de fortes impulsos, representativos de uma consciência rígida e no qual se verifica a presença de pensamentos estereotipados, intolerância, ambiguidade e moralidade punitiva –, (2) o esclarecimento da consciência – que emerge ao longo dos anos de frequência da Universidade e que corresponde a uma alteração no modo como o indivíduo se relaciona com o seu sistema de valores, esclarecendo(-se) e individualizando(-se) (d) o conjunto de valores transmitido pela família e comunidade de origem – e, (3) a integração do ego – na qual se assiste a uma percepção progressivamente diferenciada do mundo, a um refinar evolutivo das respostas do sujeito e, sobretudo, a uma consciencialização crescente destes dois processos.

Em síntese, à medida que o desenvolvimento tem lugar, os estudantes, cuja personalidade se vai caracterizando por uma maior complexidade e integridade, tendem a encontrar modos de expressão mais aceitáveis e satisfatórios para os seus impulsos, culminando num estado de autonomia e segurança em si mesmos superiores, numa maior tolerância à ambiguidade e numa capacidade de escolha face às diversas possibilidades (Silva, 2008).

Fortemente inspirado nos trabalhos de Erikson, Sanford e Heath surge outro investigador, Chickering (Chickering & Reisser, 1993), com a sua teoria sobre o desenvolvimento psicossocial dos estudantes do Ensino Superior. Esta veio a revelar-se uma das melhores investigadas e, provavelmente, a que maior visibilidade alcançou neste domínio.

Segundo Chickering (Chickering & Reisser, 1993) o desenvolvimento psicossocial é entendido como um processo de mudança em espiral, de elaboração e de construção para o qual contribui, indubitavelmente, a riqueza do contexto vivencial e, mais ainda, a forma significativa como o estudante o percebe, isto é, experiencialmente estimulante na medida em que nele se encontram novos padrões de interacção psicossocial (Pascarella & Terenzini, 1991, *cits.* por Ferreira, Almeida & Soares, 2001). Assim, é do mosaico de competências, atitudes, crenças, significados e mudança que emergirá o desenvolvimento psicossocial individual, no qual cada aluno representará diferentes formas, cores e texturas (Chickering & Reisser, 1993).

Organizando o desenvolvimento do jovem universitário num conjunto de sete vectores, o autor ambicionava explicitar como este poderia ser função do meio nas vertentes emocional, social, física e intelectual (Larrosa, 2000) e, visando a construção

da identidade, propunha-se a determinar a posição do desenvolvimento em que o estudante se situava indicando também o sentido que este tomaria (Silva, 2008). Deste modo, à semelhança de Erikson, o autor sugeriu a superação de tarefas subjacentes a cada um dos sete vectores cuja resolução afectaria não só a qualidade do presente vector e dos subsequentes, mas também, a progressão/ regressão no processo desenvolvimental (Ferreira & Hood, 1990).

O primeiro vector, o desenvolvimento de um sentido de competência, inclui qualidades físicas (respeitantes a aspectos atléticos e artísticos, à auto-disciplina e à competitividade) e interpessoais (no que concerne a habilidades e ferramentas de escuta, compreensão, comunicação e funcionalidade em diferentes tipos de relação); o segundo, desenvolver e integrar as emoções, torna-se especialmente relevante pois este é um período de grandes oscilações a nível de sentimentos e emoções. Assim, reconhecer estados emocionais e sentimentos negativos e descobrir a forma de lidar com, é o que permite o sucesso deste vector; o terceiro, desenvolver a autonomia em relação à interdependência, requer uma independência emocional, face ao grupo de suporte, e instrumental; o quarto vector, desenvolver as relações interpessoais, divide-se em dois aspectos, (1) tolerância e capacidade para lidar com as diferenças e (2) capacidade de criar intimidade; o quinto vector, desenvolver a identidade, engloba o desenvolvimento que ocorreu nos quatro antecedentes: (1) conforto com o corpo e aparência; (2) conforto com o género e a orientação sexual, (3) sentido de identidade nos contextos social, histórico e cultural, (4) clarificação do auto-conceito e do estilo de vida, (5) auto-aceitação e auto-estima e (6) estabilidade e integridade pessoais; o sexto vector, desenvolver um sentido de vida, pressupõe tomar decisões para o futuro tendo por base objectivos de carreira, aspirações pessoais e compromissos com a família e consigo mesmo; por fim, o sétimo factor, desenvolver a integridade, face aos seus valores, crenças e objectivos e, simultaneamente, ser capaz de pensar os pontos de vista do outro (Chickering & Riser, 1993).

Apesar de Chickering e Reisser (1993) terem concluído que os diferentes vectores tendem a estar organizados de forma sequenciada e não excluindo as diferenças individuais no desenvolvimento psicossocial, os estudos realizados demonstraram que os três primeiros vectores surgem em associação com os três primeiros anos do curso, sendo que os restantes correspondem, geralmente aos últimos dois anos.

Em suma, o percurso universitário ao ser desenhado como lugar de transição e crescimento traz consigo a desafiante possibilidade de transformação, não só ao nível

académico e cognitivo mas, também, ao nível intra e inter-relacional. Assim, é precisamente neste movimento, de se tornar adulto, que o estudante encontrará a oportunidade de rever conflitos e vulnerabilidades e, ao permitir-se estar só, abrirá a possibilidade da construção de novas relações de intimidade, estabelecendo vínculos, ancorados em diferentes espaços afectivos, exteriores ao meio familiar.

2. A Vinculação no Adulto Emergente

Independentemente da especificidade contextual das teorias previamente analisadas e das tarefas desenvolvimentais propostas pelos diferentes autores é incontestável que a adulez emergente se orienta em torno das questões da intimidade, autonomia e competência e que o modo como cada indivíduo resolve, adaptativamente, cada uma delas, é função das experiências, relações e contextos integrantes da sua trajectória desenvolvimental. Sob este domínio, os estudos acerca da vinculação assumem lugar de destaque, não só pelo historial vinculativo do indivíduo, estabelecido durante a infância e adolescência, que se reflecte nas diferenças individuais através da expressão do comportamento de vinculação, mas também pela constante reactivação do sistema de vinculação ao longo do ciclo de vida (Faria, 2008).

Partindo dos estudos do carácter primário da vinculação realizados na Europa em que Himre Herman (cit. por Guedeney, 2004) defende a ideia de uma necessidade primária de agarrar, derivada de estudos com primatas; Ian Suite (cit. por Guedeney, 2004), faz referência ao carácter primário da vinculação mãe-criança; o psicanalista inglês Fairbian (cit. por Guedeney, 2004) propôs o abandono da teoria das pulsões; Balint (cit. por Guedeney, 2004) definiu o conceito de amor primário; Anna Freud e Dorothy Burlingham (cits. por Guedeney, 2004) descreveram os efeitos nefastos de uma separação prolongada em crianças muito pequenas, enfatizando ainda a necessidade primária de vinculação, e nos Estados Unidos da América, onde cresce o interesse em estudar crianças institucionalizadas, nomeadamente por parte de René Spitz (cit. por Guedeney, 2004), John Bowlby encontrou solo fértil para fundar a sua teoria, a Teoria da Vinculação (Bowlby, 1958, 1973, 1979).

Esta, distanciando-se de uma concepção pulsional e metapsicológica, emergiu da conjugação de observações empíricas com a experiência clínica e, partindo de uma abordagem cibernética, cognitiva e etológica, pretendeu contribuir para a compreensão da origem dos padrões relacionais que se estabelecem durante a

trajectória desenvolvimental, explicando a natureza e dinâmica da vinculação da criança à mãe (Guedeney, 2004; Rocha, 2010).

Bowlby afirma que a predisposição para desenvolver laços afectivos é uma característica de base biológica e valor adaptativo da espécie humana (Bowlby, 1958, 1969/1982, cit. por Faria, 2008; Rocha, 2010), surgindo em resposta à sua vulnerabilidade na fase inicial da vida. Deste modo, em termos filogenéticos e ontogenéticos, é a existência de uma relação diádica mãe-bebé gerida por um sistema comportamental regulado que visa a manifestação de necessidades básicas e tem como resultado previsível a obtenção ou manutenção da proximidade a esta figura cuidadora que permite o efectivo sentimento de protecção, segurança e satisfação das necessidades do bebé.

No sentido de dar uma continuidade experimental e suporte científico considerável à Teoria Bowlbyana surgiu o trabalho de Mary Salter Ainsworth (cit. por Guedeney, 2004), que se debruçou, fundamentalmente, sobre a importância dos efeitos da separação precoce prolongada do bebé e da mãe. Esta, não só chegou às mesmas conclusões que Bowlby quanto ao carácter primário da vinculação, como também propõe as cinco fases do esquema de desenvolvimento da vinculação e o conceito de base segura (*Secure Base*) (Guedeney, 2004). Implicado a este último e à noção de protesto face à separação da mãe, surge o paradigma da Situação Estranha (*Strange Situation*), uma situação padronizada em sete episódios de separação e junção, comportando para a criança um nível de stress moderado (Speranza & Odorisio, 2001) que permite descrever três tipos principais de reacção à Situação Estranha, assentes na dicotomia vinculação segura *versus* vinculação insegura (Rocha, 2010): (1) um estilo de vinculação segura (no qual a criança encontra receptividade à sua expressão de mal-estar por parte da figura de vinculação, que por sua vez, lhe proporciona conforto e serve de base segura face aos comportamentos exploratórios (Rocha, 2010); neste caso, após a Situação Estranha o contacto com a figura de vinculação é procurado sem qualquer tipo de ambivalência (Marcelli, 2005)); (2) um estilo denominado evitante (onde se observa uma minimização da expressão das emoções negativas por parte da criança aquando da presença da figura de vinculação, percebida pela primeira como rejeitante (Rocha, 2010); após a Situação Estranha, este padrão de vinculação é marcado por um evitamento da figura de vinculação, não sendo esta nem procurada nem rejeitada por parte da criança (Marcelli, 2005)) e, (3) um estilo ansioso/ambivalente (em que a criança maximiza a expressão de emoções negativas e a exibição de comportamentos de vinculação,

visando a atenção da figura de vinculação que é frequentemente percebida como irresponsiva (Rocha, 2010), quando confrontada com o paradigma da Situação Estranha, a criança detentora deste estilo parece procurar o contacto com a figura de vinculação mas este tende a desaparecer fazendo-se, por isso, referência a uma ligação ansiosa, pós Situação Estranha (Marcelli, 2005)) e que deixa perceber a relação das categorias de vinculação e o estilo de maternagem correspondente (Miocque, 2004; Bara, 2007). Posteriormente, surge um quarto estilo de vinculação, o desorganizado, que é descrito por um padrão de vinculação confuso-desorganizado, em que dominam na criança posturas de apreensão, de confusão ou mesmo de depressão (Marcelli, 2005), decorrente dos estudos de Main e Solomon (1986, 1990 cit. por Speranza & Odorisio, 2001).

A proliferação de estudos na área da vinculação, fornecendo diferentes contribuições para a delimitação de estilos de vinculação e das dimensões subjacentes aos mesmos, veio possibilitar a organização das abordagens conceptuais do seu processo de avaliação em três grandes grupos: abordagens categoriais ou tipológicas, dimensionais e prototípicas (Bartholomew & Shaver, 1998; Matos, 2002, cit. por Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Pode dizer-se que todo o mecanismo de vinculação subentende um desempenhar continuado de dois papéis complementares (Lima, 2009), por parte do bebé e da mãe, em que a alternância de momentos de empenho recíproco com momentos de retiro sincronizado permite que este adulto se venha a constituir como figura de vinculação (Brazelton, 1974, cit. por Vigna, 2006; Ainsworth, 1982). É nesta interacção, que se prende com a confiança na ideia de que uma figura de apoio, de carácter protector, estará acessível e disponível sempre que a criança precisar (Miocque, 2004), que a figura de vinculação assume a sua função maior de base segura. E assim, através de interacções repetidas impressas numa dualidade de afastamento e retorno à sua base de segurança, a criança estabelecerá expectativas e conhecimentos acerca do padrão de resposta e da qualidade desta relação que virão abrir portas à exploração do mundo circundante (Miocque, 2004; Martins, 2007) e que serão espelho da forma como a informação relevante da vinculação foi codificada e/ou mobilizada, justificando as diferenças individuais daqui resultantes (Rocha, 2010).

Na organização progressiva da informação decorrente da interiorização das características relacionais com a figura de vinculação e enfatizando as qualidades dinâmicas, estruturais e funcionais dos processos representacionais forjam-se os Modelos Internos Dinâmicos (MID) (*Internal Working Models*, Bowlby, 1969/1982 cit.

por Faria, 2008; Bowlby, 1973; 1980). Estes são descritos por Bowlby como “representações mentais, conscientes e inconscientes, do mundo e de si próprio que ajudam o indivíduo a perceber os acontecimentos e a arquitectar planos para o futuro” (Bowlby, 1973, p.203. cit por Rodrigues et. al, 2004). Na prática, estes modelos são estruturas cognitivas que, operando a nível interno, fornecem grelhas de leitura basilares na interpretação e previsão comportamental do *self*, dos outros significativos e da relação entre os dois, condicionando as interações das relações de proximidade emocional, sendo, por isso, tomados como guias pré-simbólicos da acção. Concebidos como afectivamente densos, é esta componente emocional e, mais precisamente o afecto, que fica responsável pela categorização e organização, numa mesma classe, de experiências, pessoas e relações desencadeadoras de emoções semelhantes (Niedenthal, Halberstadt & Innes-Ker, 1999, cits. por Faria, 2008; Rodrigues et. al, 2004).

É esta conceptualização do sistema de vinculação a operar enquanto MID que vem permitir a explicação do funcionamento e da dinâmica da organização da vinculação numa óptica trans-situacional e longitudinal das experiências precoces no desenvolvimento individual (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990), fazendo valer a máxima de Bowlby (1969, p. 208, cit. por Lima, 2009) de que a vinculação acompanhava os seres humanos “*from the cradle to the grave*”.

Com efeito, é a capacidade de transformação destes modelos para se adaptar às características e exigências das diferentes fases de desenvolvimento que permite, apesar da sua suposta estabilidade, poderem ser revistos e actualizados, (re)elaborados ou substituídos, mediante as novas imposições relacionais (Hazan & Shaver, 1987; Bowlby, 1973). Deste modo, apesar de serem portadores de continuidade substancial ao longo do tempo, é provável e expectável que a sua estrutura sofra alterações, evoluindo e complexificando-se, desde a infância até à adultez (Bowlby, 1969, cit. por Faria, 2008).

As relações estabelecidas com aqueles que mais de perto nos rodeiam são uma das peças fundamentais, senão a principal, da nossa existência. Deste modo, é previsível que na segurança e qualidade dos primeiros laços ancore o sucesso ou insucesso das relações emergentes ao longo da vida (Bowlby, 1973), na medida em que os primeiros são como que um protótipo das relações futuras.

Neste contexto, os MID, entendidos como dimensões nucleares do funcionamento individual e interindividual, pois organizam a experiência passada e promovem uma estrutura para a compreensão das subseqüentes, encontram, com a

entrada na adolescência (e prolongando-se pela idade adulta) o momento propício à sua revisão. Esta altura, marcada pelo surgimento de relações significativas com alguns pares, poderá ser palco de estabilidade e manutenção dos MID construídos previamente ou, pelo contrário, solicitar uma reavaliação e reconstrução das vinculações precoces, sobretudo quando estas não foram realizadas de um modo seguro (Hazen & Shaver, 1987).

Entrelaçados no passado e projectando-se para o futuro, os MID existentes no presente moldam, de forma inconsciente, a expressão do sistema de vinculação e ao condicionarem os padrões de respostas cognitivas, emocionais e comportamentais permitem a criação de realidades relacionais mais previsíveis, partilháveis e significativas (Bretherton, 2005, cit. por Faria, 2008).

Na prática, tendo por base uma perspectiva do afecto, o que a Teoria da Vinculação e, mais precisamente, a sua concepção em termos de MID vem permitir dizer é que, ao erguermos a nossa vida, projectamos para o futuro as experiências que conseguimos recordar no presente, isto é, só nos poderemos conceber como merecedores de afecto na exacta medida em que recordarmos essa experiência no passado (Mahoney, 2005).

A ideia de que a Teoria da Vinculação seria uma teoria de ciclo de vida vinha sendo preconizada por Bowlby e Ainsworth. Contudo, foi com a contribuição de Mary Main e colaboradores (George, Kaplan & Main, 1985, cits. por Lima, 2009) que na década de 80 os estudos sobre esta temática conheceram uma nova fase. Main, alicerçando a sua investigação no conceito de MID e nos resultados de Ainsworth obtidos através do paradigma da Situação Estranha desenvolveu um instrumento, o Adult Attachment Interview (AAI), com o objectivo de classificar os relatos sobre as experiências de vinculação mediante uma análise do discurso (Guedeney, 2004; Lima, 2009) e, assim, a análise da vinculação, na adolescência e idade adulta, passou a ser de cariz discursivo/ representacional em detrimento da análise comportamental que se realizava no caso da infância.

Apesar de existir alguma unanimidade, muitas questões surgem quando se envereda por este campo de estudo. Desde logo, atendendo a West e Sheldon-Keller (1994), não deverá estabelecer-se um paralelismo directo entre a vinculação na infância e na idade adulta. É certo que o ser humano, seja em que idade for, manifesta uma necessidade básica de pertença que só encontra satisfação em relações de contacto regular e vinculação, intimidade e compromisso. Contudo, neste domínio específico, importa considerar quais as manifestações comportamentais da vinculação

nos adultos, quais as funções da vinculação nesta fase do desenvolvimento e que elementos definem uma relação de vinculação entre adultos (Baumeister & Leary, 1995).

Tal como as crianças, os adultos, numa relação de vinculação, revelam desejo de estar com o parceiro, isto é, há uma procura manifesta de proximidade; buscam o seu conforto nos momentos em que se sentem ameaçados ou inseguros (*safe haven*), mostram-se perturbados quando a sua figura de vinculação não se encontra disponível (protesto face à separação) e retiram desta relação sentimentos de confiança e segurança (base segura) (Doherty & Feeney, 2004). A grande e principal diferença surge quando se olha à dinâmica de reciprocidade/mutualidade da relação de vinculação adulta: se entre a figura de vinculação e a criança se assiste a uma relação assimétrica em que, sistematicamente, a primeira cuida e protege a segunda, nos adultos esta assimetria é abandonada e pressupõe-se, a partir de então, a existência de simetria. Assim, ao longo do tempo, numa relação interpessoal íntima, cada elemento da díade vai desempenhando o papel de figura de vinculação para o outro, suprimindo as suas necessidades de conforto, segurança e protecção (Rocha, 2010), estruturantes para o funcionamento individual.

Como já foi referido, no percurso do desenvolvimento e, mais especificamente, na transição para o mundo adulto, ao ser confrontado com as tarefas desta etapa, cuja mais representativa é a construção da intimidade (Erikson, 1968), a qualidade da organização da vinculação é posta à prova e, em resposta a isto, o adulto emergente incorrerá no processo adaptativo de (re)elaboração dos MID como meio de se posicionar e balancear os pilares da sua individualidade: autonomia e intimidade (Faria, 2008; Lima, 2009).

Ainda a deixar uma fase marcada pela dependência, o adulto emergente vê-se confrontado com a difícil tarefa de atingir a interdependência, ou seja, com o avançar da adolescência no caso específico das relações românticas, começam a denotar-se contornos de relações de intimidade, de partilha e mutualidade, nas quais coexiste uma necessidade de diferenciação com uma premência para a conexão emocional com o outro (Costa, 2004, cit. por Matos & Costa, 2006). É este contexto, de intimidade relacional, que muitos autores consideram favorável ao desenvolvimento de uma relação de vinculação, nomeadamente Hazen e Shaver que, partindo da perspectiva de Bowlby acerca das influências das experiências precoces de vinculação nos laços afectivos das relações íntimas do presente serem mediadas pelos MID e utilizando a tipologia de Ainsworth relativa aos estilos de vinculação,

sugeriram a extensão da Teoria da Vinculação às relações românticas/sexuais do adolescente e do adulto (1987, cits. por Tracy, Shaver, Albino & Cooper, 2008).

De facto, ao analisar a proposta de Erikson (1980/1959) onde é referido que para o desenvolvimento e manutenção de relações íntimas é necessária a capacidade de se comprometer ou, por outras palavras, a capacidade para investir de forma significativa nas relações “without fear of ego loss” (p.264); a capacidade para a profundidade, de forma a revelar-se e envolver-se emocionalmente com o outro e, a capacidade para manter a individualidade, pode encontrar-se algumas premissas básicas que estão semelhantemente subjacentes ao conceito de vinculação.

Nesta linha, tal como seria de esperar tendo por base a perspectiva teórica, são diversos os estudos que comprovam a existência de uma associação muito significativa entre os padrões de vinculação da infância e a postura/ vivência/ satisfação das relações românticas na idade adulta.

Hazen e Shaver (1987) verificaram que a qualidade da relação estabelecida com as figuras de vinculação na infância está associada ao estilo de vinculação romântica demonstrada na idade adulta. Assim, indivíduos que viveram na infância relações mais carinhosas, respeitadoras e aceitantes estabelecem vinculações românticas seguras; os indivíduos que descrevem a sua figura de vinculação como rejeitante e fria possuem estilos evitantes de vinculação e os que recordam experiências de injustiça nos cuidados que lhes foram prestados revelam estilos ansiosos/ambivalentes.

Dos estudos de Matos (2002) decorre a ideia de que os estilos de vinculação estão conceptualmente relacionados com o modo como os sujeitos experienciam as relações amorosas. De um modo geral, sujeitos caracterizados como seguros relatam experiências relacionais mais positivas, marcadas por níveis mais elevados de satisfação, intimidade, confiança, investimento, compromisso e interdependência, ao contrário dos sujeitos evitantes. Por sua vez, os sujeitos ansiosos/ambivalentes reportam, na generalidade, mais experiências emocionais de coloração negativa, com níveis mais elevados de conflito e ciúme.

Esta linha de estudos vem no seguimento dos trabalhos realizados por Feeney e Noller (1996), de onde se inferiu que a característica principal do grupo evitante era justamente o evitamento da intimidade, enquanto que a característica especificadora do grupo ambivalente mostrou ser a dependência face ao outro, assumindo-se como relação ideal uma relação de tipo fusional.

Concluindo, só faz sentido falar de desenvolvimento se este for olhado à luz das relações que estabelecemos com aqueles que nos são próximos, desde o nascimento até à morte. Efectivamente, “O sujeito apenas se pode diferenciar no seio das interações que estabelece com os outros” (Relvas, 2000). Assim, é no contexto da relação que o nosso potencial individual encontra lugar de expressão e é na leitura do espelho que os outros representam que nos conseguimos rever e (re)construir.

É do amor, segurança e disponibilidade existente nas primeiras relações que emerge um *self* consistente, coerente e autónomo, com capacidade para enfrentar os desafios de cada fase do desenvolvimento e que, durante a adolescência e vida adulta, encontrará a possibilidade de se abrir ao outro sem receios de perder a sua individualidade. De facto, é no sucesso desta diferenciação/ capacidade de individuação do sujeito e na qualidade da vinculação que o indivíduo estabeleceu que assentam os alicerces do estabelecimento da intimidade – a partilha e a interdependência (Faria, 2008).

Na prática, os indivíduos que construíram um modelo positivo do *self* e dos outros aprenderam, nas suas relações mais precoces, a equilibrar proximidade e autonomia (Allen & Land, 1999) estando assim mais aptos a desenvolver relações íntimas com os seus pares. Pelo contrário, indivíduos com um estilo evitante podem sentir-se especialmente ameaçados por esta tarefa pois desenvolveram a estratégia de manter a distância na relação com os outros. Os sujeitos ansiosos/ambivalentes que enfatizam a sua necessidade de proximidade e disponibilidade (Cassidy, 1994) podem conseguir desenvolver algumas relações com os seus pares, mas com custos da sua autonomia e da dos parceiros.

“ESTA NOITE” *versus* AMOR E INTIMIDADE

*“I found someone to love **today.**”*
(Zapf, Greiner & Carroll, 2008, p.158)

1. One-night Stands

O adulto emergente encontra-se numa fase de vida onde a exploração e a experimentação sexual, iniciadas na adolescência, têm continuidade (Mosher, Chandra & Jones, 2005, *cits.* por Lyons, 2009) e, observando-se uma abertura crescente face às atitudes sexuais (Lefkowitz & Gillen, 2006) são frequentemente encontradas as oportunidades necessárias à incursão em relações sexuais ocasionais, que não seriam identificadas noutra estadia do desenvolvimento (Lyons, 2009). De acordo com Paul (2006) a fase da adultez emergente é o período do ciclo de vida em que o sexo ocasional pode ser visto como um comportamento normativo.

Deste modo, é neste tempo de transição que os adultos emergentes consolidarão/adquirirão estilos de relacionamento (amorosos) e padrões comportamentais que irão ter impacto no seu funcionamento emocional enquanto adultos (di Mauro, 1995; Raley, Crissey & Muller, 2007), uma vez que serão aqui consideradas variáveis tão importantes como a vinculação e a construção da intimidade.

A crescer, é de fazer sobressair o âmbito em que o presente estudo tem lugar – o contexto universitário – uma vez que este é reconhecido pelo encorajamento à permissividade sexual entre a população estudantil (McManus & Hayes, 2000, *cits.* por Eshbaugh & Gute, 2008) e, segundo, Bogle (2008) parece ser portador de características únicas que fazem este tipo de comportamento florescer.

Os estudos realizados por Lambert, Kahn e Apple (2003) e Paul, McManus e Hayes (2000) vêm precisamente apoiar as afirmações precedentes mostrando que, com o declínio dos namoros tradicionais neste meio, mais de três quartos dos estudantes inquiridos tiveram pelos menos um encontro sexual ocasional, tornando-se este tipo de relação a principal forma de interacção íntima entre heterossexuais (England, Shafer & Fogarty, 2007; Paul et al., 2000).

Na literatura científica e no discurso popular este tipo de relação ocasional ou encontro, é denominado de diversas formas sendo, genericamente, definido pela ocorrência de uma relação sexual consensual (Chen & Hole, 2010) que tem lugar na ausência de um compromisso (Faria, 2008) e, por essa razão, os seus intervenientes não planeiam qualquer tipo de actividade em conjunto que se estenda para além desse mesmo envolvimento (Hamilton & Armstrong, 2009). No campo da investigação podem ser encontradas as seguintes designações “chance encounters” (Fisher & Byrne, 1978, cits. por Grello et al., 2006), “one-night stands” (Cubbins & Tanfer, 2000; Simpson & Gangestad, 1991a), “hook ups” (Paul et al., 2000), “sociosexuality” (Simpson & Gangestad, 1991a), “anonymous sex” (McGuire, Shega, Nicholls & Deese, 1992, cits. por Grello et al., 2006), “casual sex” (Regan & Dreyer, 1999, cits. por Grello et al., 2006) e “brief affairs” ou ligações temporárias (Buss & Schmitt, 1993). Na imprensa popular surgem os vocábulos “meaningless sex” (Solomon & Taylor, 2000, cits. por Grello et al., 2006), “friends with benefits” e “booty call” (Marklein, 2002, cit. por Grello et al., 2006).

As citadas relações podem ocorrer entre estranhos (Mannig et al., 2000, cit. por Grello et al., 2006) ou podem ter lugar entre amigos (Simpson & Gangestad, 1991a), levando Paul e colaboradores (2000, p.76) a sugerirem uma distinção fundamentada entre estes dois sub-tipos: um “hook up” é conceptualizado como “um encontro sexual que pode incluir ou não penetração vaginal, que tem lugar, usualmente, numa só ocasião entre duas pessoas que são estranhas ou apenas conhecidas” e rege-se por três sentenças: as duas partes não estão envolvidas numa relação de compromisso, o encontro é de curta duração e há uma variedade de comportamentos sexuais que permitem catalogá-la como “hook up”, ao passo que a noção de “friends with benefits” surge como “a ocorrência de relações entre amigos do sexo oposto em que os indivíduos se envolvem em actividades sexuais mas não definem a sua relação como romântica”, coexistindo a possibilidade de um envolvimento a longo termo e a adição de uma amizade entre os dois parceiros (Eshbaugh & Gute, 2008; Epstein et al., 2009).

Apesar de existirem investigações prévias a documentar que certos traços da personalidade e medidas de diferenças individuais variavam sistematicamente com as atitudes e comportamentos sexuais, como por exemplo, indivíduos mais extrovertidos (Eysenck, 1974; 1976, cit. por Simpson, Wilson & Winterheld, 2004), mais desinibidos (Zuckerman, Bone, Neary, Mangelsdorff, & Brustman, 1972; Zuckerman, Tushup, & Finner, 1976, cits. por Simpson et al., 2004), menos religiosos (Byrne, 1983; Reiss,

1967; Zuckerman et al., 1976, cits. por Simpson et al., 2004) e menos conservadores (Curran, Neff, & Lippold, 1973; D'Augelli & Cross, 1975; Eysenck, 1976; Griffit, 1973, cits. por Simpson et al., 2004) apresentarem atitudes mais permissivas em relação ao sexo sem compromisso e serem detentores de comportamentos sexuais menos restritos do que sujeitos que detinham scores mais baixos nesses mesmo traços, foi só a partir dos trabalhos realizados por Gangestad e Simpson (1990), que o construto de Sociossexualidade, introduzido por Alfred Kinsey (cit. por Penke, 2010), utilizado para descrever as diferenças individuais na permissividade e abertura face aos comportamentos sexuais ocasionais, obteve a consistência teórica e empírica de que carecia.

Assim, com o intuito de dotar a variação entre sexos existente na sociossexualidade de maior compreensão teórica, Gangestad e Simpson (1990) recorreram, num primeiro momento, aos princípios evolucionários básicos do acasalamento (*mating*), visto que sexo e acasalamento sempre estiveram directamente implicados na reprodução e, esta inteiramente ligada ao sucesso reprodutivo, patentes na teoria apresentada por Trivers (1972) – Teoria do Investimento Parental.

O trabalho desenvolvido por Trivers (1972) assumiu-se como um pilar no estudo teórico e empírico das diferenças ao nível da escolha de estratégias de acasalamento humano e, partindo da noção de que o investimento parental – definido como qualquer investimento realizado pelos pais em relação a um filho que aumentasse as hipóteses dele sobreviver e se reproduzir – variava entre machos e fêmeas das diferentes espécies, tentou explicar porque razão as mulheres, em comparação com os homens, tendiam a ser mais exigentes na escolha de parceiros e mais restritas nos seus comportamentos sexuais.

Considerando que as diferenças no investimento parental se encontravam sistematicamente ligadas ao processo de selecção sexual de modo que influenciariam as estratégias reprodutivas e as orientações sociossexuais, seria de esperar que, sendo o género feminino considerado como o que mais investia inicialmente na descendência (Trivers, 1985), apresentasse estratégias e uma orientação face ao acasalamento, propícias ao sucesso do mesmo.

No caso do ser humano, cuja prole requer um cuidado acrescido, Trivers (1972) sugeriu três critérios norteadores dos comportamentos de acasalamento: o investimento parental (isto é, ser-se atraído por parceiros que podem e manifestam

interesse em investir na sua descendência); boa condição física/ viabilidade (ou seja, revelar atracção por parceiros saudáveis) e a convicção a respeito da parentalidade.

Um aspecto que Trivers (1972) ressalva e que vem condicionar a visão de Gangestad e Simpson (1990) prende-se com o facto de para as mulheres a maternidade ser inquestionável: o investimento parental destas é directo, nomeadamente observável através da gestação e amamentação, o que as pressiona a uma maior exigência na escolha de um parceiro (Ferreira, 2009). Decorrente desta ideia, os autores propuseram que as mulheres que na história evolutiva adoptassem uma orientação sexual restrita poderiam tê-lo feito numa perspectiva adaptativa tendo em vista o aumento do investimento parental por parte dos seus parceiros e, conseqüentemente, aumentar a probabilidade de sobrevivência da sua prole bem como a sua boa forma reprodutiva.

Os homens, por sua vez, detentores de um investimento não tão directo, baseiam a sua estratégia sexual numa menor exigência e maior competitividade pelo acesso às mulheres (Buss, 1994, 2003; Daly & Wilson, 2001; Buss & Schmitt, 1993).

Posto isto, pode dizer-se que as diferenças nas estratégias reprodutivas serão tanto maiores quanto maior for a diferença no investimento parental, entre os sexos (Buss & Schmitt, 1993).

Apesar de encontrados os princípios basilares, o construto original de sociossexualidade continuava a apresentar duas grandes lacunas: (1) as estratégias de acasalamento dependentes da frequência, ainda que possível, pareciam ter tido menos probabilidade de evoluir do que as estratégias que foram responsáveis por eventos no presente ou passado do indivíduo e (2) o construto não explicava adequadamente a razão pela qual os homens variavam em larga escala a sua orientação sociossexual.

Três modelos teóricos surgiram posteriormente e permitiram ultrapassar as limitações referidas, tendo por base a formulação de uma distinção clara entre dois tipos de estratégias de acasalamento (Simpson et al., 2004): estratégias a curto-prazo (levadas a cabo por indivíduos que detêm uma orientação sociossexual não restrita e que dizem respeito à escolha de parceiros quando a probabilidade da relação ter continuidade é relativamente baixa) e estratégias a longo-prazo (seguidas por indivíduos que apresentam uma orientação sociossexual restrita e que estão associadas a relações que têm uma probabilidade crescente de se perpetuarem no tempo) (Wiederman & Dubois, 1998).

De acordo com a Teoria da História de Vida (Stearns, 1992) os seres humanos, de forma evolutiva, começaram a utilizar, alternadamente, estratégias comportamentais ecologicamente contingentes e táticas para resolver problemas recorrentes associados à sobrevivência, ao crescimento e à reprodução. Em função dos ambientes em que os indivíduos estão inseridos, as soluções ótimas para os problemas nos estádios precoces do desenvolvimento irão influenciar os estádios subsequentes. Este grupo de modelos de história de vida propõe, em linhas gerais, que os indivíduos devem investir diferentes quantidades de tempo, energia e recursos num esforço somático (por exemplo, no crescimento e desenvolvimento do corpo) *versus* esforço reprodutivo (por exemplo, esforço em encontrar um parceiro e em ser pai), em função do ambiente que os rodeia. Deste modo, ao longo do curso de vida humana, os dilemas que surgem são resolvidos mediante um padrão normativo específico – antes da puberdade os esforços são direccionados para os domínios somáticos; depois da puberdade e atingida a maturação sexual dá-se entrada no estágio reprodutivo, assistindo-se a uma deslocação do investimento no sentido deste domínio (Penke, 2005, cit. por Ferreira, 2009).

Neste âmbito, o modelo do desenvolvimento social humano ao longo do ciclo de vida apresentado por Belsky, Steinberg e Draper (1991), é composto por cinco estádios que propõem que (1) os factores contextuais precoces da família de origem têm impacto (2) nas primeiras experiências educativas e cuidadoras dos filhos; com o passar do tempo, estas experiências afectam (3) o desenvolvimento psicológico e comportamental, que irá ter influência (4) no desenvolvimento somático e, por último (5) na adopção de estratégias reprodutivas alternadas na idade adulta.

Deste modelo decorrem, então, as duas trajectórias desenvolvimentistas que culminarão nos dois tipos de estratégias de acasalamento já descritas, a longo-prazo e a curto-prazo. De acrescentar a noção que às estratégias de curto-prazo está associada uma orientação oportuna para o acasalamento em que a iniciação sexual ocorre precocemente, no ciclo de vida, e com diversos parceiros, sendo que a ligação com estes é curta e instável e o investimento parental é baixo. No caso da estratégia adoptada ser a oposta, a iniciação sexual tem lugar mais tardiamente e com um número menor de parceiros; a ligação entre ambos é longa e mais estável, sendo o investimento parental também maior.

Concluindo, de acordo com o presente modelo, muita da variação na homossexualidade intra género pode ser compreendida como resposta a certos tipos

de experiências sociais precoces. Algo que fica por perceber é a discrepância existente entre géneros.

A segunda corrente é representada pela Teoria das Estratégias Sexuais [TES], defendida por Buss e Schmitt (1993). Esta surgiu precisamente no sentido de suprir a lacuna deixada pela teoria apresentada anteriormente, tentando oferecer uma descrição evolucionária completa do porquê das diferenças nas estratégias utilizadas intra e entre géneros (Buss & Schmitt, 1993) e, se por um lado adopta variadas ideias patentes na teoria de Trivers (1972), por outro, identifica uma série de circunstâncias em que ambos os sexos beneficiam da adopção de estratégias de acasalamento alternadas, tal como defende a teoria antecedente.

Acredita-se que o acasalamento humano, visto como estratégia, foi moldado por pressões selectivas ambientais e, assim, ao procurar-se um parceiro, tentar-se-ia dar resposta a problemas apresentados pelos ancestrais. Por ser contextualmente dependente, ambos os sexos deveriam conseguir activar os dois tipos de estratégia, a curto e a longo prazo, consoante a solicitação do meio (Buss, 1998). Assim, as pressões evolutivas seriam justificação para a variação encontrada nas ligações entre o investimento parental e a selecção sexual, de forma que, o sexo que investe mais na prole (feminino), se revele mais discriminativo na escolha do parceiro (atracção intersexual) e o sexo que investe menos (masculino) compita de forma mais marcada pelo acesso ao sexo feminino (competição intra-sexual) (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998).

Sumariamente, a TES explica que a estratégia a curto prazo é importante para os homens pois possibilita a aquisição de um grande número de parceiras (favorecendo a propagação dos seus genes), e que a estratégia a longo prazo se revela adaptativa pois é portadora de vantagem reprodutiva, uma vez que o homem terá controlo sobre os recursos reprodutivos femininos ao longo de toda a sua vida fértil (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998).

Um pouco controversa é a forma que os autores encontraram para explicar a utilização de estratégias de acasalamento a curto-prazo pelas mulheres, na medida em que elas serviriam para realizar uma pesquisa prévia quanto ao interesse e potencial dos homens numa relação a longo-prazo (Schulz, 2010), o que não parece ser um comportamento padrão do sexo feminino.

As grandes limitações apresentadas por esta vertente teórica respeitam à carência na especificação das variáveis contextuais que motivam homens e mulheres a adoptar alternadamente os dois tipos de estratégia de acasalamento e à pobre

justificação relativa às variações nas estratégias adoptadas, existente intra-género (Simpson et al., 2004).

Por fim, surge a Teoria do Pluralismo Estratégico (TPE) (Gangestad & Simpson, 2000) que no sentido de explicar a variação na utilização de estratégias de acasalamento intra-géneros (Gangestad et al., 2007), estabelece uma análise das tácticas sexuais, enaltecendo a importância do ambiente imediato e dos factores nele encontrados, no realizar de uma escolha e no emergir das diferenças individuais (Ferreira, 2009).

Deste modo, esta teoria propõe um modelo para a selecção de parceiros que resulta da fusão dos dois princípios da atracção inter-sexual da Teoria da Selecção Sexual: o dos “bons genes”, que aparece associado aos relacionamentos a curto prazo e o do “bom provedor” que está intimamente ligado aos relacionamentos a longo prazo (Gangestad & Simpson, 2000).

Embora a teoria abranja os dois sexos, as mulheres ocupam lugar de destaque. Estas evoluíram no sentido de avaliar os homens em duas dimensões básicas: o grau em que um parceiro será um bom investidor/cuidador na/da descendência e o grau em que um parceiro providenciará bons genes. Partindo do princípio que será difícil escolher um parceiro que apresente um alto nível nos dois requisitos, o TPE assume que as mulheres, segundo um ponto de vista evolutivo e reflectindo a natureza e a qualidade do ambiente (Gangestad & Simpson, 2000), fazem como que uma negociação entre as duas dimensões, tendo em conta os atributos masculinos e as solicitações do meio, na escolha dos parceiros.

Por outro lado, a teoria defende que os homens se ajustam às tácticas e preferências sexuais femininas, do ambiente em que vivem. Assim, se houver por parte das mulheres uma procura elevada em investimento parental, as estratégias a longo prazo predominarão entre os homens (Gangestad et al., 2007).

Em suma, o que este modelo traz de novo é a descrição de como os atributos pessoais do indivíduo e o meio podem influenciar a adopção de diferentes estratégias de acasalamento. Explica também que a variação na homossexualidade e as estratégias de acasalamento a ela associadas se verificam na situação intra-género mais do que na situação entre-género (Simpson et al., 2004).

Tendo por base toda a articulação teórica e esforço conceptual no sentido de ultrapassar as limitações surgidas, Simpson e Gangestad apresentam uma definição clara para o construto de homossexualidade, em que este é tido como uma dimensão da personalidade com origem evolucionária (Simpson & Gangestad, 1991b): a

sociossexualidade refere-se à propensão individual para incorrer em relações sexuais na ausência de ligação emocional ou compromisso para com os parceiros.

Esta dimensão, uma vez contínua, é extremada por dois lados, um ocupado por uma orientação sociossexual restrita – marcada pela expectativa de um sentimento de amor profundo, compromisso e ligação emocional, requerendo uma proximidade psicológica face ao parceiro romântico para a ocorrência de relações sexuais – e outro preenchido por uma orientação sexual não restrita – na qual prevalece a crença de que aqueles com quem se estabelece uma relação sexual não têm de ser necessariamente próximos, nem tem de existir amor, ligação ou compromisso entre parceiros (Jones, 1998).

Os comportamentos manifestados pelos ocupantes dos dois pólos culminam, assim, num sentir-se emocionalmente mais próximo do parceiro romântico antes de ter relações sexuais com ele, ter um menor número de parceiros sexuais e não relatar episódios de sexo ocasional, para os indivíduos restritos; e, desfrutar de relações sexuais com diferentes parceiros, ter múltiplos parceiros e incorrer em one-night stands, para os indivíduos sem restrições (Simpson & Gangestad, 1992, cit. por Simpson et al., 2004).

Percebendo que, concomitantemente à lacuna teórica subjacente ao construto apresentado, existia também uma grande falha ao nível da sua mensuração, Simpson e Gangestad (1991a) desenvolveram e validaram uma medida curta de auto-relato – o Sociossexual Orientation Inventory (SOI) – cujo objectivo era avaliar a orientação sociossexual ao longo de um *continuum* bipolar, já referido, em pessoas heterossexuais (Simpson, 1998, cit. por Simpson et al., 2004), isto é, pretendiam avaliar a propensão de um indivíduo para incorrer em relações sexuais ocasionais, na ausência de um compromisso emocional forte com o parceiro (Clark, 2006).

Medindo diversas componentes da sociossexualidade, dadas por um score total, o SOI situa os avaliados ao nível do dito *continuum*, em que os indivíduos com altos scores apresentam uma orientação sociossexual não restrita e os baixos scores são representativos de uma orientação sociossexual restrita; os sujeitos com scores intermédios são, assim, detentores de características mistas.

Encontrada uma moldura conceptual explicativa para as diferenças na orientação sociossexual, pode afirmar-se, em tom de conclusão, que esta se encontra alicerçada na história de vida de um indivíduo (ideia claramente definida pelo modelo do desenvolvimento social humano de Belsky e colaboradores (1991), já referido), e que é contextualmente dependente (Teoria da História de Vida de Stearns, 1992;

Teoria das Estratégias Sexuais de Buss e Schmitt (1993); Teoria do Pluralismo Estratégico de Gangestad & Simpson, (2000)). Neste sentido, importa que nos detenhamos na forma como a vinculação (estabelecida na infância e redesenhada ao longo do ciclo de vida) influencia a orientação sociosexual de um sujeito, num determinado contexto (a experiência Universitária).

1.1. One-night Stands e Vinculação

Do primeiro capítulo decorre a ideia de que a vinculação, na idade adulta, desempenha funções semelhantes àquelas que detém na infância. É na medida do sucesso com que estas acontecem que cada indivíduo consegue, de modo satisfatório, fazer cumprir a tarefa desenvolvimentista da fase em que se encontra – construir a intimidade.

Por outro lado, o nível de maturidade sexual atingido, no final da puberdade, faz com que na adultez emergente se assista ao criar de novas oportunidades de expressão para a sexualidade, encontrando a intimidade um novo palco para se exprimir e construir, numa relação entre dois semelhantes.

Diversos são os estudos que, neste sentido, têm conceptualizado a ligação entre estilos de vinculação com a vivência das relações amorosas sendo que, dos trabalhos efectuados por de Hazen e Shaver (1987; Brassard, Shaver & Lussier, 2007), cuja noção fundamental é a de que a experienciação da sexualidade, enquanto expressão da procura de proximidade (Barón, Zapiain & Apodaca, 2002) – constituindo-se isto, como o elemento diferenciador das relações de vinculação na idade adulta (Hazan & Shaver, 1987) –, decorre a importante e propulsora ideia de que a insegurança quanto à vinculação interferiria com a percepção dos sinais indicadores da atracção sexual e afectaria as razões pelas quais se incorreria num encontro sexual, bem como o próprio encontro.

No entanto, importa ressaltar que as interacções sexuais, por si só, não se constituiriam como relações íntimas e, automaticamente, geradoras de intimidade.

Para se tratar de um contexto em que se fale de construção da intimidade, o envolvimento sexual deve, necessariamente, potenciar emoções positivas acerca do *self* e do parceiro, resultando num sentimento de compreensão por parte de ambos (Faria, 2008).

Neste sentido, surge uma questão: se o envolvimento sexual nem sempre se observa gerador de intimidade – tarefa fundamental da idade adulta – o que leva os

indivíduos, nesta etapa do desenvolvimento, a incorrerem em relações sexuais ocasionais, onde não há espaço a essa construção?

Os trabalhos realizados por Davis, Shaver & Vernon (2004) situam-se precisamente neste âmbito referindo que, apesar do comportamento sexual nem sempre conduzir à emergência da intimidade e de existir uma diversidade de razões justificativas para o mesmo (Christopher & Sprecher, 2000; Hill & Preston, 1996; Regan & Berscheid, 2001; Thompson, 1995, *cits. por Davis et al., 2004*), ele pode ser encarado como potencialmente supressor das necessidades do sistema de vinculação.

Considerando os estilos de vinculação – níveis de ansiedade e evitamento manifestados numa relação entre duas pessoas e estratégias utilizadas pelo sujeito com o objectivo de regular as emoções negativas, particularmente em situações geradoras de stress (Zapf et al., 2008; Simpson & Rholes, 1994) – adoptados pela abordagem categorial ou tipológica (Hazan & Shaver, 1987) respeitantes à explicação das diferenças individuais no modo como os adultos se percebem nos relacionamentos com outros e no estabelecimento, manutenção e qualidade das relações íntimas pode esperar-se que: os indivíduos tidos como Seguros sejam caracterizados por valorizar as relações íntimas e pela capacidade de as manter sem prejuízo da autonomia pessoal (Lima, 2009), isto é, sentindo-se confortáveis na dependência do outro (Simpson et al., 2004). Mais ainda, este grupo de sujeitos considera-se capaz de ser valorizado pelos demais, confiando nas intenções relacionais do outro. Ao vivenciar as suas relações de forma positiva e apoiante (Tempelhof & Allen, 2008), avaliam-nas como felizes, sendo mais duradouras, pautadas pela confiança, pela amizade, pela capacidade de negociação e resolução de conflitos e pela aceitação do outro, não obstante os seus defeitos (Brennan & Shaver, 1995, *cits. por Lima, 2009*).

Por sua vez, os indivíduos ditos Ansiosos experimentam um hiper-envolvimento nas relações íntimas, idealizando excessivamente os parceiros e exagerando na expressão das emoções (Lima, 2009). Mostrando uma baixa auto-estima (Bartholomew & Horowitz, 1991), estes revelam uma grande insegurança a respeito do afecto e compromisso do outro (Hazan & Shaver, 1987), sentindo-se menos compreendidos e apreciados e, detendo uma baixa capacidade de domínio do mundo externo (Elliot & Reis, 2003, *cits. por Davis et al., 2004*), incorrem frequentemente em comportamentos de cariz obsessivo e possessivo (Simpson et al., 2004), observados no medo exacerbado do abandono e rejeição (Tempelhof & Allen, 2008) e no desejo e

necessidade de fusão com o parceiro. Neste contexto, as relações sexuais assimétricas, polarizadas em controlo e submissão, são geralmente movidas pelas ameaças percebidas pelo sujeito, à relação (Davis et al., 2004).

Por último, os indivíduos cujo estilo de vinculação é o evitante receiam a intimidade, evitando-a e mostrando desconforto com a proximidade excessiva, fogem da dependência do par romântico, revelando uma maior auto-suficiência e, simultaneamente, medo da rejeição (Brennan & Shaver, 1995; Collins & Read, 1990; Feeney, 1999; Hazan & Shaver, 1994; Kirkpatrick & Davis, 1994, cits. por Tempelhof & Allen, 2008). Baseando-se nos modelos negativos que detêm dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991), vêem as suas relações amorosas serem pautadas pela presença de sentimentos antagónicos assentes na dúvida quanto à existência ou estabilidade do amor, associada à desconfiança da relação ser portadora de algo positivo (Baldwin et al., 1996).

Pode inferir-se que a procura de proximidade e a necessidade de ser cuidado, reconhecidas como manifestações da activação do sistema de vinculação, podem ser também as condições necessárias ao incremento da motivação sexual, na medida em que, tal como no primeiro caso, vêm reforçar sentimentos subjectivos de segurança, reafirmação do self, conforto e regulação do distress (Davis et al., 2004).

Neste contexto, o sexo pode ser concebido como (1) um meio para atingir a proximidade emocional/ intimidade; (2) uma forma de obter aprovação/reafirmação, ligada à noção do reforço da auto-estima; (3) um veículo para a prestação de cuidado; (4) um redutor do stress; (5) uma ferramenta para atingir diversos objectivos e (6) uma via para desarmar/proteger associado à ideia de sexo como meio de controlo. Debrucemo-nos sobre as três primeiras concepções.

Apesar de não existirem estudos que façam uma avaliação directa das diferenças na procura da intimidade emocional em função do estilo de vinculação, esta correlação tem sido demonstrada indirectamente (Davis et al., 2004).

De uma forma geral, os resultados das diversas investigações têm revelado que indivíduos com um estilo de vinculação predominantemente evitante não utilizam o sexo como meio de estabelecer a proximidade com o parceiro e a partir daí criar intimidade. De facto, têm sido encontradas correlações positivas entre o estilo de vinculação evitante e a ocorrência de relacionamentos sexuais não integrados em relações *sérias*, expressando estes sujeitos aceitação e normalização do envolvimento sexual sem envolvimento afectivo e a favor do contacto físico restrito (Brassard et al, 2007).

Mais especificamente, Brennan, Clark e Shaver (1998) descobriram que o estilo de vinculação evitante está negativamente associado ao uso do toque como expressão de afecto, ao passo que o estilo de vinculação ansioso se encontra positivamente associado a este aspecto.

Nesta mesma linha, Hazen e colaboradores (1994, cits. por Brassard et al, 2007) concluíram que o evitamento está associado de forma negativa com o desfrutar de comportamentos pré-sexuais tais como abraçar, beijar, dar as mãos, e Birnbaum e colegas (2006) sugeriram uma associação entre este e a manifestação de comportamentos de afastamento e desapego emocional durante o sexo. Pelo contrário, indivíduos detentores de um estilo de vinculação ansioso revelam comportamentos antagónicos em ambos os casos, incluindo que auto-impõem padrões e níveis de perfeccionismo sexual, a fim de se constituírem como parceiros sexuais exemplares (Hurlbert, White, Powell, & Apt, 1993, cits. por Brassard et al., 2007; Whisman e Allan, 1996, cits. por Brassard et al., 2007).

Por fim, tem-se percebido que indivíduos com um estilo seguro manifestam menos preferência por relações sem compromisso tais como one-night stands ou relações sexuais fora de uma relação *séria* e estável (Brennan & Shaver, 1995, cits. por Brassard et al., 2007), valorizando, em vez disso, sentimentos como o comprometimento e o conhecimento mútuo, enquanto que indivíduos com um estilo vincutivo evitante parecem mais propícios a incorrer nesse tipo de comportamento (Brassard et al., 2007).

Numa óptica em que o sexo é encarado como forma de obter aprovação/reafirmação por parte do parceiro, estando conseqüentemente ligado à ideia do reforço da auto-estima, pode dizer-se que tem aqui lugar uma interpretação do comportamento sexual como meio de manifestação de amor, atracção ou outra emoção positiva por parte do parceiro, que incrementará a segurança de um parceiro dito "inseguro".

Esta premissa parece dotar-se de especial significado junto de indivíduos cujo estilo de vinculação é ansioso, uma vez que mostram altos níveis de insegurança face ao compromisso e amor do parceiro, elevadas necessidades de reafirmação e manifestos comportamentos de procura dessa mesma reafirmação (Schachner & Shaver, 2002), reflectidos numa motivação sexual obsessiva.

De facto, indivíduos que se movem segundo um estilo de vinculação ansioso, parecem acreditar não só que o comprometimento sexual com um parceiro é indicador do status da relação mas também que se recusarem ter sexo serão rejeitados ou

abandonados. Daí que seja previsível que, à medida que a insegurança quanto à relação aumenta o interesse manifestado pelo sexo cresça também (Impett & Peplau, 2002), o que leva a reconhecer a forte associação entre o estilo de vinculação ansioso e o uso do sexo para reafirmação pessoal.

Por fim, uma noção importante que decorre desta linha de estudos é a de que estes indivíduos parecem querer responder mais às necessidades do parceiro do que às suas próprias carências. Assim, é frequente encontrar estudos denotando uma forte correlação entre o estilo de vinculação ansioso e a entrada em relações sexuais de forma voluntária mas sem vontade para tal (Impett & Peplau, 2002).

Este conjunto de dados permite concluir que, para os indivíduos com um estilo de vinculação ansioso, o sexo é altamente motivado pela necessidade de aprovação e reafirmação, ideia que encontra o seu corolário na noção de que o sexo funciona, aqui, como incremento da auto-estima, pois permite-lhes sentirem-se desejados e queridos por um outro.

Ao olhar o sexo enquanto meio de prestar cuidado, uma vez mais os indivíduos com um estilo ansioso ficam em lugar de destaque. Os comportamentos de cuidar são morfologicamente semelhantes aos comportamentos sexuais – abraçar, beijar, agarrar, fazer carícias, etc. –, mas, ao serem largamente adoptados por este grupo condicionam a sua performance enquanto cuidadores. Assim, apesar de se apresentarem fortemente motivados para o cuidar (Feeney & Collins, 2003), acabam por tornar-se intrusivos, controladores, sobre-envolvidos intrusivos e incapazes nesta tarefa (Kunze & Shaver, 1994).

Resumidamente, relacionando sociossexualidade (atitudes e comportamentos face sexo ocasional) e estilos de vinculação e, tendo em conta as associações encontradas pelas diferentes investigações apresentadas, os sujeitos que manifestam um estilo de vinculação seguro, não só evidenciam níveis mais elevados de confiança em si mesmos e nas suas relações (Lima, 2009) como se posicionam mais negativamente face ao sexo ocasional. Apresentando estilos reprodutivos mais restritos e normativos, estes indivíduos são considerados como tendo os comportamentos mais favoráveis adaptativamente (Hazen & Zeifman, 1999, cits. por Tempelhof & Allen, 2008). Por sua vez, considerando o evitamento da intimidade e a dependência face ao outro como as características principais dos sujeitos Evitantes e Ansiosos (sujeitos com um estilo de vinculação inseguro), respectivamente (Lima, 2009), é fácil depreender que terão comportamentos menos adaptativos, posicionando-se de forma menos restrita em relação ao sexo ocasional (Hazen & Zeifman, 1999, cits. por Tempelhof & Allen, 2008).

Assim, parece poder afirmar-se que as funções aqui atribuídas ao sexo – de proximidade, meio de se reafirmar e incrementar a auto-estima e prestar/obter cuidado – são tanto mais elevadas quanto mais ambivalência ou insegurança os indivíduos sentem em relação à sua figura de vinculação, neste caso em particular, o parceiro romântico e que, é nas relações mais precoces com as primeiras figuras de vinculação que sujeitos ansiosos e evitantes parecem forjar a posição sem restrições ante o sexo ocasional, por eles adoptada.

1.2. One-night Stands e Estilos de Amor

O amor tem sido, ao longo do tempo, uma das temáticas literárias mais abordadas e, porque intrinsecamente ligado à condição humana – “Love is among the most fundamental aspects of the experience of being human” (Neto, 2007, p.239) –, afigura-se como recurso inesgotável.

Ao acompanhar o Homem desde a sua concepção e assumindo a ideia de Andrade e Garcia (2009) de que relacionar-se de forma romântica com um outro se assume como um componente fulcral em todas as culturas, este sentimento, tido como um dos mais intensos e certamente um dos mais procurados (Sternberg e Grajek, 1984, *cits.* por Thompson, Davenport & Wilkinson, 1993), revela-se não só de difícil compreensão mas também de definição e aplicação instáveis (Pinto, 2009).

Preso e dependente da noção de (relações de) intimidade, o processo do amor compreende e resulta de uma série de aprendizagens, acções e interpretações construídas conjuntamente e, estabelecendo-se enquanto emoção social pode, de forma lenta e gradual, conduzir à felicidade e satisfação com a vida (Pinto, 2009). Percebe-se, então, o porquê do interesse crescente no estudo da natureza deste fenómeno, sob um ponto de vista científico, nas últimas décadas (“Finding out”, 1992, *cit.* por Thompson et al., 1993).

Inicialmente, o amor e o romance eram considerados objectos de estudo do domínio do romance, pois acreditava-se na ideia de que “o amor era demasiado misterioso e inatingível para ser submetido a estudos científicos” (Wrightsmann & Deaux, 1981, p.170). A crescer, os poucos trabalhos empíricos que se tentavam realizar, portadores de inúmeras limitações, em pouco contribuíam para afastar a aparente ambiguidade, abstracção e desacordo que rodeavam o conceito (Elkins & Smith, 1979, *cits.* por Thompson et al., 1993).

Contudo, C. Hendrick e S. Hendrick (1986) referiram que a partir da década de 60 ocorreu uma viragem e “o amor” tornou-se uma área de estudo respeitável, pelos

psicólogos. Assim, depois de anos de desatenção, a ciência “apaixonou-se” pelo amor (Neto, 2007).

Um número considerável de investigadores submeteu “o amor” ao escrutínio científico (Aron & Westbay, 1996; Davis & Latty-Mann, 1987; Fehr, 1988; Fehr & Russell, 1991; Murray, Holmes, & Griffin, 1996; Sternberg, 1997, cits. por Engel, Olson & Patrick, 2002) debatendo arduamente, no âmbito da psicologia social, a sua natureza psicológica. Neste sentido, foram sugeridas diferentes caracterizações e nomenclaturas, indo desde uma descrição do amor como uma atitude até uma conceptualização do mesmo enquanto emoção social (Rubin, 1984, cit. por Pinto, 2009).

Como resultado do interesse crescente neste objecto de estudo e na tentativa de explicar o emaranhado de variáveis inerentes a esta modalidade específica de relacionamento interpessoal surgiu um número abrangente de teorias ou tipologias de amor (Hendrick & Hendrick, 1986; 2006; Hazan & Shaver, 1987; Alferes, 2000; Sánchez-Aragón, 2006; Kenrick, 2006; Buss, 2006, cits. por Andrade & Garcia, 2009; Neto, 2007) que tentou, em certa medida, responder à complexidade multidimensional do fenómeno (Neto, 2007). As formulações iniciais de Hatfiels e Walster (1978) fizeram uma distinção entre amor apaixonado (*passionate love*), que envolve uma relação curta e intensa e amor companheiro (*companionate love*), que abarca uma relação estreita e duradoura. Lee defendeu a Teoria Tipológica do Amor (1973, 1977). Sternberg (1986) propôs um modelo tripartido do amor, constituído pelas dimensões paixão, intimidade e compromisso e, por fim, Hazan e Shaver (1987) sugeriram uma extensão da Teoria da Vinculação forjada por Bowlby e ampliada por Ainsworth às relações românticas adultas, baseada também num modelo tridimensional.

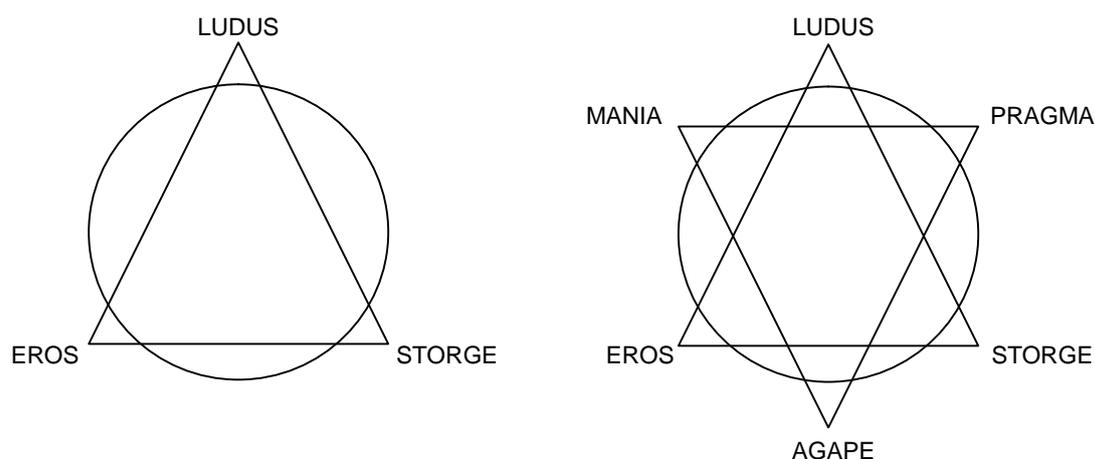
Apesar de poder contar com inúmeras abordagens não se pode afirmar já estar estabelecido um eixo comum de estudo, isto é, cada teoria, por si só, não tem a capacidade de explicar inequivocamente o fenómeno abordado, tendo de agir, em vez disso, de forma complementar (Weis, 2006, cit. por Andrade & Garcia, 2009).

Foi com Lee que surgiu o primeiro estudo sobre o amor – *Typology of love* (1973, 1977). Este, deslocando o foco do problema da quantidade do amor (Fromm, 1956, cit. por Sophia, 2008) para a importância do estilo de amor de um indivíduo combinar com o estilo de amor do parceiro, não avalia a intensidade do sentimento, mas sim a maneira de sentir, inovando o entendimento do fenómeno.

Assumindo que o amor não é um comportamento natural e inato, mas em vez disso, socialmente aprendido e culturalmente dependente, Lee (1973) identificou seis

sócio-ideologias (*ideologies of love*) ou estilos de amor romântico (*love styles*, termo que pela mão de Lasswell e Lobsenz (1980, cit. por Hendrick & Hendrick, 2006) se veio a tornar mais popular), que reflectem as diversas formas humanas de amar. Para tal, baseou-se numa revisão extensiva da literatura (Neto, 1994) e procedeu a uma análise qualitativa de estudos etnográficos, que visavam avaliar as relações de amor (Lee, 1988, cit. Grello et al., 2006), permitindo uma estilização das mesmas e não do amante (Lee, 1988, cit. por Pinto, 2009). No desenvolvimento do seu Modelo de Cores do Amor (Colors of Love Model) Lee (1973) utilizou a metáfora do círculo cromático e dividiu os seis estilos de amor, quantitativamente diferentes, em três primários, comparados com as três cores primárias, vermelho, azul e amarelo – Eros (atracção física), Ludus (não compromisso), Storge (amor amizade) –, e três secundários – Mania (amor obsessivo), Ágape (amor altruísta) e Pragma (amor prático).

Figura 1. Os estilos de amor primários e secundários



Fonte: Lee, J. A. (1973). *The colors of love: An exploration of the ways of loving*. Don Mills, Ontario: New Press.

De forma mais aprofundada, Eros, também conhecido por amor apaixonado ou romântico, respeita a amantes que procuram características físicas específicas no outro, valorizando a beleza e a atracção física. Paralelamente, tentam encontrar uma relação aberta e psicologicamente íntima (Neto, 2007), envolvem-se muito rapidamente a vários níveis e, acreditando no amor à primeira vista, permitem que este se desenvolva mutuamente (Costa, 2009). São indivíduos auto-confiantes e que

revelam uma auto-estima elevada, o que lhes permite descobrir uma vertente intensa e exclusiva sobre o parceiro, sem marcas de ciúme ou possessão (Pinto, 2009).

Quanto ao estilo de amor Ludus, o amor como um jogo sofisticado (Neto, 2007), é assim encarado pois é vivido de forma desprendida e sem compromissos. Após vários encontros, sabendo de antemão que não querem envolver-se, os sujeitos que manifestam este estilo de amor podem ter múltiplos parceiros (Andrade & Garcia, 2009), não se envolvem real e profundamente e abandonam a relação de forma fácil e rápida quando esta deixa de ser engraçada (Costa, 2009).

O último estilo de amor primário é o Storge, o amor amizade. É um afecto que se desenvolve lentamente com o tempo, que pode ser comparado com o amor entre irmãos ou amigos. Os sujeitos do estilo storge crêem que o amor surge da amizade e não vêem no parceiro fonte de excitação. Baseando-se a sua relação na confiança e no companheirismo acreditam que podem suportar longas separações sem se sentirem ameaçados (Costa, 2009; Neto, 2007; Pinto, 2009).

O primeiro estilo de amor secundário é o Pragma e resulta da combinação dos estilos Ludus e Storge. É caracterizado pela vertente prática e lógica de que dota as relações operando o indivíduo a um nível mais racional e calculista do que emocional (Andrade & Garcia, 2009). Assim, a pessoa com este estilo é realista e não romântica e procura com determinação um parceiro adaptado com quem possa construir uma vida a dois, satisfatória e compensadora, preocupando-se com questões relativas ao futuro profissional do parceiro, com as suas origens, com a sua afiliação religiosa e política, atitudes e lazeres (Neto, 2000, cit. por Costa, 2009).

O segundo estilo de amor secundário é a Mania, que emerge da junção dos estilos Eros e Ludus e aporta uma grande intensidade. Neste caso, os indivíduos vivem a experiência romântica de forma avassaladora, possessiva e irreal, chegando a tornar-se imatura e marcada pelo ciúme e dependência (Andrade & Garcia, 2009). Por se sentir inseguro nas suas relações, o amante de estilo Mania impõe ao parceiro a exclusividade (Neto, 2007) e força a entrada num compromisso, em lugar de o deixar evoluir. Este grupo não se encontra apaixonado pelo parceiro, mas sim pelo amor (Pinto, 2009).

Por último, o estilo de amor Agape, que advém da mistura dos estilos Eros e Storge, está ligado ao sacrifício em prol do outro (Hendrick & Hendrick, 2006), ao altruísmo. Sendo o menos comum de todos os estilos, o indivíduo está disposto a dar-se à pessoa amada sem expectativas de reciprocidade (Neto, 2000, cit. por Costa,

2009) e, tendo em vista a sua felicidade, sujeita-se a abdicar de tudo e a colocar o bem-estar do outro acima do seu (Pinto, 2009).

Os estilos de amor foram, posteriormente, estudados e aprofundados e desde que Rubin (1970, cit. por Masuda, 2003) deu início à mensuração do amor, psicólogos sociais definiram várias características para o catalogar e inventaram diversas escalas para o medir. Hendrick e Hendrick (1986) formularam o instrumento original para a mensuração dos estilos de amor – *Love Styles Scale - LAS* (Hendrick & Hendrick, 1986; 2006; Hendrick, Hendrick & Adler, 1988; Hendrick, Hendrick & Dicke, 1998, cits. por Andrade & Garcia, 2009) – tendo por base aspectos ligados ao sistema de crenças e atitudes individuais que iriam nortear os comportamentos face àquele que é amado (Hendrick & Hendrick, 1986; Lee, 1973).

Partindo da noção que os estilos de amor seriam considerados o componente cognitivo individual do fenómeno amoroso, seria então possível afirmar que ao responder à escala gerar-se-ia um perfil, no entanto, contexto e temporalmente dependente (Hendrick & Hendrick, 2006).

O instrumento, submetido a análises estatísticas diversas, revelou-se, no decorrer do tempo, possuidor de uma estrutura factorial enquadrada na tipologia de amor proposta por Lee (1973), bem como detentor de uma boa consistência interna para cada subescala e correlações modestas entre as mesmas (Neto, 2007).

Com efeito, diversos estudos (Hendrick-Hendrick, 1986, 1988, 1989, 1990, cits. por Pinto, 2009) indicam que os seis estilos de amor medidos pela escala das Atitudes em relação ao Amor são relativamente independentes uns dos outros.

Para além de trabalhos realizados com o intuito de robustecer a LAS, outras investigações foram levadas a cabo nas quais os diferentes tipos de amor foram relacionados com uma multiplicidade de variáveis (Hendrick & Hendrick, 1986, 1990, 1995, cits. por Engel et al., 2002), a saber, os estilos de vinculação e os traços de personalidade (Davies, 1996; Lester & Philbrick, 1988; Mallandain & Davies, 1994; Richardson, Medvin, & Hammock, 1988; Wan, Luk & Lai, 2000; Woll, 1989, cits. por Engel et al., 2002).

Levy e Davis (1988, cits. por Frey & Hojjat, 1998) descobriram que o estilo Eros e o Ágape se encontram positivamente correlacionados com a intimidade, a paixão, o compromisso e a satisfação na relação e que o estilo Ludus se correlaciona negativamente com as variáveis apresentadas. Num estudo posteriormente realizado por Morrow, Clarck e Brock (1995, cits. por Frey & Hojjat, 1998) os resultados encontrados foram consentâneos com os referidos.

Em 1991, numa pesquisa levada a cabo por Hendrick e Hendrick (cits. por Frey & Hojjat, 1998), no qual foi utilizado um enquadramento evolutivo para explorar relações entre estilos de amor e género e satisfação na relação, concluiu-se que, comparando os homens com as mulheres, os primeiros detêm abordagens mais pragmáticas do amor e as segundas têm mais apetência para procurar a proximidade nas relações.

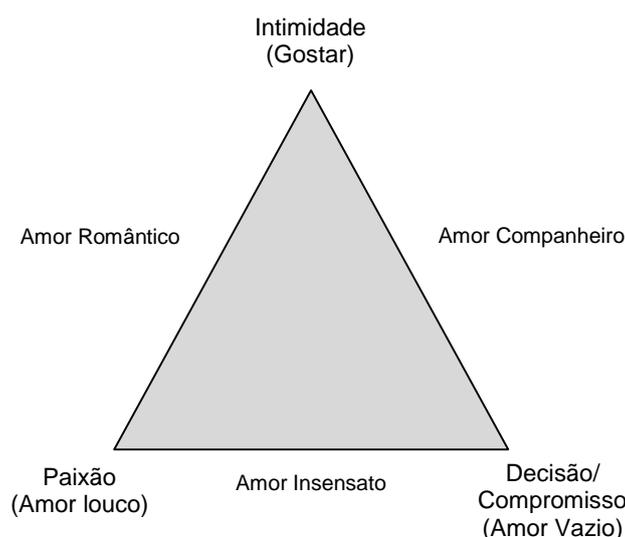
Um grupo de investigações destaca-se e dota-se de especial interesse no contexto do presente estudo (Hendrick & Hendrick, 1992, Lee, 1988, cits. por Grello et al., 2006). Estas postulam, em traços gerais, que os estilos de amor ou abordagens às relações podem exercer influência sobre a probabilidade ou risco de incorrer numa relação de sexo ocasional. O foco recai, sobretudo, nos amantes Ludus e Eros. Os primeiros, caracterizados pela intensa ânsia de jogo e conquista entram, geralmente, nas relações sem intenções manifestas de compromisso e com pouca seriedade, tendo diversos parceiros. Desfrutam do sexo na ausência de um envolvimento mais profundo e, estando mais predispostos a correr riscos, é fácil prever que um indivíduo que aborda as relações de acordo com esta tipologia de amor se envolva em inúmeras uniões ocasionais (Paul et al., 2000). Os segundos, frequentemente descritos como indivíduos atingidos pela seta do Cupido, apresentam, tal como referido anteriormente, uma preferência idealizada pelas qualidades físicas do parceiro (Lee, 1988, cit. por Grello et al., 2006), o que poderá condicionar não só a grande atracção física e sexual sentida em relação ao mesmo, num estado precoce da relação, mas também a probabilidade de incorrer em sexo ocasional. De ressaltar que, este segundo grupo de amantes, apesar da paixão e do sexo serem primários, é mais sensual do que promíscuo pois enquanto que o amante Ludus incorre nas relações sexuais movido pelo prazer físico, o amante Eros fá-lo com expectativa de intimidade emocional.

A par de Lee, também Sternberg (1986) enunciou uma teoria explicativa, amplamente aceite, no que a este domínio respeita – Teoria Triangular do Amor. Esta disserta acerca da natureza do “amor” e, indo mais além, detém-se sobre o fenómeno de “amar” nos diferentes tipos de relação. A presente sugere que o amor possa ser explicado num desdobramento em três componentes, que mudam no decurso das relações, e que proporcionam diferentes triângulos quer em relação ao tamanho quer em relação à forma geométrica (Sternberg, 1986), sendo os vértices constituídos por: Intimidade (que se refere à presença de sentimentos quentes de proximidade, conexão e ligação; este factor seria, assim, constituído pelos dez elementos promotores do vínculo entre o casal: desejo de promover o bem-estar da pessoa

amada; sentimento de felicidade; respeito; capacidade de contar com o amado em caso de necessidade; entendimento mútuo; entrega e divisão de posses; receber suporte emocional do parceiro; prover-lhe apoio; comunicar-se intimamente; valorizá-la (Sternberg, 1986)), Paixão (que tem subjacente as intenções românticas e a expressão de desejos e necessidades, tais como a carência de reforço da auto-estima, a entrega, a submissão e a satisfação sexual (Sophia, 2008), sendo, por esta razão, pautada pela atracção física) e Decisão/Compromisso (que respeita à existência de intenções a curto e a longo prazo de manter o sentimento de amor).

Com o intuito de apreender os diversos aspectos do amor nas relações íntimas, Sternberg recorreu ao citado modelo tripartido tentando, deste modo, fornecer um suporte teórico compreensivo para os mesmos. As três dimensões podem, assim, sozinhas ou combinadas, formar oito tipos de experiências amorosas (Sternberg, 1986, 1997, cit. por Costa, 2009; Sternberg, 1998 cit. por Engel et al., 2002): a “falta de amor”, resultante da inexistência dos três componentes, o “simpatizar/gostar” (intimidade), o “amar de forma louca” (paixão), o “amar de forma vazia” (compromisso), o “amar romântico” (intimidade mais paixão), o “amar com companheirismo” (intimidade mais compromisso), o “amar de forma insensata” (paixão mais compromisso) e o “amar de forma consumada, plenamente” (intimidade, mais paixão, mais compromisso).

Figura 2. Triângulo do amor de Sternberg



Fonte: Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119-135.

Sternberg (1986) descreveu como os níveis dos três componentes básicos mudam ao longo quer das relações bem sucedidas (tendencialmente, no início, a paixão intensifica-se tal como a intimidade; o nível de compromisso, por sua vez, apresenta um desenvolvimento mais lento, contudo mais firme; com o avançar da relação o compromisso atinge o nível da intimidade, contudo, assiste-se, provavelmente, a um decréscimo da componente paixão (Pinto, 2009)), quer das mal sucedidas, e as incompatibilidades que ocorrem quando existem discrepâncias entre o tamanho e a forma geométrica dos triângulos de dois indivíduos.

1.3. One-night Stands e Diferenças de Género

Segundo Hendrick e Hendrick (1995), uma das características que mais ressalta na literatura existente na área das ciências sociais, mais precisamente no contexto de estudo das relações românticas, é a presença de diferenças de género numa série de questões ligadas à sexualidade e ao amor. Este complexo entrelaçar de variáveis tem conduzido à emergência de diversos estudos empíricos onde são consideradas, nomeadamente, diferenças de género nas atitudes e comportamentos em relação ao amor e ao sexo e ao surgimento de perspectivas teóricas tais como a sociobiologia e a aprendizagem social, cujo enfoque recai na explicação destas disparidades.

Os estudos realizados por Buss (1988, cit. por Grello et al., 2006) e por Hill (2002), apontam para uma predisposição em função do género no que ao sexo ocasional respeita. Os resultados encontrados mostram, consistentemente, que o sexo feminino é mais conservador face às atitudes sexuais do que o sexo masculino que, sendo apontado como mais permissivo (Hendrick, Hendrick, Slapion-Foote, & Foote, 1985; Sprecher & McKinney, 1993, cits. por Hendrick & Hendrick, 1995), é frequentemente identificado como o sexo com maior número de parceiros sexuais ocasionais.

Neste contexto, apesar de se concluir que adultos emergentes de ambos os sexos consideram o investimento emocional, nas relações sexuais, uma prioridade, este parece ter raízes distintas em homens e mulheres, revestindo-se de maior importância para o segundo grupo (Simpson & Gangestad, 1991a). Embora apresentem mais restrições ante o sexo ocasional, os elementos do sexo feminino tendem a acreditar que ao incorrer em comportamentos deste tipo, estão a conhecer as necessidades dos seus parceiros, a dar sustento e conforto (Hill, 2002), a satisfazê-los e a aumentar a intimidade numa potencial relação (Impett & Peplau, 2003). Com

efeito, Regan e Dreyer (1999, cits. por Owen & Fincham, 2011) dão suporte à ideia de que as mulheres entram em relações de sexo ocasional tendo em vista o estabelecimento de uma relação *séria*. Contudo, Bisson e Levine (2009, cits. por Owen & Fincham, 2011) afirmam que menos de 10% destes encontros fortuitos tendem a evoluir para um compromisso entre parceiros.

Por sua vez, é reconhecido por Impett e Peplau (2003) que os homens, mais relutantes face ao comprometimento (Owen & Fincham, 2011), ao aquiescerem entrar numa relação de sexo ocasional têm por base factores motivacionais relacionados com o aumento da experiência sexual, do status entre pares e popularidade.

No centro das teorias sociobiológicas reside a ideia de que a força motriz para a criação da intimidade nas relações românticas é o sucesso reprodutivo, entendido como a aptidão para doar os próprios genes (Symons, 1979, cit. por Hendrick & Hendrick, 1995). Resumidamente, pois já abordada no ponto 1, a Teoria do Investimento Parental defende que esta oportunidade de procriação é alcançada de diferente forma por cada sexo (Kenrick, 1989; Trivers, 1972, cits. por Hendrick & Hendrick, 1995) – os homens obtêm vantagens reprodutivas em ter múltiplos parceiros. Pelo contrário, espera-se que as mulheres evitem encontros sexuais desprovidos de intimidade, tendo em vista o alcance de um parceiro que invista e se comprometa mais na relação (Fielder & Carey, 2010) – e que, as suas implicações para a sexualidade se reflectam, não só, ao nível da permissividade sexual, do número de parceiros sexuais e da abertura ao sexo ocasional (Oliver & Hyde, 1993, cits. por Hendrick & Hendrick, 1995) mas também noutros aspectos das relações íntimas, como o amor (Hinde, 1984, cit. por Hendrick & Hendrick, 1995). A postura mais lúdica dos homens em contraste com uma postura mais prática e amigável adoptada por parte do sexo feminino tem reflectido a diferença nas estratégias reprodutivas, proposta por esta teoria (Hendrick & Hendrick, 1991, cits. por Hendrick & Hendrick, 1995).

Por sua vez, a Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1977, cit. por Hendrick & Hendrick, 1995) e a Teoria dos Scripts Sexuais (Gagnon & Simon, 1973, cits. por Hendrick & Hendrick, 1995) fundam-se num princípio comum: os indivíduos são recompensados pela sociedade ao adoptarem comportamentos congruentes com o papel tradicional de género a que pertencem, sendo que, caso contrário, serão punidos. Mais detalhadamente, os scripts sexuais, no interior de uma dada cultura, especificam: quem é passível de se tornar parceiro sexual; onde e quando, em que circunstâncias é apropriado levar a cabo comportamentos sexuais, e que tipo de comportamentos; e, quais os motivos para o fazer (Gagnon, 1977, cit. por, Alferes,

2004), organizando comportamentos sexuais, delineando as situações de interação, criando expectativas relacionais e identificando as respostas “incongruentes”.

Também o importante papel que a aprendizagem vicariante detém na formação de padrões comportamentais sexuais é reconhecido, ou seja, a aprendizagem feita ao longo da infância, tendo os pais como modelos primeiros, relativa aos papéis de género, e considerando o contexto social académico bem como o meio cultural alargado, transmitido pelos media (Fielder & Carey, 2010), resulta em scripts sexuais distintos. Aos homens é associada uma vivência da sexualidade activa e abrangente, em que é esperado um comportamento exploratório, permissivo e lúdico, face ao amor, enquanto que às mulheres estaria ligada uma postura passiva e monogâmica, mais orientada para os aspectos emocionais do sexo, para as componentes mais estáveis e práticas do amor e para o investimento e compromisso relacional (Hendrick & Hendrick, 1995).

Parecia poder afirmar-se, com algum nível de certeza, que o género influenciaria o comportamento relativamente ao sexo ocasional. Contudo, estudos recentes neste âmbito têm relatado a inexistência de diferenças comportamentais decorrentes do género a que se pertence (Flack et al., 2007; Paul & Hayes, 2002, cit. por Fielder & Carey, 2010), o que leva a supor que poderá ter tido lugar, ao longo dos últimos tempos, uma mudança nos papéis tradicionais de género.

As perspectivas socioculturais vêm, deste modo, desafiar a visão das teorias mais clássicas, sugerindo que, sendo os papéis tradicionais de género socialmente construídos, as diferenças entre homens e mulheres deveriam diminuir à medida que as normas sociais proporcionam uma visão mais igualitária dos géneros (Fielder & Carey, 2010). Os trabalhos de Stepp (2007, cit. por Fielder & Carey, 2010) enquadram-se nesta ideia visto sugerirem que, para um número considerável de mulheres, os objectivos em relação à carreira assumem lugar de destaque em detrimento das relações interpessoais. Deste modo, sendo um relacionamento sério considerado como um entrave à sua possível progressão profissional, as mulheres, cada vez mais, optam por relacionamentos fugazes e relações sexuais ocasionais. Também Glenn e Marquardt (2001, cit. por Fielder & Carey, 2010) verificaram que o desejo de ser livre e descomprometido pode conduzir ao sexo ocasional, sobretudo quando se trata de estudantes universitárias com bons desempenhos. Isto porque, se por um lado permite a interacção sexual desejada e pretendida, por outro torna possível a manutenção da liberdade e independência.

Alguns investigadores têm-se debruçado sobre esta mudança de paradigma comportamental (Fielder & Carey, 2010; Owen et al., 2010; Paul et al., 2000, cit. por Owen, Fincham & Moore, 2011) e têm verificado que apesar das taxas similares encontradas a nível de participação no comportamento analisado, alguns preditores e consequências do mesmo se relacionam com o género de forma distinta. Neste caso, debrucemo-nos sobre a questão específica do consumo de álcool, que tem sido identificado não só como um forte preditor do sexo ocasional como também do sexo de risco (Owen et al., 2011).

1.4. One-night Stands e Consumo de Álcool

Os one-night stands no contexto universitário têm sido relacionados com inúmeras variáveis sociais, intraindividuais e relacionais. As normas impostas pela sociedade e a exposição às mensagens dos media acerca da sexualidade parecem ser determinantes fulcrais deste tipo de comportamento, nesta população (Owen et al., 2011). Realizando, com alguma frequência, estimativas erradamente elevadas, os alunos universitários crêem que os seus colegas detêm grande número de parceiros sexuais e que incorrem muito mais vezes em relações sexuais ocasionais do que na realidade acontece. Estas crenças distorcidas têm surgido associadas ao aumento da actividade sexual e ao número de parceiros de cada sujeito, na medida em que impera a percepção de que “everyone’s doing it” (Owen et al., 2011).

Também o consumo de álcool se tem destacado amplamente enquanto variável que influencia a participação em one-night stands (Gute & Eshbaugh, 2008).

A maioria dos alunos universitários consome bebidas alcoólicas (Cooper, 2002, cit. por Gute & Eshbaugh, 2008), em quantidades exageradas e com elevada frequência (Vicary & Karshin, 2002, cit. por Gute & Eshbaugh, 2008), reportando terem conhecido os seus parceiros sexuais ocasionais em ambientes que apelam ao consumo de substâncias psicoactivas, tais como festas e bares (Leigh & Shafer, 1993). Deste modo, o consumo de álcool pode dizer-se associado não só ao aumento da incidência de comportamentos sexuais fortuitos, uma vez que a relação parece ser linear no sentido em que quanto maior é a quantidade de álcool consumida, maior é a probabilidade de ocorrer uma relação sexual ocasional (Leigh & Schafer, 1993), mas também inerente a uma maior intenção de localizar parceiros sexuais (Dusenbury, Epstein, Botvin, & Diaz, 1994, cit. por Gute & Eshbaugh, 2008), em grande número (Kaly et al., 2002, cit. por Gute & Eshbaugh, 2008).

A apoiar as afirmações precedentes encontram-se os trabalhos realizados por Grello e colaboradores (2006), em que 65% dos estudantes inquiridos afirmam ter consumido bebidas alcoólicas antes do seu episódio de sexo ocasional mais recente, e por Paul e colegas (2000) em que o consumo de álcool é baixo entre indivíduos que nunca tiveram one-night stands e alto entre o grupo que tem frequentemente encontros desta natureza.

Além de reduzir as inibições sexuais e proporcionar a libertação dos “verdadeiros” desejos sexuais (Testa & Dermen, 1999, *cits.* por Prause, Staley & Finn, 2011), o consumo de álcool altera os processos de tomada de decisão (Grello et al., 2006; Owen et al., 2011; Paul et al., 2000) e aumenta as percepções de atracção para os membros do sexo oposto, reforçando a probabilidade de encontros e o surgimento de intimidade física (Buss & Schmitt, 1993).

De facto, de acordo com os estudos realizados por Crowe e George (1989, *cits.* por George et al., 2006) George e Norris (1991, *cits.* por George, et al., 2006), George e Stoner (2000, *cits.* por George et al., 2006), parece estar evidenciado que processos de expectativas desempenham um papel importante na sexualidade pós-consumo de álcool – ambos os géneros esperam que o álcool incremente e engrandeça o sexo. Participantes em diversas investigações perceberam os parceiros alcoolizados como estando sexualmente mais disponíveis e propensos a ter sexo do que os que não estavam alcoolizados (George, Gournic & McAfee, 1988, *cits.* por George et al., 2006). Por seu turno, os actores alcoolizados foram vistos como mais sexys (Leigh, Aramburu & Norris, 1992, *cits.* por George et al., 2006), mostrando mais iniciativa sexual (Vélez-Blasini & Brandt, 2000, *cits.* George et al., 2006) e tendo mais intenção sexual (Abbey & Harnish, 1995, *cits.* por George et al., 2006) do que os actores não alcoolizados.

Sumariamente, pode concluir-se que, as pessoas encaram as bebidas alcoólicas como propulsoras de sexo: há uma elevada resposta sexual e interesse erótico dos indivíduos quando percebem que estão alcoolizados, sendo simultaneamente percebidos pelos outros como mais “sexualizados” do que as pessoas sóbrias (George et al., 2006).

Quando a combinação de risco “sexo e álcool” se verifica, os efeitos derivados do género são quase irrelevantes e, não havendo evidência para diferenças desta natureza (Cooper & Orcutt, 1997; Testa & Collins, 1997), pode dizer-se que homens e mulheres parecem estar igualmente predispostos em incorrer em comportamentos

sexuais ocasionais quando o álcool está envolvido (Cooper & Orcutt, 1997; Testa & Collins, 1997).

No entanto, fora as consequências físicas deste tipo de comportamento – que incluem gravidez indesejada, transmissão de doenças por via sexual e violação (Owen et al., 2011) –, as sequelas psicológicas e emocionais aparentam estar dependentes do género.

À luz das expectativas socioculturais (Paul, 2006, p.146) os homens são louvados pelas suas proezas sexuais e experiência, ao passo que as mulheres são humilhadas. Isto conduz a que o sexo feminino seja mais propenso a sentir culpa e ansiedade ao participar em one-night stands (Herold & Mewhinney, 1993; Lottes, 1993, cits. por Owen et al., 2011), incorrendo posteriormente em momentos de distress psicológico ao contrário dos homens, que relatam o sentimento oposto.

As reacções e os significados na “Morning after the Night Before” (Campbell, 2008) são, assim, qualitativamente distintos entre homens e mulheres. Sentindo-se ir contra o estereótipo sustentado pelas normas de socialização para cada género, isto é, “women don’t hook up” (Owen & Fincham, 2011), os indivíduos do sexo feminino mostram-se “estranhos”, confusos, culpados e mesmo arrependidos após terem participado num encontro sexual fortuito que, na realidade, em nada contribuiu para aumentar a proximidade e intimidade com o parceiro. Neste sentido, cabe olhar com especial atenção a questão do arrependimento.

Este, avaliado como uma emoção negativa que um indivíduo sente ao relembrar o passado e ao ver que o futuro poderia ser diferente senão tivesse adoptado certo comportamento – podendo resultar de “uma acção realizada” (arrependimento de acção) ou por “se ter falhado certo acto” (arrependimento de inacção, Oswalt et al., 2005) – é frequentemente acompanhado de culpabilização e pode ensombrar os indivíduos nos mais variados domínios das suas vidas (Connolly & Zeelenberg, 2002; Gilovich & Medvec, 1995; Zeelenberg, 1999, cits. por Eshbaugh & Gute, 2008).

Foquemo-nos no domínio das relações românticas que, de acordo com Jokisaari (2003) é um dos campos mais férteis para o desenvolvimento do arrependimento, em adultos emergentes.

Alguns autores consideram que no reverso da “oportunidade” reside a possibilidade de “escolher erradamente” (Eshbaugh & Gute, 2008). E, ao falhar na escolha, surge espaço para o arrependimento.

Como tem sido referido, a permissividade sexual é encorajada nos ambientes universitários (Paul et al., 2000). Contudo, apesar da grande prevalência dos one-night stands Oswalt e colaboradores (2005) concluíram que 72% dos alunos universitários sexualmente activos experimentavam arrependimento, pelo menos uma vez, desde que tinham ocorrido em actividade sexual.

Nesta linha, Paul e colegas (2000, p.81) defendem que os encontros sexuais ocasionais não aportam consigo somente emoções e sentimentos positivos. No seu estudo, muitos dos inquiridos, ao ser-lhes solicitado que enumerassem os sentimentos após um encontro de sexo ocasional, revelaram sentir-se “out of control” durante o próprio encontro e arrependidos após o mesmo. Congruentemente, Paul and Hayes (2002, cits. por Eshbaaugh & Gute, 2008) reportam que uma percentagem elevada de sujeitos (35%) respondeu, com consistência, que o estado característico após um one-night stand era o de arrependimento ou desapontamento.

Como seria de prever, face às abordagens teóricas previamente apresentadas, os dados decorrentes dos estudos citados demonstraram que os sujeitos do sexo feminino referiram sentir-se significativamente mais “arrependidas ou desapontadas” bem como pareciam mais predispostas a repensar o acto cometido, a sentir-se envergonhadas e a colocarem-se em causa, após a experiência sexual, do que os elementos do sexo masculino. Estes, por sua vez, tendiam a mostrar-se “satisfeitos” após o one-night stand.

Interessantemente, têm sido realizados diversos estudos que reflectem o impacto positivo/ negativo do arrependimento no bem-estar subjectivo dos indivíduos (Jokisaari, 2003). Os resultados sugerem que o arrependimento experienciado no momento (arrependimento que um sujeito sente, actualmente, depois de tomada uma decisão) e o arrependimento antecipado (arrependimento que um indivíduo espera experimentar se vier a tomar determinada decisão) podem afectar a tomada de decisões (Guthrie, 1999; Zeelenberg, 1999; Zeelenberg & Beattie, 1997, cits. por cit. por Eshbaugh & Gute, 2008). Deste modo, se assim for, poderá haver um valor potencial e preventivo no arrependimento, no caso da participação em one-night stands, na medida em que este encoraja os sujeitos a tomarem decisões que minimizem ou previnam arrependimentos futuros.

Por fim, um último aspecto onde parece não haver grandes discrepâncias devidas ao sexo dos sujeitos prende-se com as variações na auto-estima. Das investigações realizadas por Paul e colaboradores (2000) pode inferir-se que, quer

homens quer mulheres que incorreram em sexo ocasional experimentam variações mais negativas na auto-estima do que sujeitos que não o fizeram.

Owen e Fincham (2011) sugerem, como corolário de tudo o que tem vindo a ser afirmado que os one-night stands não se assumem como experiências positivas para a maioria dos adultos emergentes, especialmente para as mulheres (Owen et al., 2010, cits. por Owen e Fincham, 2011).

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

1. Enquadramento, Objectivos e Hipóteses

Parece existir, até à data, uma lacuna no âmbito de estudo dos comportamentos sexuais respeitante ao campo específico das relações sexuais ocasionais sendo que, só recentemente, tem emergido quer a nível empírico, quer a nível popular, a consciência da prevalência das mesmas (Grello et al., 2006).

Noutra óptica, o momento em que se deixa de ser adolescente e se passa a ser adulto, embora muito discutido, nunca reuniu consenso absoluto. Com a segunda década do século XX, que aportou consigo mudanças sócio-económicas, o estender da escolarização acompanhado de evoluções compreensivas do próprio processo do desenvolvimento humano, tornou imperativo a que se olhasse com especial atenção esta fase da vida. A contribuição de Arnett (2000) foi decisiva pois através dela uma fase dúbia e pouco dotada de esclarecimento teórico robusteceu-se e obteve, pela primeira vez, não só contornos temporais efectivos (com início por volta dos dezoito anos e término no final da década dos vinte) e características mais restritivas como também uma designação própria: *Adulter Emergente*.

Nas sociedades ocidentais, os estudantes universitários têm-se revelado o símbolo e a justificativa para a emergência e definição deste período. A entrada na universidade e os anos que se seguem, carregados de peculiaridades e simbolismos, são identificados como tempo de transição e exploração (para o futuro) onde a múltipla solicitação externa (académica e social, por exemplo) deve convergir com o desenvolvimento interno. Assim, o estudante, adulto emergente, deve conseguir articular tarefas adaptativas de realização, com resolução de questões identitárias e da autonomia, mostrando uma abertura e receptividade aos novos desafios profissionais e relacionais, mais especificamente, à construção da intimidade.

A panóplia de oportunidades possibilitadoras de transformação do *self* pode, então, ser aqui olhada enquanto camuflagem de riscos. A (re)estruturar-se pessoalmente, o adulto emergente, ainda livre de compromissos da adultícia, deixa transparecer a ânsia da experimentação, não olhando muitas vezes às consequências que daí advêm.

Mais especificamente, reportando ao mundo das experiências românticas e sexuais, é nesta movimentação em direcção ao mundo da adultez que o adulto emergente, mediante riscos (físicos, associados à ocorrência de sexo desprotegido e consumos de substâncias ilícitas e, psicológicos, patentes através do arrependimento e da desilusão) poderá rever conflitos anteriores e abrir espaço à criação dessas novas relações de intimidade, marcadas por novos vínculos, por espaços afectivos (re)criados, exteriores àqueles que lhe eram familiares.

Neste sentido, a compreensão da génese das relações humanas tendo por base a Teoria da Vinculação proposta por Bowlby (1958, 1973, 1979) pareceu relevante. Mais ainda se for tida em conta a ideia de que esta é extensível ao ciclo de vida e pode ser conceptualizada em termos de Modelos Internos Dinâmicos, isto é, enquanto grelhas interpretativas e guias pré-simbólicos das acções do *self*, dos outros significativos e do da relação entre ambos (Niedenthal, Halberstadt & Innes-Ker, 1999, cits. por Faria 2008; Rodrigues et. al, 2004), que são constantemente revistos e desafiados.

Assim, se por um lado o adulto emergente se encontra num momento crucial para esta revisão das questões da vinculação e consequente (re)construção da intimidade, tarefa major desta fase do ciclo vital, ao entrar em episódios de sexo ocasional – caracterizados pela ausência da mesma e frequentemente associados a sentimentos negativos –, acaba por incorrer num paradoxo.

Detendo uma óptica desenvolvimentista, é precisamente no apreender deste paradoxo: conjunto de emoções e sentimentos negativos associados ao sexo ocasional, que se tem feito empiricamente notar, e não contribuição para a emergência da intimidade *versus* o aumento da frequência da sua prática, que reside o surgimento deste trabalho.

Mediante a revisão de literatura realizada, surgiu, como objectivo geral do presente estudo, mensurar a orientação dos estudantes universitários face ao sexo ocasional bem como compreender a sua relação com variáveis presentes no contexto envolvente. Isto é, mais especificamente:

(1) Atendendo à visão desenvolvimental adoptada e, mais precisamente, recorrendo à perspectiva vital da Teoria de Vinculação enquanto explicação para a predisposição humana de criar com um outro laços afectivos, fundamentais à emergência da intimidade, pretende compreender-se a relação entre estilos de vinculação e a Orientação Sociossexual dos estudantes universitários;

(2) Sendo que o sexo ocasional detém no meio universitário uma faceta marcadamente contexto-dependente, pois é aqui encorajado e olhado com permissividade, perspectiva-se também aferir acerca da relação existente entre a Orientação Sociossexual dos estudantes universitários e os Estilos de Amor proposto por Lee (1973), na medida em que este define também o conceito de amor como um comportamento socialmente aprendido e culturalmente dependente (Pinto, 2009; Lee, 1973);

(3) Estudos actuais (Flack et al., 2007; Paul & Hayes, 2002, cits. por Fielder & Carey, 2010), contradizendo a ideia de que o género influenciaria decisivamente a Orientação Sociossexual dos indivíduos (mais precisamente em relação à dimensão comportamental) têm relatado a inexistência de diferenças decorrentes desta variável, a este nível. Assim, espera perceber-se se a variável género influi na Orientação Sociossexual dos participantes do estudo;

(4) Por fim, o consumo de álcool tem surgido amplamente associado à participação em one-night stands (Gute & Eshbaugh, 2008) e, neste sentido, o presente trabalho visa aferir qual é a opinião dos estudantes ante esta realidade, bem como a sua relação com a Orientação Sociossexual dos mesmos.

Sob forma de responder ao primeiro objectivo proposto surgiu a seguinte hipótese:

H1: Existem correlações estatisticamente significativas entre as Dimensões da Vinculação e a Orientação Sociossexual (escala total e dimensões) dos estudantes universitários.

Visando responder ao segundo objectivo hipotetizou-se que:

H2: Existem correlações estatisticamente significativas entre os Estilos de Amor e a Orientação Sociossexual (escala total e dimensões) dos estudantes universitários.

Sob meio de resposta ao terceiro objectivo apresentaram-se as seguintes hipóteses:

H3a: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a Orientação Sociossexual (escala total) dos estudantes do género masculino e a Orientação Sociossexual (escala total) dos estudantes do género feminino.

H3b: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a dimensão Comportamento da Orientação Sociossexual dos estudantes do género masculino e a dimensão Comportamento da Orientação Sociossexual dos estudantes do género feminino.

H3c: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a dimensão Atitude da Orientação Sociossexual dos estudantes do género masculino e a dimensão Atitude da Orientação Sociossexual dos estudantes do género feminino.

H3d: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a dimensão Desejo da Orientação Sociossexual dos estudantes do género masculino e a dimensão Desejo da Orientação Sociossexual dos estudantes do género feminino.

Com o intuito de responder ao quarto objectivo elaborou-se a hipótese:

H4: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a Orientação Sociossexual (escala total) dos estudantes que já praticaram sexo ocasional após ingestão de bebidas alcoólicas e a Orientação Sociossexual (escala total) dos estudantes que não praticaram sexo ocasional após ingestão de bebidas alcoólicas.

2. Metodologia

2.1. Participantes

Participaram no presente estudo 276 sujeitos, estudantes do ensino superior pertencentes à Universidade de Évora. A escolha da instituição teve lugar apenas por conveniência do autor (Hill & Hill, 2005). Atendendo à aceitação mostrada pelos docentes, foram escolhidas turmas dos diferentes anos do primeiro ciclo – Licenciatura. A incidência neste ciclo justificou-se por uma tentativa de homogeneização da amostra visto que, à data, nem todos os cursos disponibilizam um segundo ciclo.

Foram ainda tidos em consideração os seguintes critérios para inclusão na amostra: (1) os sujeitos deveriam apresentar idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, pois segundo Arnett (2000) é este o intervalo temporal que melhor engloba e explica as vivências características da Adulter Emergente e (2) quanto à orientação sexual os participantes deveriam ser heterossexuais. Este facto deve-se à pequena quantidade de estudos feita com populações homossexuais e bissexuais, neste

âmbito, e à baixa percentagem de sujeitos que responderam nestas duas categorias, o que inviabiliza a possibilidade de comparações entre-grupos.

Mediante os critérios enunciados foram excluídos 16 participantes, obtendo-se uma amostra final composta por 260 sujeitos.

Relativamente ao género, 104 (40.0%) sujeitos eram do género Masculino e 156 (60.0%) eram do género Feminino.

As idades dos sujeitos variaram entre os 18 e os 25 anos, sendo a média (M) das mesmas de 20.50 e o desvio padrão (DP) de 1.857. A idade mais frequente encontrada na amostra foi de 20 anos.

Encontrou-se um total de 32 (12.3%) alunos com 18 anos, 54 (20.8%) alunos com 19 anos, 63 (24.2%) com 20 anos, 51 (19.6%) alunos com 21 anos, 18 (6.9%) alunos com 22 anos, 18 (6.9%) alunos com 23 anos, 12 (4.6%) alunos com 24 anos e 12 (4.6%) alunos com 25 anos.

Através do Quadro 1 pode observar-se, com maior detalhe, a distribuição dos estudantes de ambos os géneros pelas idades.

Quadro 1. Distribuição dos participantes por Género e Idade

Género		Idade (anos)								Total
		18	19	20	21	22	23	24	25	
Masculino	N	11	19	25	20	9	6	8	6	104
Feminino	N	21	35	38	31	9	12	4	6	156
Total	N	32	54	63	51	18	18	12	12	260

A distribuição de estudantes por anos de ensino é de 99 (38.1%) alunos no primeiro ano, 101 (38,8%) alunos no segundo ano e 60 (23.1%) no terceiro ano.

Quadro 2. Distribuição dos participantes por Género e Ano de Licenciatura

Género		Ano de Licenciatura			Total
		1º ano	2º ano	3º ano	
Masculino	N	48	37	19	104
Feminino	N	51	64	41	156
Total	N	99	101	60	260

No Quadro 3 é visível a distribuição, pormenorizada, de estudantes por ano de Licenciatura e por idade.

Quadro 3. Distribuição dos Participantes por Ano de Licenciatura e Idade

Ano de Licenciatura		Idade (anos)								Total
		18	19	20	21	22	23	24	25	
1º ano	N	32	25	19	12	3	1	2	5	99
2º ano	N	0	29	39	18	4	7	2	2	101
3º ano	N	0	0	5	21	11	10	8	5	60
Total	N	32	54	63	51	18	18	12	12	260

2.2. Instrumentos

Foi solicitado aos participantes a resposta a um protocolo de investigação constituído por (a) questões demográficas; (b) três instrumentos: Escala de Vinculação do Adulto (EVA), Escala de Atitudes em relação ao Amor (EAA) e Inventário de Orientação Sociossexual – Revisto (IOS-R); e, (c) um conjunto de três questões adicionais exploratórias relativas à ocorrência de sexo ocasional aquando do consumo de bebidas alcoólicas.

Este fez-se acompanhar de uma folha introdutória em que constavam informações relativas à identificação do autor do estudo e orientador, bem como ao contexto em que o mesmo estava a ser realizado; à duração média de preenchimento do protocolo (aproximadamente quinze minutos); ao anonimato e confidencialidade das respostas dadas, sendo que as mesmas seriam utilizadas unicamente para tratamento estatístico inerente ao estudo; e, uma ressalva específica para a importância do participante responder de forma completa, espontânea, sincera e individual.

(a) Questões demográficas

Neste âmbito os participantes deveriam indicar o sexo, a idade, o ano de Licenciatura que se encontravam a frequentar, bem como a sua orientação sexual (heterossexual, homossexual ou outra).

(b) Instrumentos

Escala de Vinculação do Adulto (EVA) – versão portuguesa aferida por Canavarro, M. C., Dias, P. & Lima V. (1995) da original *Adult Attachment Scale-R* (Collins & Read, 1990, *cits. por Canavarro et al., 2006*).

Ancorada no instrumento construído por Hazen e Shaver (1987, *cit. por Canavarro et al., 2006*) para avaliar a vinculação do adulto a escala original – *Adult Attachment Scale* – foi criada por Collins e Read sofrendo, por parte dos mesmos autores, uma revisão em 1990 (Canavarro et al., 2006).

Esta, enquadrada no grupo das abordagens dimensionais, surgiu com o intuito de superar as limitações metodológicas das medidas categoriais (em que se inseria o instrumento de Hazen e Shaver) que assumiam cada estilo de vinculação como independente dos restantes, não permitindo avaliar em que grau e extensão cada estilo é característico de um sujeito.

Neste sentido, começaram a utilizar-se escalas contínuas, constituídas por múltiplos itens, que emergiram da identificação e separação das descrições subjacentes aos parágrafos do instrumento de Hazan e Shaver (1987, *cit. por Canavarro et al., 2006*). Com a possibilidade de serem avaliados de forma independente, mediante uma escala do tipo Likert, os itens confluíram em três dimensões: *Close*, *Depend* e *Anxiety*, possibilitando a assumpção de uma maior variabilidade entre sujeitos, a não imposição de fronteiras rígidas de pertença a grupos, a operacionalização dos componentes básicos da vinculação e a realização de estudos psicométricos mais precisos (Fralely & Waller, 1998; Griffin & Bartholomew, 1994, *cits. por Canavarro et al., 2006*).

Aquando da construção efectiva da escala, Collins e Read (*cits. por Canavarro et al., 2006*) extraíram, primeiramente, as afirmações dos parágrafos do instrumento de Hazen e Shaver (1987, *cit. por Canavarro et al., 2006*), tendo obtido quinze itens (cinco para cada estilo de vinculação). A estes foram posteriormente adicionados seis novos itens, explicativos das crenças sobre a disponibilidade da figura de vinculação e a sua resposta quando requerida, chegando-se a uma versão preliminar da escala, composta por vinte e um itens, sete para cada estilo de vinculação.

Após a realização de estudos psicométricos deste instrumento preliminar resultou a actual versão de dezoito itens cuja análise factorial revelou a presença de três dimensões, cada uma constituída por seis itens. A primeira, designada por *Close*, mede a forma como o indivíduo se sente confortável ao estabelecer relações próximas

e íntimas; a segunda, *Depend*, avalia o modo como os indivíduos sentem poder depender de outros em situações em que necessitam deles; a terceira, *Anxiety*, avalia o grau em que o indivíduo se sente preocupado com a possibilidade de ser abandonado ou rejeitado.

Com o objectivo de conciliar as visões categoriais e dimensionais surgiram as abordagens prototípicas. Estas, se por um lado identificam características de um grupo de sujeitos, por outro, assumem a presença de variabilidade individual na pertença ao grupo. O modelo proposto por Bartholomew (1990, cit. por Canavarro et al., 2006), considerado a principal referência neste contexto, propõe uma classificação dos indivíduos em Seguros, Preocupados, Desligados e Amendrontados.

Em Portugal, Canavarro iniciou, na década de 90, o processo de validação da *Adult Attachment Scale* (Collins & Read, 1990, cits. por Canavarro et al., 2006) recebendo esta o nome de Escala de Vinculação do Adulto (EVA).

Os diversos estudos realizados com base na presente escala, quer com a população em geral, quer com grupos clínicos específicos, têm possibilitado ajustes na sua conceptualização e oferecido dados importantes para o estudo psicométrico e reafirmação deste instrumento de avaliação.

Num momento inicial, os resultados atingidos eram coincidentes com a Teoria da Vinculação do Adulto sendo as dimensões obtidas designadas de acordo com o modelo de Hazan e Shaver (1987, cit. por Canavarro et al., 2006), ou seja, dimensões de *Vinculação Ansiosa, Segura e Evitante*. Seguidamente, incorrendo em estudos de maiores envergaduras e recorrendo a amostras mais alargadas, foi encontrada uma solução factorial mais aproximada à do instrumento original (Collins & Read, 1990, cits. por Canavarro et al., 2006) que levou à classificação das dimensões como Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros. Por fim, numa outra fase empírica, procedeu-se à exploração da classificação dos indivíduos nos quatro protótipos de vinculação postulados por K. Bartholomew (1990, cit. por Canavarro et al., 2006), já referidos. Estes serão as designações adoptadas para classificar os indivíduos quanto ao seu estilo de vinculação no presente trabalho.

A Escala de Vinculação do Adulto utilizada no presente estudo é, assim, constituída por 18 itens, respondidos numa escala de Likert cotada de 1 a 5, sendo que o 1 significa que a afirmação do item não é nada característica no indivíduo e o 5 representa que a afirmação é extremamente característica.

Escala de Atitudes em Relação ao Amor, versão reduzida (EAA) – versão portuguesa reduzida (Neto, 1998) extraída da versão longa, traduzida e aferida por Neto, F. (1992) da original Love Attitudes Scale (LAS) (Hendrick & Hendrick, 1986).

Numa tentativa inicial de quantificar os estilos de amor foi utilizado um conjunto de cinquenta itens verdadeiro/falso, mais quatro itens, desenvolvido por Lasswell e Lasswell (1976, cit. por Hendrick & Hendrick, 2006). Estes, foram transformados numa escala em que cada item seria medido de 1 a 5. Contudo, após ser submetida a análises factoriais, percebeu-se que os seis estilos de amor propostos por Lee (Eros, Ludus, Storge, Pragma, Mania e Ágape) eram somente parcialmente suportados pela mesma. Assim, numa nova tentativa de construção da escala (Hendrick & Hendrick, 1986, cit. por Hendrick & Hendrick, 2006) 42 itens (sete itens destinados a medir cada estilo de amor) foram revistos e estandardizados conduzindo a resultados psicométricos bastante aceitáveis.

Com o passar do tempo, a escala foi identificada, por diversos investigadores, como sendo demasiado extensa e, assim, os autores do instrumento original viram-se impelidos a criar uma versão mais breve da mesma. Com essa finalidade, extraíram a melhor combinação de quatro itens de cada sub-escala de sete itens (representativas dos seis estilos de amor), tendo com essa versão reduzida obtido resultados psicométricos excelentes, em alguns aspectos melhores do que na versão longa da escala (Hendrick, Hendrick & Dicke, 1998, cit. por Hendrick & Hendrick, 2006).

Neto (1992, 1994, cit. por Pinto 2009) procedeu à tradução da escala original e identificou os seis estilos de amor em amostras portuguesas, não obstante as diferenças interculturais que foram também reconhecidas.

Esta era composta pelos mesmos 42 itens da versão original (Hendrick & Hendrick, 1986), distribuídos de forma semelhante, por estilo de amor. São exemplos dos itens característicos de cada estilo de amor:

- Eros: “Eu e o(a) meu(minha) namorado(a) temos a “química” física ideal.”
- Ludus: “Gosto de jogar o “jogo do amor” com diferentes companheiros(as).”
- Storge: “O melhor tipo de amor cresce a partir de uma amizade longa.”
- Pragma: “Um importante factor na escolha de um(a) companheiro(a) é se ele(a) será ou não um bom(boa) pai(mãe).”
- Mania: “Quando o(a) meu(minha) namorado(a) não me presta atenção, sinto-me doente.”
- Ágape: “Geralmente estou disposto(a) sacrificar os meus desejos para que o(a) meu(minha) namorado(a) alcance os seus.”

Cada um dos itens pode ser respondido numa escala que varia de 1 – o indivíduo concorda totalmente com a afirmação, a 5 – o indivíduo discorda totalmente da afirmação.

À semelhança do realizado por Hendrick e Hendrick (1998, cits. por Hendrick & Hendrick, 2006), também Neto (1998, cit. por Pinto 2009) sugeriu uma versão breve da LAS, constituída por vinte e quatro itens (quatro por cada estilo de amor), extraída da versão extensa. Verificando-se uma constância dos coeficientes *alfa de Cronbach* bem como os efeitos de género, pôde afirmar-se que esta forma breve da Escala de Atitudes em relação ao Amor é considerada apropriada, sendo utilizada no presente estudo.

Inventário de Orientação Sociossexual – Revisto (IOS-R) – versão para investigação traduzida por Varelas (2011) da original revised Sociosexual Orientation Inventory (SOI-R) (Penke & Asendorpf, 2008).

Simpson e Gangestad publicaram, em 1991 (cits. por Schmitt, 2005), o Sociosexual Orientation Inventory (SOI). Este apresentava-se como um questionário de auto-relato constituído por sete itens que visavam a mensuração da Orientação Sociossexual ao longo de uma única dimensão com dois pólos, um ocupado por uma posição “restrita” (indicativa de uma tendência para incorrer em relações sexuais exclusivamente no seio de uma relação de proximidade e compromisso) e outro por uma posição “não restrita” (representativa de uma tendência para incorrer em relações sexuais na ausência de um elevado comprometimento ou investimento).

O aparecimento deste instrumento esteve na base da proliferação de inúmeras investigações tendo sido aplicado com sucesso em mais de cinquenta estudos nos mais diversos campos (por exemplo, estudos de género, trabalhos na área da sexualidade, investigações transculturais, entre outros) (Simpson et al., 2004).

Apesar da popularidade atingida pelo SOI, as críticas foram uma constante: (a) conceptualmente foi questionada a capacidade de uma dimensão unitária reflectir de forma acurada as diferenças individuais na homossexualidade; e, (b) psicometricamente foram apontados estudos reveladores de uma baixa consistência interna, uma estrutura factorial, uma distribuição de *scores* enviesada, a presença de itens de resposta aberta que conduziam a respostas exageradas, múltiplas alternativas de cotação que originavam resultados incoerentes e a formulação específica de um

item (item 4) de modo a que o SOI se tornaria inapropriado para indivíduos solteiros (Schmitt, 2005).

Com o intuito de superar as limitações apresentadas, Penke e Asendorpf desenvolveram, em 2008, uma versão revista do SOI – revised Sociosexual Orientation Inventory (SOI-R). À semelhança do seu predecessor, este constituiu-se como um questionário de auto-relato, no entanto, após ter sido realizada uma série de estudos exploratórios com um lote de 47 itens, o seu número definitivo de itens, viu-se aumentado de sete (no SOI) para nove (no SOI-R) (Penke, 2010).

O novo instrumento visava avaliar três facetas da homossexualidade (três itens por faceta): (1) o Comportamento Passado (*Past Behavior*), em termos de número de parceiros sexuais ocasionais e mudança de parceiro sexual; as Atitudes explícitas (*explicit Attitude*) face ao sexo sem compromisso; e, o Desejo (*Desire*) ante pessoas com quem não se detém uma relação romântica.

Os primeiros dois itens da faceta Comportamento Passado foram decalcados do SOI original e questionam os indivíduos acerca do número de parceiros sexuais tidos nos últimos 12 meses e o número de one-night stands em que este já participou. Por sua vez, o terceiro item desta faceta avalia o número de parceiros com que o sujeito se envolveu sexualmente sem ter interesse numa relação a longo-prazo (Penke, 2010).

De igual modo, os primeiros dois itens da faceta Atitudes explícitas (que inquiram os indivíduos acerca da aceitação de relações sexuais na ausência de amor e do sentirem-se confortáveis com a participação em sexo ocasional) são semelhantes aos do SOI; o novo item (que questiona acerca da necessidade da existência de uma relação a longo-prazo para que tenham lugar relações sexuais) surgiu em substituição de um item do SOI cujo texto era demasiado extenso e complicado (Penke, 2010).

Por fim, a faceta Desejo passou a ser avaliada por três novos itens, visto que na versão original do instrumento esta não estava devidamente representada. Assim, passou a inquirir-se os indivíduos acerca da frequência com que estes experimentam fantasias sexuais espontâneas ou excitação sexual ao encontrarem pessoas com quem não detém uma relação romântica (Penke, 2010).

Todos os itens do presente instrumento são respondidos numa escala de Likert com o mesmo número de alternativas de resposta, sendo que este pode variar entre dois formatos, o SOI-R com uma escala de 5 alternativas de resposta e o SOI-R com uma escala composta por 9 alternativas de resposta. Este último formato foi o utilizado no presente trabalho, após ter sido traduzido, para efeitos de investigação.

Este procedimento decorreu de acordo com o sugerido por De Figueiredo e Lemkau (1980): inicialmente procedeu-se a uma tradução e retroversão do instrumento original; de seguida passou-se o instrumento traduzido a um pequeno grupo de pessoas (N=15), estudantes universitários, cumprindo os requisitos para inclusão na amostra, com o objectivo de verificar a acessibilidade do vocabulário e a compreensão unívoca dos itens.

Do estudo realizado por Penke (2006, cit. por Penke, 2010) pode afirmar-se que o SOI-R é adequado para amostras constituídas por sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos, com um nível de ensino médio, com uma orientação sexual hetero-, bi- ou homo-, com qualquer estado civil. De ressaltar que algumas facetas podem não conduzir a resultados considerados satisfatórios no caso dos indivíduos serem sexualmente inexperientes ou assexuados.

(c) Questões adicionais exploratórias

Tendo em vista o quarto objectivo específico formulado, referente ao levantamento da opinião dos estudantes quanto à associação do consumo de álcool com a participação em relações sexuais ocasionais e relação com a sua Orientação Sociossexual, enunciaram-se as seguintes questões, de índole exploratória:

1. Considera que a ingestão de bebidas alcoólicas facilita a ocorrência de sexo ocasional?
2. Já se encontrou nesta situação?
 - 2.1. Se sim, sentiu arrependimento de ter tido uma relação sexual ocasional?

2.3. Procedimentos de Recolha de Dados

Cronologicamente, o “trabalho de campo” decorreu durante o mês de Abril e Maio de 2011.

Previamente, no sentido de responder aos objectivos desta investigação elencou-se o protocolo já descrito.

Com o intuito de iniciar a recolha dos dados propriamente dita, foram consultados os horários do primeiro ciclo - Licenciatura, do primeiro ao terceiro ano. Após seleccionadas as turmas a quem seriam aplicados os protocolos (selecção feita estritamente por conveniência horária e número de alunos por turma), contactou-se, via e-mail, os respectivos docentes, visando o esclarecimento acerca da natureza do

estudo bem como a obtenção do consentimento para a aplicação, no final do tempo lectivo.

A administração dos instrumentos realizou-se presencialmente, em contexto de sala de aula e, não obstante a folha introdutória do protocolo, foi dada aos participantes uma breve explicação a propósito do âmbito do trabalho e natureza dos conteúdos.

O preenchimento, efectuado de forma voluntária, individual e anónima viu a sua confidencialidade garantida e reforçada pelo pedido mínimo de dados pessoais e também pela forma como os protocolos, respondidos, foram transportados (uma caixa encerrada, adaptada ao efeito).

2.4. Procedimentos de Análise de Dados

O Software PASW Statistics 18 (v. 18; SPSS Inc, Chicago, IL) foi o programa utilizado enquanto aplicação estatística para o tratamento dos dados, permitindo a suas posteriores análise e discussão.

Num primeiro momento realizaram-se análises às características psicométricas dos três instrumentos (EVA, EAA e IOS-R) que consistiram: (a) no estudo da sensibilidade por meio de análises descritivas onde se aferiram média e desvio padrão para todos os itens (agrupadas por sub-escalas/dimensões) bem como para as sub-escalas/dimensões de cada um dos instrumentos e escala total, quando pertinente; (b) no estudo da consistência interna, obtida através do cálculo do coeficiente de *alpha de Cronbach*, das correlações inter-item, das correlações item-escala total e *alpha de Cronbach* se o item for eliminado; e, (c) no estudo da validade de construto, avaliada por meio de análise factorial.

Numa segunda fase procedeu-se ao estudo das hipóteses, visando a resposta aos objectivos específicos do presente trabalho, recorrendo a análises de correlações e comparações de médias.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

1. Estudo das Características Psicométricas dos Instrumentos

1.1. Escala de Vinculação do Adulto (Canavarro, 1995)

(a) Sensibilidade da Escala

O estudo da sensibilidade da escala teve início com uma análise descritiva dos itens no que respeita à média e desvio padrão dos mesmos.

Quadro 4. Análise descritiva dos itens – dimensão Ansiedade

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Nada característico em mim (1)	Pouco característico em mim (2)	Característico em mim (3)	Muito característico em mim (4)	Extremamente característico em mim (5)		
3	19 (7.3%)	89 (34.2%)	85 (32.7%)	49 (18.8%)	18 (6.9%)	2.84	1.038
4	68 (26.2%)	142 (54.6%)	37 (14.2%)	8 (3.1%)	3 (1.2%)	1.98	0.798
9	24 (9.2%)	75 (28.8%)	91 (35.0%)	60 (23.1%)	10 (3.8%)	2.83	1.009
10	23 (8.8%)	73 (28.1%)	94 (36.2%)	48 (18.5%)	22 (8.5%)	2.90	1.073
11	33 (12.7%)	99 (38.1%)	87 (33.5%)	32 (12.3%)	9 (3.5%)	2.56	0.979
15	61 (23.5%)	98 (37.3%)	66 (25.4%)	28 (10.8%)	7 (2.7%)	2.32	1.033

Quadro 5. Análise descritiva dos itens – dimensão Conforto com a proximidade

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim		
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
1	4 (1.5%)	41 (15.8%)	110 (42.3%)	79 (30.4%)	26 (10.0%)	3.32	0.909
6	21 (8.1%)	68 (26.2%)	101 (38.8%)	54 (20.8%)	16 (6.2%)	2.91	1.017
8	87 (33.5%)	136 (52.3%)	32 (12.3%)	4 (1.5%)	1 (0.4%)	1.83	0.726
12	2 (0.8%)	14 (5.4%)	93 (35.8%)	110 (42.3%)	41 (15.8%)	3.67	0.833
13	61 (23.5%)	141 (54.2%)	46 (17.7%)	9 (3.5%)	1 (0.4%)	2.02	0.769
14	3 (1.2%)	25 (9.6%)	85 (32.7%)	99 (38.1%)	48 (18.5%)	3.63	0.931

Quadro 6. Análise descritiva dos itens – dimensão Confiança nos outros

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim		
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
2	27 (10.4%)	89 (34.2%)	71 (27.3%)	53 (20.4%)	20 (7.7%)	2.81	1.112
5	99 (38.1%)	107 (41.2%)	44 (16.9%)	9 (3.5%)	1 (0.4%)	1.87	0.842
7	77 (29.6%)	139 (53.5%)	34 (13.1%)	9 (3.5%)	1 (0.4%)	1.92	0.771
16	17 (6.5%)	88 (33.8%)	75 (28.8%)	48 (18.5%)	32 (12.3%)	2.96	1.132
17	58 (22.3%)	134 (51.5%)	44 (16.9%)	23 (8.8%)	1 (0.4%)	2.13	0.875
18	37 (14.2%)	137 (52.7%)	56 (21.5%)	26 (10.0%)	4 (1.5%)	2.32	0.893

Da análise dos quadros pode dizer-se que a média dos itens varia entre 1.83 e 3.67 o que revela que os participantes responderam predominantemente no “Nada característico em mim” (1), no “Pouco característico em mim” (2) e no “Característico em mim” (3). Nos três itens em que a média se mostra mais elevada (itens 1, 12 e 14) verificou-se que os participantes responderam maioritariamente no “Característico em mim” (3) e no “Muito característico em mim” (4). Por sua vez, o desvio padrão varia entre 0.726, dispersão mínima observada em torno da média, e 1.112, dispersão máxima observada.

Seguidamente calculou-se uma estatística descritiva para as três dimensões da escala.

Quadro 7. Estatística descritiva das três dimensões da EVA

Dimensão	Média	Desvio Padrão
Ansiedade	2.57	0.72
Conforto com a proximidade	3.62	0.50
Confiança nos outros	3.29	0.51

Atendendo ao agrupamento dos itens por dimensão, de acordo com o instrumento original, pode perceber-se que os sujeitos não se identificam fortemente com as atitudes expressas pela dimensão Ansiedade, isto é, com o medo de perder o parceiro ou ser por ele rejeitado, cuja média é de 2.57. Por sua vez, as médias das dimensões Conforto com a proximidade e Confiança nos outros, são mais elevadas, 3.62 e 3.29, respectivamente, o que pode ser indicador de que os participantes se sentem confortáveis em relações próximas com um outro, sentindo-se bem na sua dependência, acreditando na individualidade do *self* e crendo na disponibilidade do parceiro para com a relação.

(b) Consistência interna

A análise da consistência interna – proporção de variabilidade nas respostas que é resultado de diferenças nos inquiridos (Pestana & Gageiro, 2008) – debruçou-se, inicialmente, sobre o cálculo do coeficiente do *alpha de Cronbach*. Este pode ser definido como a correlação que se espera obter entre a escala usada e outras escalas hipotéticas do mesmo universo, com igual número de itens, que meçam a mesma característica, variando entre 1 e 0 (Pestana & Gageiro, 2008).

Quadro 8. Valores de *alpha de Cronbach* – EVA

Dimensão	<i>de Cronbach</i>
Ansiedade	0.82
Conforto com a proximidade	0.61
Confiança nos outros	0.50
Total (EVA)	0.51

Dos resultados obtidos pode referir-se que o *alpha de Cronbach* total é bastante baixo, em contraste com obtido pela autora aquando da aferição do instrumento (0.81). No entanto, os *alphas* das dimensões encontram-se dentro do esperado, confrontando com os valores obtidos para o instrumento original, que foram de 0.84 no que respeita à dimensão Ansiedade, 0.67 na dimensão Conforto com a proximidade e 0.54 na dimensão Confiança nos outros.

Com efeito, atendendo às correlações inter-item, os itens correspondentes à dimensão Ansiedade são aqueles que apresentam correlações positivas mais elevadas, o que não se verifica nas outras duas dimensões.

Quadro 9. Correlações item-escala total e *alpha de Cronbach* se o item for retirado – EVA

Dimensão	Item	Correlação item-escala total	<i>de Cronbach</i> (sem o item)
Ansiedade	3	0.334	0.456
	4	-0.014	0.524
	9	0.311	0.462
	10	0.293	0.465
	11	0.324	0.461
	15	-0.029	0.535
Conforto com a proximidade	1	0.220	0.484
	6	0.148	0.498
	8	0.037	0.514
	12	0.329	0.466
	13	0.073	0.509
	14	0.270	0.474
Confiança nos outros	2	0.051	0.521
	5	0.202	0.488
	7	0.002	0.520
	16	0.117	0.506
	17	0.130	0.501
	18	0.154	0.496

Através do Quadro 9 observa-se que nenhum item detém com a escala total uma correlação muito elevada. Por essa razão e, verificando que os valores do *alpha de Cronbach* sem a presença do item não se alteram substancialmente em nenhum dos casos, preferiu manter-se, de momento, todos os itens e proceder à análise factorial.

(c) Análise Factorial

A análise factorial procura simplificar os dados através da redução do número de variáveis necessárias para os descrever. Postula um modelo que explica a correlação entre as variáveis observáveis, partindo do princípio que existe um menor número de variáveis não observáveis (factores) subjacentes aos dados, que expressam o que existe de comum nas variáveis originais (Pestana & Gageiro, 2008).

Realizando os testes preliminares à análise factorial: KMO – compara as correlações simples com as correlações observadas entre as variáveis e deverá aproximar-se de 1 (Pestana & Gageiro, 2008) – e teste de esfericidade de Bartlett – utilizado para verificar se a matriz das correlações é a matriz identidade com determinante igual a 1 e deverá ser significativo a um nível de significância de 0.05 (Pestana & Gageiro, 2008) –, pode concluir-se que é adequado utilizar a técnica de análise factorial com os dados decorrentes da aplicação da EVA, uma vez que o valor de KMO foi de 0.790 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($p\text{-value}=0.000$) ao nível de significância de 0.05.

Ao realizar-se uma análise factorial segundo o critério de Keiser (valores próprios maiores do que 1), obteve-se uma solução factorial constituída por 5 factores. Neste caso, verificou-se uma distribuição/saturação dos itens por factor muito dissemelhante da obtida pela autora do instrumento original quer na matriz original, quer na matriz rodada, obtida por rotação varimax – rotação ortogonal que visa minimizar o número de variáveis com elevados *loadings* num factor.

Deste modo, na tentativa de aproximar os resultados do presente estudo aos obtidos por Canavarro e colaboradores (2006) procedeu-se à realização de uma análise factorial forçando um número fixo de factores, três.

QUADRO 10. Solução de 3 factores ortogonais, após análise factorial – EVA

Factor 1		Factor 2		Factor 3	
Itens	Loadings	Itens	Loadings	Itens	Loadings
11	0.832	14	0.681	2	0.738
10	0.789	1	0.628	5	0.541
9	0.784	12	0.546	16	0.533
3	0.751	18	0.530	17	0.438
15	0.516	6	0.468		
4	0.440	13	0.448		
		7	0.436		
		8	0.396		
Valor próprio					
	3.702		2.786		1.559
Variância explicada por factor					
	20.566%		15.477%		8.663%
Variância total explicada					
			44.706%		

Olhando aos valores dos *loadings* da matriz rodada resultante – cujo objectivo é o de extremar os valores dos *loadings* de modo a que cada variável seja somente associada a um factor (Pestana & Gageiro, 2008) – pode dizer-se que a solução factorial encontrada se aproxima visivelmente da encontrada por Canavarro (1997, cit. por Canavarro et al., 2006). Apontam-se, no entanto, duas excepções, relativas ao item 18 e 7 que, no instrumento utilizado por Canavarro e colegas (2006), saturaram no factor 3.

A solução encontrada aponta nitidamente para que o factor 1 corresponda à dimensão Ansiedade, o factor 2 corresponda à dimensão Conforto com a proximidade e o factor 3 corresponda à dimensão Confiança nos outros.

A variância total explicada é de 44.706%, muito próxima da atingida por Canavarro (1997, cit. por Canavarro et al., 2006), 46.9%.

1.2. Escala de Atitudes em Relação ao Amor (Neto, 1998)

(a) Sensibilidade da Escala

A sensibilidade da escala foi estudada, inicialmente, através de uma análise descritiva dos itens no que respeita à média e desvio padrão dos mesmos.

QUADRO 11. Análise descritiva dos itens – sub-escala Eros

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Concordo totalmente	Concordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Discordo moderadamente	Discordo totalmente		
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
2	116 (44.6%)	79 (30.4%)	46 (17.7%)	16 (6.2%)	3 (1.2%)	1.89	0.982
6	88 (33.8%)	59 (22.7%)	71 (27.3%)	31 (11.9%)	10 (3.8%)	2.29	1.167
12	100 (38.5%)	83 (31.9%)	49 (18.8%)	21 (8.1%)	7 (2.7%)	2.05	1.068
16	131 (50.4%)	78 (30.0%)	37 (14.2%)	7 (2.7%)	5 (1.9%)	1.75	0.935

QUADRO 12. Análise descritiva dos itens – sub-escala Ludus

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Concordo totalmente	Concordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Discordo moderadamente	Discordo totalmente		
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
3	61 (23.5%)	49 (18.8%)	44 (16.9%)	54 (20.8%)	52 (20.0%)	2.95	1.463
7	32 (12.3%)	35 (13.5%)	32 (12.3%)	63 (24.2%)	98 (37.7%)	3.62	1.416
19	34 (13.1%)	34 (13.1%)	74 (28.5%)	73 (28.1)	45 (17.3%)	3.23	1.256
21	12 (4.6%)	15 (5.8%)	31 (11.9%)	52 (20.0%)	149 (57.3%)	4.20	1.144

QUADRO 13. Análise descritiva dos itens – sub-escala Storge

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Concordo totalmente	Concordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Discordo moderadamente	Discordo totalmente		
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
4	69 (26.5%)	64 (24.6%)	60 (23.1%)	42 (16.2%)	25 (9.6%)	2.58	1.297
10	53 (20.4%)	56 (21.5%)	67 (25.8%)	50 (19.2%)	33 (12.7%)	2.82	1.309
20	65 (25.0%)	48 (18.5%)	59 (22.7%)	50 (19.2%)	37 (14.2%)	2.79	1.385
22	55 (21.2%)	60 (23.1%)	49 (18.8%)	64 (24.6%)	32 (12.3%)	2.84	1.340

QUADRO 14. Análise descritiva dos itens – sub-escala Pragma

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Concordo totalmente	Concordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Discordo moderadamente	Discordo totalmente		
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
8	13 (5.0%)	24 (9.2%)	62 (23.8%)	76 (29.2%)	85 (32.7%)	3.75	1.153
11	18 (6.9%)	29 (11.2%)	63 (24.2%)	83 (31.9%)	67 (25.8%)	3.58	1.184
13	41 (15.8%)	63 (24.2%)	69 (26.5%)	53 (20.4%)	34 (13.1%)	2.91	1.264
15	10 (3.8%)	13 (5.0)	29 (11.2%)	72 (27.2%)	136 (52.3%)	4.20	1.071

QUADRO 15. Análise descritiva dos itens – sub-escala Mania

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Concordo totalmente	Concordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Discordo moderadamente	Discordo totalmente		
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
1	50 (19.2%)	42 (16.2%)	77 (29.6%)	62 (23.8%)	29 (11.2%)	2.92	1.271
5	78 (30.0%)	52 (20.0%)	53 (20.4%)	51 (19.6%)	26 (10.0%)	2.60	1.357
9	15 (5.8%)	40 (15.4%)	52 (20.0%)	74 (28.5%)	79 (30.4%)	3.62	1.226
23	36 (13.8%)	44 (16.9%)	75 (28.8%)	72 (27.7%)	33 (12.7%)	3.08	1.227

QUADRO 16. Análise descritiva dos itens – sub-escala Agape

Itens	Frequências					Média	Desvio Padrão
	Concordo totalmente	Concordo moderadamente	Não concordo nem discordo	Discordo moderadamente	Discordo totalmente		
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
14	103 (39.6%)	60 (23.1%)	62 (23.8%)	22 (8.5%)	13 (5.0%)	2.16	1.184
17	46 (17.7%)	43 (16.5%)	60 (23.1%)	71 (27.3 %)	40 (15.4%)	3.06	1.328
18	38 (14.6%)	43 (16.5%)	73 (28.1%)	71 (27.3%)	35 (13.5%)	3.08	1.249
24	37 (14.2%)	34 (13.1%)	57 (21.9%)	73 (28.1%)	59 (22.7%)	3.32	1.339

Da análise dos quadros pode dizer-se que a média dos itens se localiza predominantemente nos valores 2 – “Concordo moderadamente” e 3 – “Não concordo nem discordo”, mas varia entre os extremos 1.75 e 4.20. São assim de destacar os itens 16 (com uma média de 1.75), onde a maioria dos participantes disse concordar

totalmente com a afirmação e os itens 15 e 21 (com uma média de 4.20) onde a maioria dos participantes respondeu discordar totalmente com a afirmação.

Por seu turno, o desvio padrão varia entre 0.935 (para o item 16, onde já se tinha verificado uma grande concordância dos sujeitos, pela observação da média obtida no item), dispersão mínima observada em torno da média, e 1.463, dispersão máxima observada.

Seguidamente procedeu-se ao cálculo da estatística descritiva para as seis sub-escalas.

Quadro 17. Estatística descritiva das seis sub-escalas da EAA

Dimensão	Média	Desvio Padrão
Eros	1.99	0.792
Ludos	3.50	0.853
Storge	2.76	0.895
Pragma	3.61	0.900
Mania	3.05	0.900
Agape	2.91	1.016

Atendendo ao agrupamento dos itens por dimensão, de acordo com o instrumento original (Neto, 1998), pode perceber-se que os sujeitos se identificam fortemente com as atitudes expressas pela sub-escala Eros, isto é, partilham da ideia da importância da beleza e atracção física entre parceiros, do amor à primeira vista e da rápida criação de intimidade. Também as dimensões Storge (M=2.76) e Agape (M=2.91) reúnem algum consenso com as afirmações expressas nos itens suportando a ideia de que, em média, os participantes acreditam que o amor resulta de uma amizade desenvolvida com o tempo e é baseado na confiança (Storge) e que deverá passar por um sacrifício em prole da felicidade do parceiro, amando sem expectativas (Agape).

Por fim, no que respeita às três restantes sub-escalas, parece poder afirmar-se, olhando aos valores médios, que os participantes não concordam nem discordam com as afirmações.

(b) Consistência interna

O estudo da consistência interna da EAA, à semelhança do que foi feito para o instrumento anterior, iniciou-se com a análise dos coeficientes do *alpha de Cronbach*.

Quadro 18. Valores de *alpha de Cronbach* – EAA

Dimensão	<i>de Cronbach</i>
Eros	0.76
Ludos	0.53
Storge	0.60
Pragma	0.77
Mania	0.67
Agape	0.81
Total (EAA)	0.72

Segundo os valores tabelados para o coeficiente de *alpha de Cronbach* (Pestana & Gageiro, 2008), o instrumento apresenta um *alpha de Cronbach* para a escala total razoável (0.72). No entanto, analisando cada uma das sub-escalas pode verificar-se que Ludus detém um *alpha de Cronbach* muito baixo (0.53), as sub-escalas Storge e Mania detêm um *alpha de Cronbach* considerado fraco (0.60 e 0.67), as sub-escalas Eros e Pragma já revelam valores superiores, ficando dentro do razoável (0.76 e 0.77) e, por fim, a sub-escala Agape pode dizer-se detentora de uma consistência interna boa, com um valor de *alpha de Cronbach* superior a 0.80 (0.81).

Através do quadro seguinte (Quadro 18) pode verificar-se que diversos itens se correlacionam de forma muito baixa com a escala total, com ênfase para os pertencentes à sub-escala Ludus. Por outro lado, não se observa uma subida do valor do *alpha de Cronbach* após a retirada de nenhum item. Deste modo, e sob pena de poder vir a comprometer a existência de alguma das sub-escalas, avançou-se para a análise factorial e mediante os resultados da mesma, decidindo posteriormente acerca da exclusão de algum item.

Quadro 19. Correlações item-escala total e *alpha de Cronbach* se o item for retirado – EAA

Dimensão	Item	Correlação item-escala total	<i>de Cronbach</i> (sem o item)
Eros	2	0.178	0.704
	6	0.241	0.699
	12	0.249	0.699
	16	0.122	0.707
Ludus	3	0.069	0.716
	7	0.054	0.717
	19	-0.049	0.722
	21	0.187	0.703
Storge	4	0.188	0.704
	10	0.042	0.716
	20	0.150	0.708
	22	0.235	0.700
Pragma	8	0.344	0.692
	11	0.390	0.688
	13	0.444	0.682
	15	0.414	0.687
Mania	1	0.440	0.683
	5	0.259	0.698
	9	0.304	0.694
	23	0.369	0.689
Agape	14	0.311	0.694
	17	0.428	0.683
	18	0.465	0.681
	24	0.372	0.688

(c) Análise Factorial

Ao serem realizados os testes preliminares à análise factorial obteve-se um valor de KMO de 0.738 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo (p -value=0.000) ao nível de significância de 0.05, o que indica a adequabilidade da técnica a este instrumento.

Da análise factorial segundo o critério de Keiser (valores próprios maiores do que 1), obteve-se uma solução factorial constituída por 8 factores. Neste caso, verificou-se uma distribuição/saturação dos itens por factor distinta da obtida para o instrumento original (Neto, 1998) quer na matriz original, quer na matriz rodada.

Na tentativa de aproximar os resultados aos do instrumento original procedeu-se à realização de uma análise factorial forçando um número fixo de factores, seis.

QUADRO 20. Solução de 6 factores ortogonais, após análise factorial – EAA

Factor 1		Factor 2		Factor 3		Factor 4		Factor 5		Factor 6	
Itens	Load.	Itens	Load.	Itens	Load.	Itens	Load.	Itens	Load.	Itens	Load.
17	0.856	11	0.852	2	0.822	1	0.757	4	0.860	7	0.754
18	0.788	8	0.730	12	0.775	5	0.664	20	0.852	21	0.710
14	0.748	15	0.725	6	0.745	23	0.632	22	0.674	19	0.557
24	0.693	13	0.663	16	0.651	9	0.586			3	0.440
										10	0.245
Valor próprio											
2.641		2.392		2.371		2.314		2.058		1.915	
Variância explicada por factor											
11.005%		9.966%		9.881%		9.643%		8.575%		7.977%	
Variância total explicada											
57.048%											

Olhando aos valores dos *loadings* da matriz antes e após rotação, pode dizer-se que a solução factorial encontrada decorrente da matriz rodada se aproxima visivelmente da encontrada por Neto (1998). Aponta-se, no entanto, uma excepção relativa ao item 10 que, de acordo com o instrumento original, deveria saturar no factor 5. Atendendo ao valor muito baixo da correlação deste item com a escala total (0.42) em conjugação com a sua saturação num factor diferente do modelo factorial original, sugere-se que se proceda à exclusão do mesmo.

Através da solução encontrada pode dizer-se que o factor 1 corresponde à sub-escala Agape, o factor 2 à sub-escala Pragma, o factor 3 à sub-escala Eros, o factor 4 à sub-escala Mania, o factor 5 à sub-escala Storge e o factor 6 à sub-escala Ludus.

A variância total explicada é de 57.048%, superior aos valores encontrados para outros estudos, que rondam os 43.0% (Pinto, 2009; Neto, 1992).

Realizou-se, por fim, um novo cálculo do coeficiente de *alpha de Cronbach*, após a eliminação do item 10, mantendo-se este igual. A variância total explicada aumentou, no entanto de 57.048% para 59.306%.

1.3. Inventário de Orientação Sociossexual – Revisto (versão traduzida para investigação)

(a) Sensibilidade da Escala

A análise da sensibilidade da escala teve início com uma abordagem descritiva dos itens no que respeita à média e desvio padrão.

QUADRO 21. Análise descritiva dos itens – dimensão Comportamento

Itens	Frequências										Média	Desvio Padrão
	0 (1)	1 (2)	2 (3)	3 (4)	4 (5)	5-6 (6)	7-9 (7)	10-19 (8)	20 ou mais (9)			
1	51 (19.6%)	127 (48.8%)	41 (15.8%)	19 (7.3%)	13 (5.0%)	5 (1.9%)	4 (1.5%)	0	0	0	2.41	1.275
2	101 (38.8%)	107 (41.2%)	25 (9.6%)	13 (5.0%)	6 (2.3%)	5 (1.9%)	1 (0.4%)	2 (0.8%)	0	0	2.02	1.256
3	122 (46.9%)	63 (24.2%)	31 (11.9%)	16 (6.2%)	6 (2.3%)	12 (4.6%)	4 (1.5%)	4 (1.5%)	1 (0.4%)	1	2.22	1.697

QUADRO 22. Análise descritiva dos itens – dimensão Atitude

Itens	Frequências										Média	Desvio Padrão
	1	2	3	4	5	6	7	8	9			
4	54 (20.8%)	33 (12.7%)	33 (12.7%)	24 (9.2%)	41 (15.8%)	12 (4.6%)	23 (8.8%)	12 (4.6%)	28 (10.8%)	0	4.23	2.654
5	115 (44.2%)	37 (14.2%)	21 (8.1%)	14 (5.4%)	19 (7.3%)	15 (5.8%)	17 (6.5%)	5 (1.9%)	17 (6.5%)	0	3.10	2.583
6	56 (21.5%)	35 (13.5%)	48 (18.5%)	25 (9.6%)	17 (6.5%)	13 (5.0%)	12 (4.5%)	20 (7.7%)	34 (13.1%)	0	4.17	2.801

QUADRO 23. Análise descritiva dos itens – dimensão Desejo

Itens	Frequências										Média	Desvio Padrão
	1*	2*	3*	4*	5*	6*	7*	8*	9*			
7	38 (14.6%)	91 (35.0%)	28 (10.8%)	15 (5.8%)	15 (5.8%)	28 (10.8%)	26 (10.0%)	12 (4.6%)	7 (2.7%)	0	3.65	2.349
8	55 (21.2%)	95 (36.5%)	23 (8.8%)	14 (5.4%)	15 (5.8%)	21 (8.1%)	24 (9.2%)	11 (4.2%)	2 (0.8%)	0	3.25	2.234
9	85 (32.7%)	97 (37.3%)	22 (8.5%)	14 (5.4%)	5 (1.9%)	11 (4.2%)	18 (6.9%)	6 (2.3%)	2 (0.8%)	0	2.63	2.008

* (1 – nunca; 2 – muito raramente; 3 – uma vez a cada dois ou três meses; 4 – uma vez por mês; 5 – uma vez a cada duas semanas; 6 – uma vez por semana; 7 – várias vezes por semana; 8 – quase todos os dias; 9 – pelo menos uma vez por dia)

Da análise dos quadros pode dizer-se que a média dos itens relativos à dimensão Comportamento é a mais baixa, variando entre 1.256 e 1.697. Também parece ser esta a sub-escala onde os participantes se dispersam menos nas respostas, sendo os valores do desvio padrão os menos elevados.

Os itens pertencentes às outras duas sub-escalas já mostram, no entanto, uma média mais elevada, chegando a atingir o valor de 4.23. Neste caso também os valores de desvio-padrão indicam uma maior dispersão em torno da média.

Seguidamente realizou-se o cálculo da estatística descritiva para as três dimensões do IOS-R.

Quadro 24. Estatística descritiva das três dimensões do IOS-R

Dimensão	Média	Desvio Padrão
Comportamento	2.21	1.218
Atitude	4.39	2.210
Desejo	3.18	1.938
Escala Total	2.96	1.384

Tendo em consideração o agrupar dos itens de acordo com o instrumento original (Penke, 2010) e, atendendo aos valores das médias atingidos para cada dimensão, pode dizer-se que a dimensão Comportamento detém uma média mais baixa (M=2.21) do que as dimensões Atitude (M=4.39) e Desejo (M=3.18). Estes dados podem significar que os participantes são mais restritos ao nível dos Comportamentos (face ao sexo ocasional) do que ao nível das Atitudes e do Desejo.

(b) Consistência interna

O estudo da consistência interna do IOS-R dedicou-se primeiramente à análise dos coeficientes do *alpha de Cronbach* para a escala total e suas sub-escalas.

Quadro 25. Valores de *alpha de Cronbach* – IOS-R

Dimensão	<i>de Cronbach</i>
Comportamento	0.83
Atitude	0.77
Desejo	0.85
Total (IOS-R)	0.88

Segundo os valores tabelados para o valor do coeficiente de *alpha de Cronbach* (Pestana & Gageiro, 2008), o instrumento apresenta um índice de fiabilidade para a escala total dito Bom (0.88). Inclusivamente, este é superior ao apresentado pelo autor, no instrumento original (0.83). Analisando individualmente cada uma das sub-escalas, pode referir-se que quer a sub-escala Comportamento (0.83) quer a sub-escala Desejo (0.85) possuem um *alpha de Cronbach* Bom e muito similar ao do instrumento original, contudo, no caso da escala Atitude verificou-se um índice de fiabilidade um pouco mais baixo (0.77) do que o esperado (0.87 para os homens e 0.83 para as mulheres).

No que concerne aos valores das correlações inter-item todos elas parecem estar correlacionados entre si de forma significativa e elevada o que não sugere a exclusão de nenhum deles.

Quadro 26. Correlações item-escala total e *alpha de Cronbach* se o item for retirado – IOS-R

Dimensão	Item	Correlação item-escala total	<i>de Cronbach</i> (sem o item)
Comportamento	1	0.594	0.871
	2	0.583	0.872
	3	0.675	0.862
Atitude	4	0.620	0.866
	5	0.765	0.850
	6	0.543	0.876
Desejo	7	0.677	0.859
	8	0.698	0.857
	9	0.634	0.863

O Quadro 26 surge no decorrer da análise da consistência interna e vem corroborar as análises já realizadas a respeito do IOS-R. Observam-se correlações item-escala total positivas e elevadas no caso de todos os itens e não se verificam subidas do coeficiente de *alpha de Cronbach* caso seja removido algum deles. Estas afirmações suportam a ideia de prosseguir para o estudo da validade de construto com a totalidade dos itens.

(c) Análise Factorial

A adequabilidade da técnica de análise factorial ao IOS-R foi assegurada pelo valor do teste de KMO (0.876) e pelo teste de esfericidade de Bartlett, significativo (p -value=0.000) a um nível de significância de 0.05.

Assim, procedeu-se a uma análise factorial mediante o critério de Keiser (valores próprios superiores a 1), obtendo-se uma solução factorial constituída por 2 factores, que diferiu bastante da encontrada por Penke (2010) aquando da aferição do instrumento original.

Na tentativa de aproximar os resultados do presente estudo aos de Penke (2010) realizou-se uma análise factorial forçando um número fixo de factores, três.

QUADRO 27. Solução de 3 factores ortogonais, após análise factorial – IOS-R

Factor 1		Factor 2		Factor 3	
Itens	Loadings	Itens	Loadings	Itens	Loadings
8	0.887	2	0.847	6	0.830
7	0.809	1	0.802	4	0.747
9	0.797	3	0.761		
5	0.546				
Valor próprio					
2.608		2.334		1.801	
Variância explicada por factor					
28.937%		25.936%		20.016	
Variância total explicada					
74.925%					

Comparando os valores dos *loadings* da matriz antes e após rotação, pode dizer-se que a solução factorial encontrada decorrente da matriz rodada se aproxima bastante da indicada por Penke (2010).

É visível, contudo, uma diferença ao nível do item 5 que saturou fora do factor esperado (saturou no factor 1, sub-escala Desejo em lugar de suturar no factor 3, sub-escala Atitude), tomando como referência do instrumento de Penke (2010).

Apesar de se poder ponderar acerca da eliminação do referido item, decidi não se avançar com a mesma uma vez que cada dimensão é apenas representada por três itens (número muito reduzido).

De referir que o factor 1 corresponde à sub-escala Desejo, o factor 2 à sub-escala Comportamento e o factor 3 à sub-escala Atitude; a variância total explicada é de 74.925%.

Visto que grande parte da raiz dos resultados assenta nas análises psicométricas realizadas são de tecer, ainda, algumas considerações levando em linha de conta não só os valores estatisticamente considerados como favoráveis mas também os resultados obtidos pelos autores dos instrumentos originais e por outros investigadores que a eles recorreram.

No que respeita à Escala de Vinculação do Adulto (EVA) dotada nos trabalhos de Canavarro e colaboradores (2006) de uma fiabilidade bastante favorável (um valor de *alpha de Cronbach* de 0.81), foi com alguma surpresa que se observou um *alpha de Cronbach* de 0.51, para a escala total, considerado excessivamente baixo. Também nas sub-escalas os valores atingidos não foram ideais a nível estatístico (0.82 na dimensão Ansiedade, 0.61 na dimensão Conforto com a proximidade e 0.50 na dimensão Confiança nos outros). Contudo, mostraram-se consonantes com os obtidos no estudo já citado. De referir que, numa investigação levada a cabo por Santana (2010), também com população do ensino superior, o mesmo se verificou – um índice de *Cronbach* para a escala total muito baixo (0.52) bem como nas sub-escalas Conforto com a proximidade (0.66) e Confiança nos outros (0.66).

Este facto leva a hipotetizar acerca dos factores por detrás destes resultados. Tal como já foi referido, por se tratar de um instrumento de auto-relato, poderá haver sempre alguma influência da desejabilidade social ao nível das respostas. Todavia, essa não aparenta ser a razão preponderante para a discrepância, tão grande, observada.

Assim, realizou-se uma análise das correlações entre as sub-escalas do instrumento. Tal como era esperado verificou-se a existência de uma correlação estatisticamente significativa e negativa entre a dimensão Ansiedade e as dimensões Conforto com a proximidade e Confiança nos outros ($r = -0.206$, $p < 0.01$; $r = -0.280$, $p < 0.01$, respectivamente) e que estas duas últimas dimensões se encontram significativa e positivamente correlacionadas ($r = 0.325$, $p < 0.01$). É da correlação positiva encontrada entre as sub-escalas Conforto com a proximidade e Confiança nos outros que se acredita poder emergir a explicação para uma fiabilidade tão baixa apresentada pela escala total, bem como por estas duas sub-escalas. Olhando atentamente ao conteúdo dos itens que as integram, parece poder afirmar-se que este

é bastante semelhante e que, apresentado a sujeitos “comuns” (estudantes fora da área da Psicologia) possa ser olhado de forma muito similar e muito dependente, não favorecendo a interpretação desejável dos itens.

A apoiar a ideia proposta encontram-se não só as correlações inter-item, que são elevadas e positivas apenas na dimensão Ansiedade mas também a solução factorial encontrada, que difere da do instrumento original em dois itens, o 7 (“Acho que as pessoas estão nunca estão presentes quando são necessárias”) e o 18 (“Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas”): ambos os itens deveriam ter saturado na dimensão Confiança nos outros mas, em vez disso, saturaram na dimensão Conforto com a proximidade, o que pode ser revelador da sua interdependência e sobreposição.

No que respeita à Escala de Atitudes em Relação ao Amor (EAA), apesar dos valores de *alpha de Cronbach* encontrados para as sub-escalas serem estatisticamente pouco elevados, na maioria dos casos, quando comparados com os obtidos por outros investigadores, eles são semelhantes e, em algumas sub-escalas, até um pouco mais elevados. Por exemplo, num estudo realizado por Neto e Pinto (2003, cits. por Pinto, 2009), onde foi utilizada a mesma versão do presente trabalho, a consistência interna da escala foi considerada como globalmente satisfatória (sendo os resultados para os *alphas de Cronbach* nos diferentes estilos de amor de 0,61 (Eros), 0,59 (Ludus), 0,70 (Storge), 0,72 (Pragma), 0,62 (Mania) e 0,74 (Ágape)), desta forma, considerou-se ser possível prosseguir para o estudo de hipóteses com os valores alcançados.

A acrescentar há, no entanto, a justificação para a exclusão do item 10 (“A nossa amizade transformou-se gradualmente em amor ao longo do tempo.”) que, segundo o instrumento original, deveria saturar na sub-escala Storge e na solução encontrada neste estudo satura na sub-escala Ludus. Apesar da fiabilidade da escala não se alterar, devido à correlação baixa apresentada pelo item com a escala total (0.42) e por não parecer congruente a inclusão deste na sub-escala Ludus, dado o seu conteúdo, optou-se pela sua remoção.

Por fim, o Inventário de Orientação Sociossexual – Revisto (IOS-R), era um instrumento que, em diversas línguas e diferentes populações, detinha valores de consistências internas elevadas.

Os valores obtidos para os *alphas de Cronbach* das dimensões e escala total foram, então, consonantes com os de outras investigações variando entre os 0.77 e os 0.88 (dimensão Comportamento, =0.83; dimensão Atitude, =0.77; dimensão Desejo,

=0.85 e escala total, =0.88). No caso deste instrumento, apesar da solução factorial diferir num dos itens (o item 5 deveria saturar na dimensão Atitude, mediante o instrumento original (Penke, 2008), mas saturou na dimensão Desejo), optou-se, desde logo, pela não exclusão do mesmo, visto o número bastante reduzido de itens integrantes de cada dimensão.

Apesar dos primeiros dois instrumentos se encontrarem traduzidos e aferidos à população portuguesa não pode, todavia, deixar de se considerar este factor aquando da sua utilização. Por outro lado, uma questão que é transversal aos três instrumentos e que se considera poder influenciar em certa medida as características psicométricas prende-se com o número reduzido de itens por dimensão/sub-escala. Não parece suficientemente consistente medir dimensões/sub-escalas com apenas três, quatro ou mesmo seis itens, o que acontece com os instrumentos do presente estudo e pode ter contribuído para os baixos valores de consistência interna encontrados (no caso da EVA e da EAA).

2. Estudo das Hipóteses

Previamente ao estudo detalhado das hipóteses foi feita a classificação dos participantes mediante o seu estilo de vinculação, de acordo com Bartholomew (1990, cit. por Canavarro et al., 2006). O procedimento utilizado foi o seguinte: calcularam-se os valores médios das dimensões Ansiedade, Confiança nos outros e Conforto com a Proximidade. Posteriormente, calculou-se o valor compósito das dimensões Confiança nos outros e Conforto com a Proximidade (obtendo-se um valor médio destas duas dimensões, criando a variável Conforto-Confiança – *ClosDep*, no original). Por fim, procedeu-se à classificação dos indivíduos a partir dos valores obtidos na variável gerada e na variável Ansiedade, tal que: os indivíduos que apresentavam valores superiores ao valor médio da escala (3) na variável Conforto-Confiança e valores inferiores ao valor médio na variável Ansiedade eram classificados como Seguros; os que apresentavam valores superiores a 3 na variável Conforto-Confiança e superiores a 3 na variável Ansiedade eram classificados como Preocupados; os que apresentavam valores inferiores a 3 na variável Conforto-Confiança e inferiores a 3 na variável Ansiedade eram classificados como Desligados; os que detinham valores inferiores a 3 na variável Conforto-Confiança e superiores a 3 na variável Ansiedade eram classificados como Amedrontados (Canavarro et al., 2006).

Como se constata no Quadro 28 verificou-se uma predominância do estilo Seguro, contando com mais de 50% dos participantes, seguido do estilo Preocupado, Desligado e Amedrontado. Os indivíduos incluídos na categoria “Não Classificável” apresentavam pelo menos um valor intermédio (3) numa das dimensões utilizadas para a classificação (Ansiedade e Conforto-Segurança) inviabilizando, por isso, a sua inserção clara num dos estilos de vinculação.

Quadro 28. Classificação dos participantes por Estilo de Vinculação

Estilo	N	%
Seguro	159	61.2
Preocupado	41	15.8
Desligado	17	6.5
Amedrontado	11	4.2
Não Classificável	32	12.3
Total	260	100

Realizou-se também uma classificação dos participantes por estilo de vinculação em função do género (Quadro 29) de onde decorre que, proporcionalmente, não há uma discrepância muito acentuada entre a distribuição dos participantes por estilos de vinculação, mediante esta variável.

Quadro 29. Classificação dos participantes por Estilo de Vinculação em função do género

	Estilos de Vinculação					Total
	Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	Não Classif.	
Masculino	68	16	5	4	11	103
Feminino	91	25	12	7	21	153
Total	159	41	17	11	32	260

Estudo de H1: Existem correlações estatisticamente significativas entre as Dimensões da Vinculação e a Orientação Sociossexual (escala total e dimensões) dos estudantes universitários.

Quadro 30. Matriz de Correlações das Dimensões da Vinculação e da Orientação Sociossexual (escala total e dimensões)

	1	2	3	4	5	6	7
Ansiedade (1)	-						
Conforto com a proximidade (2)	-,206**	-					
Confiança nos outros (3)	-,280**	,325**	-				
Comportamento (4)	-,154*	,166**	-,009	-			
Atitude (5)	-,071	,177**	-,029	,635**	-		
Desejo (6)	,053	,084	-,081	,519**	,612**	-	
Orientação Sociossexual total (7)	-,053	,171**	-,049	,804**	,920**	,813**	-

*. Correlação significativa a um nível de significância de 0.05.

** . Correlação significativa a um nível de significância de 0.01.

Observam-se correlações estatisticamente significativas entre todas as dimensões que compõem a escala EVA. À semelhança dos valores encontrados para o instrumento original verificaram-se correlações negativas entre a dimensão Ansiedade e as dimensões Conforto com a proximidade e Confiança nos outros ($r = -0.206$, $p < 0.01$; $r = -0.280$, $p < 0.01$, respectivamente) e que estas duas últimas dimensões se encontram positivamente correlacionadas ($r = 0.325$, $p < 0.01$).

Em relação ao IOS-R (escala total e dimensões) todas as correlações se revelaram significativas, positivas e fortes: a correlação entre a dimensão Comportamento e a dimensão Atitude obteve um valor de $r = 0.635$, $p < 0.01$; entre a dimensão Comportamento e a dimensão Desejo assumiu um valor de $r = 0.519$, $p < 0.01$ e, por fim, entre a dimensão Atitude e a dimensão Desejo tomou um valor de $r = 0.612$, $p < 0.01$.

No que respeita às correlações entre os dois instrumentos, são de assinalar: uma correlação positiva e significativa entre a dimensão Conforto com a proximidade da EVA e a Orientação Sociossexual, escala total, $r = 0.171$, $p < 0.01$; uma correlação positiva e significativa entre a dimensão Atitude do IOS-R e a dimensão Conforto com a proximidade da EVA, $r = 0.177$, $p < 0.01$; e, por fim, uma correlação negativa e

significativa entre a dimensão Comportamento do IOS-R e a dimensão Ansiedade da EVA, $r=-0.154$, $p<0.05$, e uma correlação positiva e significativa entre a mesma dimensão do IOS-R e a dimensão Conforto com a proximidade da EVA, $r=0.166$, $p<0.01$.

Estudo de H2: Existem correlações estatisticamente significativas entre os Estilos de Amor e a Orientação Sociossexual (escala total e dimensões) dos estudantes universitários.

Quadro 31. Matriz de Correlações dos Estilos de Amor e da Orientação Sociossexual (escala total e dimensões)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Eros (1)	-									
Ludus (2)	-,130 [*]	-								
Storge (3)	-,074	,057	-							
Pragma (4)	,127 [*]	,048	,096	-						
Mania (5)	,066	-,037	,097	,378 ^{**}	-					
Agape (6)	,232 ^{**}	-,046	,029	,200 ^{**}	,302 ^{**}	-				
Comport. (7)	-,022	-,381 ^{**}	,048	-,040	,061	,039	-			
Atitude (8)	,164 ^{**}	-,555 ^{**}	-,029	,016	,056	,085	,635 ^{**}	-		
Desejo (9)	,215 ^{**}	-,523 ^{**}	-,013	-,061	-,070	-,043	,519 ^{**}	,612 ^{**}	-	
O. S. total(10)	,155 [*]	-,574 ^{**}	-,008	-,013	,022	,034	,804 ^{**}	,920 ^{**}	,813 ^{**}	-

*. Correlação significativa a um nível de significância de 0.05.

**. Correlação significativa a um nível de significância de 0.01.

Relativamente às correlações entre as diferentes sub-escalas constituintes da EAA encontrou-se uma correlação significativa e negativa entre as sub-escalas Ludus e Eros ($r=-0.130$; $p<0.05$); uma correlação significativa e positiva entre as sub-escalas Pragma e Eros ($r= 0.127$; $p<0.05$); uma correlação significativa e positiva entre Mania e Pragma ($r= 0.378$; $p<0.01$) e correlações significativas e positivas entre Agape e Eros ($r= 0.232$; $p<0.01$), Agape e Pragma ($r= 0.200$; $p< 0.01$) e Agape e Mania ($r=0.302$; $p<0.01$).

Analisando as correlações entre os dois instrumentos (sub-escalas da EEA e IOS-R, escala total e dimensões) verifica-se que só os estilos de amor Ludus e Eros se correlacionam de forma significativa com o IOS-R, mais detalhadamente: o estilo de

amor Eros correlaciona-se positiva e significativamente com a dimensão Atitude do IOS-R, $r=0.164$, $p<0.01$, com a dimensão Desejo, $r=0.215$, $p<0.01$ e com a Orientação Sociossexual total, $r=0.155$, $p<0.05$; e o estilo de amor Ludos detém com todas as dimensões do IOS-R bem como com a escala total correlações negativas e significativas fortes (estilo Ludus, dimensão Comportamento, $r=-0.381$, $p<0.01$; estilo Ludus, dimensão Atitude, $r=-0.555$, $p<0.01$; estilo Ludus, dimensão Desejo, $r=-0.523$, $p<0.01$; estilo Ludus, IOS-R escala total, $r=-0.574$, $p<0.01$).

Estudo de H3a: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a Orientação Sociossexual (escala total) dos estudantes do género masculino e a Orientação Sociossexual (escala total) dos estudantes do género feminino.

Com o intuito de responder à hipótese colocada recorreu-se à utilização de um teste de comparação de médias. Visto que o teste paramétrico existente para o efeito (Teste t-Student para duas amostras independentes) exige a verificação simultânea das condições: (1) a variável dependente possui uma distribuição normal e (2) as variâncias populacionais são homogéneas, procedeu-se, inicialmente, à testagem destes pressupostos (Marôco, 2010).

A normalidade é geralmente estudada com recurso ao teste de Kolmogorov-Smirnov (K-S) que compara as frequências relativas acumuladas de cada uma das observações (observadas) com as frequências relativas acumuladas se cada observação seguisse uma distribuição de probabilidade normal (esperadas), devendo rejeitar-se a hipótese nula, isto é, a normalidade, caso o *p-value* seja inferior a (Pestana & Gageiro, 2008; Marôco, 2010).

Obtiveram-se os seguintes valores para o teste de Kolmogorov-Smirnov com correcção de Lilliefors, para a Orientação Sociossexual, escala total, $(KS(103)_{\text{masculino}}=0.063$; $p=0.200$; $KS(156)_{\text{feminino}}=0.126$; $p=0.000$). Atendendo aos *p-values*, inferiores a 0.05, rejeita-se a hipótese nula, isto é, assume-se a inexistência de normalidade.

Relativamente ao estudo da homogeneidade das variâncias populacionais utiliza-se o teste de Levene. Do mesmo modo, a hipótese nula, ou seja, a homogeneidade das variâncias de verá ser rejeitada se o *p-value* for inferior a (Pestana & Gageiro, 2008; Marôco, 2010).

Para a Orientação Sociossexual, escala total $(F(1.257)=10.020$; $p=0.002$), a hipótese nula é rejeitada, não se assumido, por isso, a homogeneidade de variâncias.

Estudo de H3b: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a dimensão Comportamento da Orientação Sociossexual dos estudantes do género masculino e a dimensão Comportamento da Orientação Sociossexual dos estudantes do género feminino.

Procedeu-se de igual modo que em H3a, estudando-se a normalidade e a homogeneidade das variâncias.

Os valores obtidos para o teste de Kolmogorov-Smirnov com correcção de Lilliefors, para a dimensão Comportamento da Orientação Sociossexual ($KS(103)_{\text{masculino}}=0.196$; $p=0.000$; $KS(156)_{\text{feminino}}=0.230$; $p=0.000$) mostram, atendendo aos *p-values*, inferior a 0.05 no caso do género feminino que a hipótese nula é rejeitada, assumindo-se a inexistência de normalidade.

Quanto à homogeneidade de variâncias para a presente dimensão obtiveram-se os valores ($F(1.257)=27.447$; $p=0.000$) que conduzem à rejeição da hipótese nula, não se assumido, por isso, a homogeneidade de variâncias.

Estudo de H3c: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a dimensão Atitude da Orientação Sociossexual dos estudantes do género masculino e a dimensão Atitude da Orientação Sociossexual dos estudantes do género feminino.

Do teste à normalidade, teste de Kolmogorov-Smirnov com correcção de Lilliefors, para a dimensão Atitude da Orientação Sociossexual decorreram os valores ($KS(103)_{\text{masculino}}=0.084$; $p=0.069$; $KS(156)_{\text{feminino}}=0.091$; $p=0.003$). Olhando aos *p-values*, inferior a 0.05 no caso do género feminino, rejeita-se a hipótese nula, isto é, assume-se a inexistência de normalidade.

No que respeita à homogeneidade de variâncias, para a presente dimensão obtiveram-se os valores ($F(1.257)=0.741$; $p=0.390$) que conduzem à aceitação da hipótese nula, isto é, assume-se a homogeneidade de variâncias.

Estudo de H3d: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a dimensão Desejo da Orientação Sociossexual dos estudantes do género masculino e a dimensão Desejo da Orientação Sociossexual dos estudantes do género feminino.

Os valores obtidos para o teste de Kolmogorov-Smirnov com correcção de Lilliefors, para a dimensão Desejo da Orientação Sociossexual ($KS(103)_{\text{masculino}}=0.107$; $p=0.006$; $KS(156)_{\text{feminino}}=0.249$; $p=0.000$) mostram, atendendo aos *p-values*, inferiores a 0.05, que a hipótese nula é rejeitada, assumindo-se a inexistência de normalidade.

Quanto à homogeneidade de variâncias, para a presente dimensão obtiveram-se os valores ($F(1.257)=35.184$; $p=0.000$) que conduzem à rejeição da hipótese nula, não se assumido, por isso, a homogeneidade de variâncias.

Visto não serem atendidos os pressupostos à realização de um teste paramétrico, teste t-Student para duas amostras independentes, utilizou-se o teste não paramétrico Wilcoxon-Mann-Whitney, identificado como alternativa ao teste t-Student para amostras independentes (Marôco, 2010), nas quatro hipóteses acima apresentadas. A principal diferença entre estes dois testes reside no aspecto que é calculado por cada um – o teste t-Student compara as médias de duas amostras independentes, por sua vez, o teste Wilcoxon-Mann-Whitney compara o centro de localização das duas amostras, como forma de detectar diferenças entre as duas populações correspondentes (Pestana & Gageiro, 2008). Os resultados obtidos foram os seguintes:

Para H3a, os estudantes do género masculino apresentam *scores* ($M=3.81$; $DP=1.36$) na Orientação Sociossexual, escala total, diferentes e superiores dos *scores* ($M=2.40$; $DP=1.08$) dos estudantes do género feminino e as diferenças observadas foram estatisticamente significativas ($U=3228.0$; $W=15474.0$; $p=0.000$).

Para H3b, os estudantes do género masculino apresentam *scores* na dimensão Comportamento da Orientação Sociossexual diferentes dos *scores* dos estudantes do género feminino e as diferenças observadas foram estatisticamente significativas ($U=4632.0$; $W=16878.0$; $p=0.000$), apresentando-se os rapazes ($M=2.76$; $DP=1.45$) menos restritos nos seus comportamentos do que as raparigas ($M=1.85$; $DP=0.86$).

Para H3c, os estudantes do género masculino apresentam *scores* na dimensão Atitude da Orientação Sociossexual diferentes dos *scores* dos estudantes do género feminino e as diferenças observadas foram estatisticamente significativas ($U=3615.0$; $W=15861.0$; $p=0.000$), mostrando-se os rapazes menos restritos ($M=5.60$; $DP=2.02$) ao nível das atitudes do que as raparigas ($M=3.56$; $DP=1.92$);

Para H3d, os estudantes do género masculino apresentam *scores* na dimensão Desejo da Orientação Sociossexual diferentes dos *scores* dos estudantes do género feminino e as diferenças observadas foram estatisticamente significativas ($U=3284.5$;

W=15530.5.0; p=0.000), mostrando que os rapazes detêm maiores níveis de desejo (M=4.40; DP=2.04) do que as raparigas (M=2.38; DP=1.38);

Previamente ao estudo da hipótese 4 procedeu-se a uma análise descritiva das respostas à primeira questão adicional “1. Considera que a ingestão de bebidas alcoólicas facilita a ocorrência de sexo ocasional?”, cujas possibilidades de resposta eram “1. Sim” e “2. Não”.

Quadro 32. Frequências das respostas à questão “1. Considera que a ingestão de bebidas alcoólicas facilita a ocorrência de sexo ocasional?”

Resposta	N	%
Sim	239	91.9%
Não	21	8.1%
Total	260	100.0%

Denota-se que uma percentagem bastante elevada dos participantes (91.9%) considera que a ingestão de bebidas alcoólicas facilita a ocorrência de sexo ocasional, em contraste, apenas 8.1% da amostra nega este acontecimento.

Estudo de H4: Existem diferenças estatisticamente significativas entre a Orientação Sociossexual, escala total, dos estudantes que já praticaram sexo ocasional após ingestão de bebidas alcoólicas e a Orientação Sociossexual, escala total, dos estudantes que não praticaram sexo ocasional após ingestão de bebidas alcoólicas.

Com o objectivo de dar resposta à hipótese colocada utilizou-se um teste de comparação de médias. Tal como aconteceu em H3, o teste paramétrico existente para este cálculo (Teste t-Student para duas amostras independentes) exige a verificação simultânea das condições: (1) a variável dependente possui uma distribuição normal e (2) as variâncias populacionais são homogéneas, procedeu-se, inicialmente, à testagem destes pressupostos (Marôco, 2010).

No caso do teste para aferir acerca da normalidade, Kolmogorov-Smirnov com correcção de Lilliefors, obtiveram-se os seguintes valores ($KS(93)_{Sim}=0.069$; $p=0.200$; $KS(166)_{Não}=0.119$; $p=0.000$). Atendendo aos *p-values*, o do grupo que respondeu

“Não” é inferior a 0.05 logo rejeita-se a hipótese nula, assumindo-se a inexistência de normalidade.

No âmbito do estudo da homogeneidade das variâncias populacionais recorre-se ao teste de Levene. Verificou-se que ($F(1,257)=10.671;p=0.001$), o que significa que a hipótese nula é rejeitada, não se reconhecendo a homogeneidade das variâncias.

Uma vez que os pressupostos à realização de um teste paramétrico, teste t-Student para duas amostras independentes, não são verificados, utilizou-se, tal como em H3, o teste não paramétrico Wilcoxon-Mann-Whitney.

Obteve-se como resultado que os estudantes que respondem afirmativamente à questão “Já se encontrou nesta situação?” (a de ter praticado sexo ocasional após a ingestão de bebidas alcoólicas) (N=93; 35.9%) detêm scores na Orientação Sociossexual, escala total, diferentes dos scores dos estudantes que respondem negativamente (N=166; 64.1%) à mesma questão e, as diferenças observadas foram estatisticamente significativas ($U=2195.5; W=16056.5; p=0.000$), sendo que o primeiro grupo detém uma Orientação Sociossexual menos restrita ($M=4.06; DP=1.28$), isto é, são mais propensos a incorrer em one-night stands do que o segundo grupo ($M=2.35; DP=1.01$).

No que respeita à terceira questão adicional colocada “2.1. Se sim, sentiu arrependimento de ter tido uma relação sexual ocasional?” efectuou-se uma análise descritiva das respostas dos participantes em função do género, sendo que as possibilidades de resposta foram “1. Sim”, “2. Não” e, “3. Não se aplica”, quando o participante respondeu “Não” à questão 2.

Quadro 33. Frequências das respostas à questão “2.1. Se sim, sentiu arrependimento de ter tido uma relação sexual ocasional?” em função do género

	Respostas			Total
	Sim	Não	Não aplicável	
Masculino	13	45	46	104
Feminino	14	21	121	156
Total	27	66	167	260

Dos participantes que responderam “Sim” à questão “2. Já se encontrou nesta situação?” (prática de sexo ocasional após ingestão de bebidas alcoólicas), 93

participantes, 27 afirmam ter-se arrependido do acto cometido. Por sua vez, 66 referem não ter experimentado sentimentos de arrependimento.

Enveredar pelo estudo de um tema específico acarreta sempre desafios e alguns riscos que estão presentes desde a formulação inicial de objectivos e hipóteses à escolha dos instrumentos certos para os mensurar. O longo percurso de conceptualização e fundamentação teórica realizado pode deixar antever, desde logo, alguns dos resultados esperados. Contudo, este conjunto de expectativas por vezes não se verifica e os dados obtidos, nem sempre reveladores do perspectivado, aportam consigo novas realidades.

A justificação para esta discrepância pode residir em diversos factores: inerentes à natureza quantitativa do estudo, que acaba por fornecer dados mais restritos, qualitativamente, que uma investigação de índole qualitativa; decorrentes dos instrumentos de medida escolhidos que poderiam, eventualmente, ser substituídos por outros que melhor espelhassem o que se pretende demonstrar; e, factores ligados aos participantes, ao contexto específico, e inerentes às medidas de auto-relato, como fenómenos de desejabilidade social que se vêem agravados pela natureza do tema de investigação, acabando por interferir na fidedignidade das respostas dadas e questões relacionadas com a interpretação dos itens.

Deste modo, pretende-se neste capítulo discutir os resultados obtidos no âmbito do estudo da Orientação Sociosexual, à luz das teorias do desenvolvimento humano, da Teoria da Vinculação e dos estudos empíricos no campo das relações íntimas/sexuais entre jovens adultos, visando, através da confirmação ou rejeição das hipóteses colocadas, a resposta aos objectivos que nortearam este trabalho.

De referir que a presente discussão se circunscreve ao estudo realizado e que embora com estudantes universitários, não se pode considerar representativo da população estudantil do ensino superior português. Simultaneamente, a consciência de que este trabalho se integra numa área recente e de grande complexidade, a da investigação interdomínios do desenvolvimento do jovem adulto, faz com que as nossas aspirações quanto a contributos relevantes sejam modestas mas possam, no entanto, contribuir para o alargar do campo do conhecimento científico sobre o desenvolvimento humano, mais especificamente sobre o desenvolvimento do adulto emergente, no contexto das suas relações íntimas.

A discussão dos resultados encontra-se organizada em torno das principais variáveis em estudo e das hipóteses formuladas sobre as relações existentes entre elas, ou seja, da relação entre Dimensões da Vinculação e Orientação Sociossexual; da relação entre Estilo de Amor e Orientação Sociossexual, da relação entre a variável Género e Orientação Sociossexual e da relação entre o consumo de bebidas alcoólicas e a Orientação Sociossexual dos participantes.

Inicialmente, os resultados obtidos quanto à distribuição dos participantes por estilo de vinculação deram, claramente, uma predominância ao estilo Seguro, quer no caso dos sujeitos do género masculino quer no caso dos do género feminino. Interessantemente, o estilo que seguidamente se revelou mais dominante foi o Preocupado (também em ambos os sexos) o que pode justificar as correlações estatisticamente significativas encontradas entre as dimensões da vinculação e a Orientação Sociossexual aquando a testagem da Hipótese 1, relativas a estes dois estilos.

A classificação dada pela EVA parece, no entanto, um pouco desadequada, visto que um grande número de participantes fica numa categoria não classificável e há uma distribuição pouco equitativa entre os diferentes estilos de vinculação. Esta ideia, não permitindo uma classificação da totalidade da amostra, leva uma vez mais a questionar acerca da adequabilidade do instrumento escolhido.

No que respeita ao estudo da Hipótese 1, onde se pretendeu averiguar acerca da relação entre as dimensões da vinculação e a Orientação Sociossexual, identificou-se que a dimensão Conforto com a proximidade, da vinculação, está, não só significativamente correlacionada de forma positiva com a Orientação Sociossexual total como também com a dimensão Atitude e com a dimensão Comportamento.

Por outro lado, observou-se uma correlação negativa e significativa entre a dimensão Ansiedade da EVA e a dimensão Comportamento do SOI-R.

O corpo teórico que norteou o trabalho realizado aponta para que os indivíduos com um estilo de vinculação dito Seguro sejam aqueles que valorizam a intimidade nas relações e que as mantêm sem colocar em causa a autonomia pessoal (Lima, 2009), ou seja, conseguem encontrar um equilíbrio entre a dependência do outro e a individualidade do *self* (Simpson et al., 2004). Previa-se então que estes detivessem uma postura negativa perante o sexo ocasional, dando preferência a relações marcadas pelo compromisso, estabilidade, partilha e conhecimento mútuo (Brassard et al., 2007).

Do mesmo modo, esperava-se que, de acordo com o estudo de Davis e Vernon (2000, cits por Davis et al., 2004), suportando a ideia de que o comportamento sexual pode ser, provavelmente, motivado pela insegurança percebida e de que esta necessidade veria resposta no conforto físico (Davis, Shaver & Vernon, 2004), nomeadamente na ocorrência de relações sexuais ocasionais, os indivíduos com uma dimensão de vinculação exacerbadamente Ansiosa, incorreriam com maior frequência em relações sexuais ocasionais detendo, assim, uma orientação sociossexual menos restrita.

Os resultados verificados apontam, no entanto, em sentido oposto. Assim, pode afirmar-se que, na amostra do estudo, quanto mais demarcada se verifica a dimensão Conforto com a proximidade, referente aos sentimentos que o indivíduo detém ao estabelecer relações íntimas e próximas (característica visível nos indivíduos com um estilo de vinculação Seguro), menos restrita é a Orientação Sociossexual dos participantes. Estes dados foram verificados, não só em termos de Orientação Sociossexual total mas também em termos de comportamento (passado), relativo ao número de parceiros sexuais tidos nos últimos 12 meses e o número de one-night stands em que este já participou, medido pela sub-escala Comportamento do IOS-R, e em termos atitudinais (explícitos), referente à aceitação de relações sexuais na ausência de amor e do sentirem-se confortáveis com a participação em sexo ocasional, medido pela sub-escala Atitudes do IOS-R.

Também, a dimensão Ansiedade da EVA ao correlacionar-se de forma contrária da esperada com a dimensão Comportamento do SOI-R, leva a referir que quanto mais marcada é a primeira, menos propensos a incorrer em sexo ocasional são os sujeitos, vendo o seu comportamento sexual ser mais restrito.

A discussão da presente hipótese será realizada à luz da interpretação não só da etapa desenvolvimental em que os participantes se encontram, apelando às características intrínsecas desta fase de transição, mas, também, sobrevalorizando o envolvimento contextual.

Num meio onde é valorizado o contacto social e a integração, como na Universidade, poderá depreender-se que indivíduos com um estilo de vinculação marcadamente seguro – que se sentem confortáveis na proximidade do outro bem como revelam sentimentos de confiança no outro, que detém imagens positivas de si e se consideram capazes de manter relações reflectindo essa avaliação positiva que detém do *self* – se movem mais adaptativamente do que sujeitos com uma vinculação marcadamente ansiosa.

Comportamental e atitudinalmente, olhando à realidade deste contexto, nomeadamente ao que nele mais se valoriza, pode fazer sentido que o primeiro grupo de indivíduos seja mais capaz de estabelecer relações (sociais e sexuais) com pares, o que não se verificará de forma tão evidente no segundo grupo, sempre tendo em conta o referido contexto.

Por outro lado, olhando atentamente às tarefas desenvolvimentistas propostas para a adolescência bem como para a jovem adultez, pode afirmar-se que o adulto emergente se situa entre o encerrar da construção da identidade (tarefa da adolescência) e a construção da intimidade (tarefa da adultez). Considera-se, assim, necessário enfatizar que, ao entrar no mundo universitário, muitas das questões identitárias acabam por se ver ainda em voga. Paralelamente, cabe aqui questionar acerca do que é para os estudantes universitários, recém-chegados à Universidade e a uma vida “mais autónoma” relativamente à protecção parental, a Intimidade.

É certo que a intimidade aparece referida como o objectivo de quase todas as relações e é vista como algo que a maioria das pessoas quer e pela qual está disposta a lutar. Simultaneamente, é de notar que implica, com frequência, uma conotação sexual (Pinto, 2009).

Assim, podemos pensar que, em algumas das fases do desenvolvimento, nomeadamente na que nos focamos, a intimidade seja confundida com conceitos tais como amizade, o amor, proximidade, apoio, enlace, vinculação e sexualidade (Perlman & Fehr, 1987, cit. por Pinto, 2009). O que nos torna possível afirmar que, numa idade de transição como a estudada, a intimidade possa ser olhada a partir da experiência de contacto físico íntimo reforçando a possível confusão de conceitos apresentada. De facto, a intimidade considerada enquanto estrutura dinâmica, que evolui ao longo do tempo, deve ser abordada não só tendo em conta a fase de vida em que os participantes se encontram, abarcando necessidades, interesses e pressões que influenciam as pessoas e moldam o seu comportamento dentro das interacções e relações íntimas, mas também através da compreensão do contexto social em que as múltiplas facetas e tipos de relações com os parceiros sexuais ocorrem.

Assim, e porque a definição de intimidade deve conduzir a um conceito “natural”, caracterizado por uma quantidade de características em sistemática mudança, ancoradas num contexto e não por um “cenário” constante (Fehr, 1993, cit. por Pinto, 2009) urge compreender o que representa para os nossos participantes “ser íntimo do outro”.

Pinto (2009) enfatiza, e parece-nos preponderante para esta análise, que qualitativamente, a principal diferença entre “o que é a intimidade” para os adolescentes se prende com o aspecto qualitativo de que intimidade implica necessariamente uma dimensão romântica e sexual.

Esta ideia pode ser-nos útil na compreensão da questão levantada ao longo do segundo capítulo – se o sexo, por si só não é gerador de intimidade, porque incorrem em sexo ocasional os estudantes universitários? Podemos colocar a hipótese que estes acreditam estar a incorrer numa relação íntima ao praticar sexo ocasional, isto é, uma conceptualização da intimidade muito dependente do contexto, da fase de desenvolvimento e da própria experienciação. O jovem adulto acaba por encontrar aqui, na Universidade e na jovem adultez, o momento para experimentar “fazer o voo simulado da vida adulta”, numa fase em que ainda se está a descobrir ao nível da intimidade, que acaba por ser muito vivida na sexualidade.

Esta ideia parece encontrar fundamento num dos três tipos de intimidade apresentados por Adams, Laursen e Wilder (2001, cits. por Pinto, 2009) entre os quais se enquadram as relações íntimas com pouca proximidade, em que há pouca autoridade e pouca reciprocidade. Parece poder inferir-se que seriam estes os contornos das relações de intimidade assumidos pelas relações de sexo ocasional praticadas pelos estudantes universitários, participantes neste trabalho.

Ao propor-se a Hipótese 2, visava estudar-se a relação entre os Estilos de Amor e a Orientação Sociosexual (escala total e dimensões) dos estudantes universitários. De entre os seis estilos de amor apresentados na teoria de Lee (1973) só dois deles se evidenciaram a nível estatístico, identificando-se correlações significativamente estatísticas somente com o estilo Eros e o estilo Ludus.

A discussão desta hipótese assentará na interpretação da natureza dos estilos de amor que se evidenciaram, em detrimento dos restantes, enquadrados na etapa desenvolvimental em que os participantes se encontram – a Adultez Emergente.

A viverem uma nova fase onde a construção da identidade ainda tem lugar, os participantes do estudo, alunos universitários, experimentam um momento onde os seus laços afectivos são repensados e (re)vividos, no que respeita aos progenitores, e construídos, no caso dos novos pares. As relações entre iguais que aqui emergem serão, assim, qualitativamente distintas das que os indivíduos viveram até então, não só pelas circunstâncias internas, resultantes do processo de revisão dos laços criados na infância, mas porque toda a envolvência externa do sujeito se altera e sobre ele exerce pressão.

Deste modo, após atingida com a adolescência a maturação física e sexual necessária aos novos passos, o contexto universitário apela a uma exploração da intimidade física e emocional, não vivenciada até à data.

Atendendo ao marcado descompromisso com que a maioria dos adultos emergentes vive esta fase do ciclo vital, nomeadamente ao nível das relações íntimas, e porque mais preocupados com “um aproveitar os loucos anos da Universidade” seria de esperar que os resultados revelassem uma Orientação Sociossexual mais relacionada com estilos de amor centrados na vivência do momento presente.

Assim, não é com estranheza que se verificam relações significativamente estatísticas somente entre o estilo de amor Eros e o estilo Ludus com a Orientação Sociossexual dos estudantes. A corroborar o exposto surgem as características de ambos os estilos, “Eros, um estilo de amor caracteristicamente intenso e apaixonado, marcado pela atracção física e pela procura de intimidade rápida” e “Ludus, um estilo baseado no desprendimento e ausência de compromissos, sem um envolvimento profundo e real, mas que no entanto busca o prazer instantâneo”, deixando perceber o carácter momentâneo e a natureza fugaz dos sentimentos presentes em cada um deles.

O estilo de amor Eros correlaciona-se com a dimensão Atitude, com a dimensão Desejo e com a Orientação Sociossexual total, de forma positiva e estatisticamente significativa. O que nos diz que quer atitudinalmente, quer ao nível do desejo, quer em relação à sua Orientação Sociossexual, quanto mais eróticos são os sujeitos menos restritos são, isto é, mais atitudes e desejos revelam favoráveis à ocorrência de sexo ocasional. Isto acaba por ser confirmatório das características inerentes a este estilo, em que o amante Eros deseja e direcciona o seu amor e expressão de desejo de intimidade face ao parceiro. Contudo, a nível comportamental não se obtém relações significativas. Seria de prever que, na ânsia da vivência do seu sentimento, o individuo Eros manifestasse também comportamentos pouco restritos e, por isso, se verificasse uma correlação positiva com a dimensão Comportamento.

Por sua vez, o estilo Ludus detém com as três dimensões do SOI-R bem como com a escala total correlações negativas, estatisticamente significativas. Ao observar a descrição do amante Ludus, tudo faria prever que a sua Orientação Sociossexual fosse pouco restrita, mostrando-se consentâneo com a prática, a detenção de atitudes e o desejo face relações sexuais ocasionais, contudo, tal não se verifica.

Esperava-se também que o estilo de amor secundário Mania, por resultar da junção dos dois anteriores se correlacionasse, de algum modo, provavelmente de forma positiva, com a Orientação Sociosexual e dimensões.

No que respeita aos restantes estilos de amor, parece encontrar-se justificação para a ausência de correlações com a Orientação Sociosexual dos participantes, neste caso, pois seguindo a mesma linha de pensamento que tem vindo a ser adoptada onde o compromisso se situa no pólo ao oposto à exploração, os estilos de amor Pragma, Storge, Mania e Agape envolvem um maior compromisso emocional e psicológico entre parceiros que surge em função da dimensão temporal (contrastante à perspectiva fugaz e momentânea com que se têm aqui abordado as relações íntimas dos Adultos Emergentes/ estudantes universitários) (Frey & Hojjat, 1998).

Os resultados do presente trabalho não se encontram totalmente dentro do esperado, levando a propor novas tentativas de explicação para o fenómeno. Decorrente de outras investigações (Hendrick & Hendrick, 1992, Lee, 1988, cits. por Grello et al., 2006) surge que são precisamente os amantes dos estilos Ludus e Eros aqueles que com maior frequência iriam incorrer em relações sexuais ocasionais.

Contudo, verificou-se que só no caso dos amantes eróticos esta relação entre estilo de amor e sociosexualidade (predisposição para incorrer em relações sexuais ocasionais) é positiva. O estilo de amor Ludus, pelo contrário, relaciona-se de forma negativa com a orientação sociosexual.

Os investigadores apontam para uma distinção entra a força motriz deste comportamento, entre estes dois estilos de amor, assim, no caso dos amantes lúdicos esta parece ser somente a busca do prazer físico, porém, no caso dos amantes eróticos esta encontra-se relacionada com a proximidade e intimidade emocional.

Decorrendo das ideias discutidas na hipótese anterior, em que se levantam questões relativas à procura e construção da intimidade (física), pode dizer-se que estes resultados encontram coerência na intensidade, na paixão e na procura de intimidade rápida características do tipo de amante erótico.

Os resultados encontrados para os sujeitos lúdicos levam a questionar acerca da passagem ao acto quando a este tipo de amantes respeita. Parece sim haver uma vontade de conquista e de procura de prazer, que no entanto neste caso não passa à procura da intimidade. Este resultado vem uma vez mais reforçar a concepção de intimidade que os indivíduos desta faixa etária parecem deter, isto é, os sujeitos lúdicos, de acordo com os resultados, não são tao propensos como os amantes eróticos para o sexo ocasional, o que pode ser entendido como os amantes lúdicos

não procurarem tanto a intimidade (ainda que de um ponto de vista física – como os estudantes provavelmente a concepcionam) como os amantes eróticos.

Atendendo aos resultados desta segunda hipótese pode dizer-se que, por não estarem totalmente dentro do esperado podem conduzir a duas análises:

(1) Assume-se, ao longo de todo o trabalho realizado, que a forma como nos relacionamos com o parceiro romântico, na idade adulta, é o decalque do resultado do investimento da nossa figura de vinculação em nós e dos modelos de interacção que através desse investimento construímos. Assim, na medida em que se evidenciaram apenas dois estilos de amor na análise estatística efectuada, e porque adoptámos uma perspectiva desenvolvimental, surge a questão: será a nossa forma de amar um reflexo de como fomos amados pelas nossas figuras de vinculação ou, por seu turno, um resultado do estágio de vida em que nos encontramos, da forma como conceptualizamos as tarefas e mudanças do desenvolvimento e, por isso, resposta às solicitações e pressão do contexto em que estamos inseridos? Ou, mais ainda, será que a forma como fomos amados (e logo o estilo de vinculação que temos) não poderá influenciar a forma como vivemos cada estágio de vida e lidamos com as tarefas do desenvolvimento, respondendo de modo distinto às solicitações e pressão do contexto em que estamos inseridos?

(2) A segunda questão prende-se com a constância da Orientação Sociossexual, ao longo do tempo. Os estilos de amor manifestam a atitude de um dado sujeito face a um parceiro romântico específico, logo, pode dizer-se que são temporal e contextualmente dependentes. Por se esperar de antemão uma correlação significativa apenas com alguns estilos, poderá afirmar-se que a Orientação Sociossexual é também temporal e contextualmente dependente?

A hipótese 3 foi constituída tendo por objectivo averiguar as possíveis diferenças entre a Orientação Sociossexual dos participantes do género feminino e a Orientação Sociossexual dos participantes do género masculino, na sua totalidade mas também nas diferentes dimensões.

Na base da formulação desta hipótese residiram dois grupos de teorias, defendendo visões antagónicas. Num primeiro, encontram-se as Teorias Sociobiológicas, nomeadamente a Teoria do Investimento Parental que, apresentando justificações para as diferenças de género no que às motivações para a procura de parceiros sexualmente respeitadas (baseadas na busca do sucesso reprodutivo), se reflecte ao nível da Orientação Sociossexual, sugerindo que os homens, por uma questão adaptativa, deteriam uma postura face ao sexo ocasional menos restrita, contrastando

com as mulheres, mais restritas e as Teorias da Aprendizagem Social e dos Scripts Sexuais, que tomam como princípio a assumpção de comportamentos em consonância com os papéis tradicionais de género.

No segundo grupo situam-se as perspectivas socioculturais, que desafiando a visão anterior, afirmam que sendo os papéis de género socialmente construídos, as diferenças entre homens e mulheres, no que à incursão em relações sexuais ocasionais diz respeito, deveriam diminuir em função da visão mais igualitária gerada pela transformação das normas sociais (Fielder & Carey, 2010).

Os resultados alcançados no presente trabalho são consonantes com o primeiro grupo de teorias, ou seja, verificou-se que em todas as dimensões da Orientação Sociossexual (Comportamento, Atitude e Desejo) bem como no valor total houve diferenças significativas entre géneros, com o género masculino a deter sempre *scores* mais elevados.

Diversos são os estudos que apoiam estes resultados, não só ao nível comportamental mas também ao nível atitudinal, em que as mulheres são associadas a sentimentos e atitudes conservadoras face ao sexo ocasional que se manifestam numa vivência mais passiva e restrita da sexualidade e, por sua vez, os homens são vistos como mais permissivos e predispostos, incorrendo em mais encontros de índole sexual (Hendrick & Hendrick, 1995).

Interessantemente, decorre da análise dos resultados desta hipótese um conjunto de dados curioso. Verificou-se, intra-género, uma diminuição significativa da Orientação Sociossexual, olhando às suas dimensões, isto é, quer homens quer mulheres apresentam uma Orientação Sociossexual com algumas restrições, ao nível comportamental ($M=2.76$, no caso masculino e $M=1.85$, no caso feminino), que no entanto se vê alterar ao passar-se para a dimensão desejo ($M=4.40$, no caso masculino e $M=2.38$, no caso feminino), onde ambos os géneros se mostram menos restritos e ainda mais para a dimensão atitudinal ($M=5.60$, no caso masculino e $M=3.56$, no caso feminino), que detém os *scores* mais elevados.

Por um lado, pode considerar-se que a discrepância entre comportamentos e atitudes/desejo resida na oportunidade/ falta de oportunidade para levar a cabo os mesmos. Por outro, pode equacionar-se que, se quer os homens quer as mulheres revelam este aumento entre dimensões, isso possa de facto significar que a modificação de paradigma defendida pelas perspectivas socioculturais possa estar a ganhar terreno.

Pode ainda hipotetizar-se que, principalmente no caso dos estudantes do género feminino, a Orientação Sociossexual resulta da acção combinada da progressão para a igualdade entre géneros (expressa na baixa restrição das atitudes e desejos) com a anterior perspectiva postulada pelas Teorias da Aprendizagem Social e dos Scripts Sexuais (ainda manifestada ao nível comportamental).

A discussão da quarta hipótese surge integrada no grupo de três questões exploratórias acrescentadas no final do protocolo, com vista a aferir alguns aspectos ligados à ocorrência de one-night stands aquando do consumo de bebidas alcoólicas.

Neste sentido, as três questões serão discutidas conjuntamente, pois é a globalidade dos dados delas decorrentes que assenta a sua pertinência. Verificou-se, inicialmente, que uma elevada percentagem de alunos (91.9%) considera a ingestão de bebidas alcoólicas um preditor da incursão em one-night stands. Este resultado vem na direcção das investigações realizadas neste âmbito (por exemplo, Gute & Eshbaugh, 2008; Leigh & Schafer, 1993; George et al., 2006) que evidenciam o papel preponderante do álcool na determinação dos comportamentos sexuais ocasionais em contextos universitários referindo que este actua ao nível da distorção de percepções e dos processos de tomada de decisões.

Dado este panorama, seria de esperar que perante estes 91.9% de respostas positivas à questão 1, as respostas à questão 2 fossem também bastante elevadas, no sentido da participação em one-night stands. Contudo, o que se veio a observar foi que somente 35.9% (ainda que se revele uma percentagem mais elevada que o desejável) dos estudantes inquiridos afirmou ter participado em one-night stands após a ingestão de bebidas alcoólicas.

Do teste da comparação de médias efectuado com base nesta questão (2), pôde aferir-se que os participantes que incorreram neste tipo de comportamento sexual, sob influência de bebidas alcoólicas, detêm uma Orientação Sociossexual significativamente diferente dos alunos que referiram nunca se ter encontrado na mesma situação, isto é, os que responderam “Sim” são menos restritos na sua orientação face ao sexo ocasional do que aqueles que responderam “Não”.

Globalmente, estes dados são desafiadores. Ao longo da abordagem às várias hipóteses, a fenda existente entre Comportamentos e Atitudes tem-se declarado e, uma vez mais, reaparece. Apesar de muitos acreditarem na influência do álcool ao nível desta dimensão comportamental (91.1%), só alguns parecem “cair na sua teia” (35.9%). Coloca-se, então, a seguinte questão: Dada a discrepância aqui comprovada,

quais serão os factores que, neste contexto específico, farão a mediação/moderação entre as atitudes e crenças dos estudantes e a passagem ao acto?

Por fim, colocou-se aos participantes que responderam ter participado em one-night stands após ingestão de bebidas alcoólicas uma questão muito geral acerca de terem sentido arrependimento, ou não, pelos actos cometidos.

Os números resultantes foram explícitos e a maioria dos estudantes, de ambos os sexos, afirma não se ter arrependido (66 participantes). Todavia, a fatia que revela sentimentos de arrependimento ainda é considerável (27 participantes), principalmente se for tido em conta o encorajamento dado a este tipo de comportamentos.

De um modo geral, os resultados apontam para uma realidade complexa no que à vivência das relações íntimas respeita, dotando de especial ênfase o contexto em que estas têm lugar – a Universidade – na sua compreensão. Parece poder afirmar-se que são vários os factores a considerar na tentativa de explicar os resultados obtidos, sobretudo se se atender às diferenças verificadas entre Comportamentos e Atitudes, nomeadamente os estilos de Vinculação, com especial destaque para o estilo Seguro e o estilo Ansioso, a etapa desenvolvimental em que os participantes se inserem e, fundamentalmente, as pressões sociais e culturais subjacentes à frequência do Ensino Superior.

O presente trabalho teve como objectivos estudar a Orientação Sociosexual dos estudantes universitários e compreender a sua relação com as variáveis Estilos de Vinculação, Estilos de Amor, género e consumo de álcool. Neste sentido, conduziu-se uma reflexão teórica que se debruçou sobre o processo de desenvolvimento humano, colocando ênfase na etapa da Adulterez Emergente (Arnett, 2000). Paralelamente, recorreu-se à Teoria da Vinculação (Bowlby, 1958, 1973, 1979) e à conceptualização do funcionamento do sistema vincutivo enquanto Modelos Internos Dinâmicos, como forma de explicar a dinâmica da organização das relações significativas precoces e o seu reflexo nas relações íntimas adultas, onde coube uma abordagem mais detalhada das relações sexuais ocasionais, no contexto universitário. O estudo empírico realizado permitiu elencar um conjunto de elementos que poderão contribuir para uma melhor compreensão desta dimensão das relações íntimas, no contexto escolhido.

Findas a análise e discussão dos resultados, pretende apresentar-se agora as principais conclusões decorrentes do percurso teórico e empírico realizados e reflecte-se sobre as limitações do estudo, bem como sobre as suas implicações para a investigação futura e para a prática profissional.

O processo de “tornar-se adulto” não foi, até a data, linearmente descrito nem inequivocamente explicado. Percebeu-se que foram diversas as perspectivas teóricas a darem relevantes contributos para a delimitação deste estágio concreto do desenvolvimento humano mas, ainda assim, continua a carecer-se de alguma unanimidade. Nos últimos anos, contudo, tem surgido alguma concordância entre investigadores e teóricos e este processo de transição tem vindo a ser visto, progressivamente, como um percurso com características e tarefas a cumprir suficientemente específicas para fazer dele um estágio de vida individualizado do ponto de vista psicossocial.

Reportando à revisão de literatura efectuada, esta é a fase de vida em que acontecem as explorações identitárias, não só ao nível do “Quem sou eu?”, típicas da adolescência, mas sobretudo no domínio do “Quem quero vir a ser?”, abrangendo não só a relação consigo mesmo, mas, também, com outros significativos (nomeadamente o parceiro romântico). Emaranhada num vasto leque de possibilidades, esta etapa, fomenta, inevitavelmente, a instabilidade – já não se é adolescente, mas ainda não se

é adulto – que leva o adulto emergente a vaguear por um espaço entre estes dois lugares bem definidos, sob condições muito especiais, de desprendimento e desresponsabilidade que lhe permitem, por um lado, o início de uma gestão autónoma da sua vida e, por outro, favorecem um movimento reflexivo e de encontro em relação ao *self*, fundamental ao desenvolvimento psicológico requerido na entrada da fase de vida seguinte, a adultez.

Constatou-se que as transformações vividas ao longo das últimas décadas nas sociedades ocidentais, ligadas à exigência de uma formação académica superior, acabam por ter reflexos ao nível da estabilidade profissional e, conseqüentemente, retardam o processo de emancipação residencial (Andrade, 2010), fazendo com que o Estudante Universitário, de hoje, seja a expressão máxima da fase de vida alvo do estudo.

Com efeito, depreendeu-se que esta transição para a vida adulta, decorre num contexto rico e estimulante, em que a adaptação e a confirmação de expectativas se vêem propulsionadas pela crise e pela mudança, inerentes “à necessidade de crescer” e onde ocorre, simultaneamente às alterações contextuais, a possibilidade de transformação interna (física e cognitiva) e externa, ao nível das relações. Assim, é entre os desafios e as respostas, as oportunidades e as escolhas deste período, que o adulto emergente – estudante universitário – se (re)constrói e se permite a abrir a novos espaços afectivos e a criar dimensões relacionais novas para si.

Aspirar à compreensão destas dimensões relacionais, criadas com figuras significativas, só foi possível levando em consideração a predisposição para o desenvolvimento de laços afectivos presente na espécie humana, desde o nascimento (Bowlby, 1958, 1969/1982, cit. por Faria, 2008; Rocha, 2010), que conduz à formação de uma relação de vinculação.

Esta, protagonizada pelo bebé e por uma figura específica (figura de vinculação) que assume a função de base segura, permite ao primeiro obter um efectivo sentimento de protecção, segurança e satisfação de necessidades, fundamental ao seu desenvolvimento biológico e social. É na natureza e sucesso desta relação que assenta a capacidade de (nos) conhecermos, desenvolvermos e relacionarmos com os outros. De facto, compreendeu-se que esta relação, ao permitir a elaboração de Modelos Internos Dinâmicos (guias pré-simbólicos da acção fundamentais na interpretação e previsão comportamental do *self* e dos outros) faz com que as primeiras relações da criança sejam como que um protótipo das relações que se irão estabelecer na idade adulta.

Contudo, no contexto do estudo realizado, olhou-se atentamente à especificidades das relações de vinculação na idade adulta. Apesar de se fundarem no início da vida, os Modelos criados não são inalteráveis, podendo sofrer revisões, reavaliações e ajustes mediante as imposições relacionais que surjam desde a adolescência. E só assim faz sentido pensar a Teoria da Vinculação como uma teoria de ciclo de vida. As necessidades identificadas quer na criança quer no adulto são muito semelhantes e fazem desta relação específica uma peça basilar no desenvolvimento e funcionamento humano. Todavia, os moldes que esta assume alteram-se: o papel que detém na vida do indivíduo adulto é distinto do que ocupa face ao bebé, o tipo de comportamentos que lhe estão associados é também diverso e a assimetria relacional é idealmente substituída por uma simetria em que ambos os adultos (integrantes da relação romântica) desempenham, simultaneamente, o papel de figura de vinculação para o outro.

A importância que as relações de vinculação detêm na construção do que o indivíduo é, é indiscutível. Assim, compreender o desenvolvimento e, mais precisamente, as tarefas inerentes à entrada na idade adulta – construção da autonomia e intimidade – jamais poderiam ter lugar sem ter em linha de conta as diferenças individuais decorrentes da vivência das relações precoces, em que se funda a capacidade de diferenciação/ individuação necessárias à interdependência de uma relação íntima e de vinculação na idade adulta.

Para apreender parte das dinâmicas relacionais encontradas na etapa de vida em estudo e, ainda mais, no contexto universitário, ligadas à ocorrência de one-night stands, o adulto emergente deve ser entendido à luz da singularidade das suas relações vinculativas e do modo único com que se movimenta em direcção à vida adulta.

Pôde verificar-se que o interesse pelo tema de estudo das relações românticas/sexuais entre adolescentes e jovens adultos tem vindo a ganhar enfoque, principalmente derivado da prevalência percebida em relação a alguns tipos de comportamentos, por parte dos investigadores. Contudo, em terreno nacional, são poucas as investigações ainda conduzidas neste sentido.

Os contributos de autores como Arnett (2000) na área do desenvolvimento humano do adulto emergente e de Chickering (Chickering & Reisser, 1993) relativamente ao desenvolvimento psicossocial do estudante universitário foram determinantes e vieram, nos últimos anos, fundamentar a necessidade de estudos junto desta população com características tão específicas, abrindo caminho à mesma.

O adulto emergente situado entre a exploração e a experimentação (sexual) encontra, no contexto universitário, as oportunidades necessárias à incursão em relações sexuais ocasionais que, consideradas um comportamento normativo, são fortemente encorajadas.

Por outro lado, Simpson e Gangestad (1991a) revelaram um grande esforço na conceptualização deste tipo de comportamentos e, partindo do construto de Sociossexualidade, forjado por Alfred Kinsey (Penke, 2010), explicaram as diferenças entre e intra-géneros relativas à permissividade e promiscuidade sexual bem como desenvolveram e validaram uma medida curta de auto-relato para o mensurar – o Sociossexual Orientation Inventory (SOI).

Apreendendo a transversalidade dos estilos de vinculação, ao longo do ciclo vital, o impacto que estes detêm na vivência das relações amorosas (Hazen & Shaver, 1987; Brassard, Shaver & Lussier, 2007) e a importância de que a relação com os outros significativos se reveste no cumprimento das tarefas identificadas em cada etapa do desenvolvimento, propusemo-nos estudar a relação entre estes estilos e a Orientação Sociossexual dos estudantes universitários.

Os resultados obtidos através do cruzamento das variáveis Dimensões da Vinculação (decorrentes da EVA) e Orientação Sociossexual – com destaque para as correlações entre as dimensões Conforto com a proximidade (EVA), com o Comportamento (SOI-R), a Atitude (SOI-R) e a Orientação Sociossexual total e, entre a dimensão Ansiedade (EVA) e a dimensão Comportamento (SOI-R) – apesar de não corroborarem o anteriormente descrito revestem-se de interesse e pertinência, sugerindo a elaboração de uma análise contemplando variáveis individuais e contextuais.

No primeiro grupo de correlações referido, entre a dimensão Conforto com a proximidade e a dimensão Comportamento e Atitudes bem como escala total da Orientação Sociossexual, todas foram estatisticamente significativas e positivas revelando que os sujeitos detentores de um estilo de vinculação marcado pelo conforto com a proximidade, isto é, característica de um estilo de vinculação predominantemente seguro, apresentam padrões sexuais menos restritos quanto maior for esta “percepção de conforto”, estando mais abertos a incorrer em relações de sexo ocasional.

Por seu turno, a correlação negativa e estatisticamente significativa manifestada entre a dimensão Ansiedade (EVA) e a dimensão Comportamento do SOI-R, acaba por dar suporte às correlações já descritas. Assim, quanto mais

marcada se verifica a dimensão Ansiedade, menos propensão para incorrer em sexo ocasional os participantes demonstram.

Este conjunto de resultados levam a tecer algumas conclusões respeitantes à adaptabilidade do sistema de vinculação, durante a adultez emergente, num contexto universitário. Mais ainda, quando predomina a resolução de questões identitárias associadas à construção da intimidade.

Considera-se que os indivíduos detentores de um estilo de vinculação seguro foram aqueles que elaboraram, na sua relação mais precoce com a figura vinculativa e, na adolescência aquando da revisão/reestruturação da mesma, Modelos Internos Dinâmicos que guiam o seu comportamento em relação a uma nova figura de vinculação (o parceiro romântico), permitem que o sujeito se relacione de forma muito próxima com ela, sem receio de comprometer a integridade do *self* e sem a presença de medos quanto à rejeição ou ao abandono. Necessitando o aluno universitário de se integrar na nova realidade, a realidade académica e social vivida na Universidade, a capacidade para se aproximar de outros significativos pode ser considerada como confirmatória do sucesso da história de vinculação contudo, quando se analisa o comportamento sexual, este estilo seguro de vinculação, pode também ser visto como aquele que mais facilmente expõe o sujeito a riscos físicos e psicológicos, uma vez que está associado a uma menor restrição sexual.

De certa forma, neste caso específico, o estilo de vinculação Ansioso pode ser visto como, por um lado, o que previne os comportamentos sexuais de risco já que quanto mais marcada é a dimensão Ansiedade, mais restritos sexualmente são os sujeitos, nos seus comportamentos, mas, por outro lado, aquele que impede a vivência de cariz experimental com que é conotada esta fase do desenvolvimento.

Apesar da tarefa nomeada para a adultez ser a construção da intimidade, e a sua emergência pressupor uma série de condições, nomeadamente uma construção sólida da identidade e uma vinculação preferencialmente do tipo seguro, conclui-se, através dos resultados obtidos, que para a faixa etária alvo, o conceito de intimidade possa ser conceptualizado tendo por base uma fusão/confusão de conceitos e, assim, para os estudantes universitários o “ser íntimo” possa aparecer sobreposto ao estar ligado sexualmente, ao partilhar uma dimensão muito física com o outro, conduzindo a uma vivência e experiência da intimidade muito imatura e distinta daquela que se irá ter realmente numa fase posterior do ciclo vital, onde a identidade já mais desenhada e confirmada permitirá ultrapassar essa visão limitada, pela idade e pelo contexto, do que é realmente a intimidade e o ser íntimo de um outro.

Um outro construto também abordado foi o “Amor”. Este, por estar inerente ao conceito de (relações de) intimidade e por resultar de aprendizagens, acções e interpretações construídas em conjunto com os demais, significativos, afigurou-se relevante no estudo da constelação das relações (íntimas) estabelecidas na adultez emergente. Assumiu-se que a forma como se ama é incontestavelmente marcada pela forma como se foi amado e pela aprendizagem que se retirou desse movimento dual, idealmente recíproco. Assim, no contexto do presente trabalho, procurou-se perceber em que medida o estilo de amar dos indivíduos se relacionava com a sua Orientação Sociossexual.

As correlações encontradas entre os Estilos de Amor e a Orientação Sociossexual dos estudantes situaram-se dentro dos resultados previstos, no que respeita à evidência dos Estilos de Amor Eros e Ludus. Contudo, esperava-se que de acordo com algumas perspectivas teóricas, a relação com o segundo estilo fosse no sentido positivo, ao invés de negativo.

Ainda assim, valendo-nos do enquadramento teórico adoptado e, recorrendo a uma perspectiva desenvolvimentista contemplando o contexto específico da Universidade, podemos afirmar que apesar de não serem totalmente generalizáveis, os resultados obtidos apoiam fortemente a ideia de que o contexto universitário em conjugação com o estágio do desenvolvimento proporcionam uma abordagem ao amor e às relações muito centrada no momento presente. Por outro lado, estes dois estilos de amor também são confluentes com as dimensões da vinculação que se salientaram aquando do estudo da primeira hipótese.

De facto, apesar de no presente estudo não ter sido estudada a existência de relações entre Estilos de Vinculação e Estilos de Amor há investigações que sugerem que os estilos de vinculação ansioso e ambivalente se encontram relacionados com um estilo de amor Ludos e que o estilo de vinculação seguro, correlacionado com intimidade e paixão, está associado a um estilo de amor Eros (Levy & Davis, 1988, cit. por Frey & Hojjat, 1998).

No contexto do estudo das relações românticas tem também sido amplamente abordada a presença de diferenças em função do género, em relação a uma série de variáveis, apesar dos resultados nem sempre serem concordantes. Para averiguar eventuais diferenças, sujeitámos a nossa amostra a uma comparação de médias, relativa às dimensões e à Orientação Sociossexual total.

Os resultados alcançados, reveladores de diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, com valores superiores para os homens, nas

três dimensões da Sociossexualidade e na escala total, discutidos à luz das Teorias Sociobiológicas e das contrastantes teorias socioculturais, conduzem às seguintes conclusões: parece poder afirmar-se que, principalmente no caso dos estudantes do sexo feminino, a Orientação Sociossexual resulta da influência da progressão para a igualdade entre géneros (visível na baixa restrição ao nível das Atitudes e do Desejo), defendida pelas Teorias Socioculturais, em conjugação com a anterior visão perpetuada pelas Teorias da Aprendizagem Social e dos Scripts Sexuais (ainda manifestada na dimensão comportamental).

Este aspecto vem na linha dos resultados encontrados por Ramos, Carvalho e Leal (2005) no que à (in)existência de um duplo padrão sexual respeita. Apesar de se verificarem diferenças significativas entre-géneros, a atenção recai, sobretudo, na grande discrepância intra-géneros verificada de umas dimensões da Sociossexualidade para as outras e no significado que isso pode consigo aportar. As Atitudes/ Desejo das mulheres mensuradas como pouco restritas, indicam que no futuro poderá haver lugar a uma transformação comportamental. Crê-se que esta discrepância e movimento subentendido de mudança resultam do reflexo da interiorização de uma crença social que foi vivida nas gerações anteriores mas que vem vindo a deixar de ser sentida na actualidade (Ramos et al., 2005).

Finalmente, a última variável considerada, pretendeu predominantemente constituir alvo de reflexão e abrir rumos a futuras investigações. Por essa razão, assumimo-la de carácter exploratório.

Nos anos de frequência universitária a ânsia de experimentar e explorar tem sido associada também a comportamentos de risco: verifica-se amplamente, em diversos estudos, a forte ligação entre one-night stands e o consumo de bebidas alcoólicas (Owen et al., 2011; Gute & Eshbaugh, 2008; Leigh & Shafer, 1993). A nossa amostra foi contundente sendo que 91.9% dos participantes afirmou considerar esta associação verdadeira.

Uma vez mais, como referido na discussão dos resultados, observou-se uma discrepância acentuada entre Atitudes/ Crenças e Comportamentos. Desta elevada percentagem só 35.9% referiram ter-se comportado da forma questionada (participação em one-night stands após a ingestão de bebidas alcoólicas), apresentando este grupo uma Orientação Sociossexual menos restrita do que quem não o fez.

Estes dados, considerados no decorrer do que tem sido dito, vêm reforçar não só a importância do contexto em que estes comportamentos têm lugar, mas também

constituem uma chamada de atenção para a possível existência de variáveis mediadoras entre as crenças/ Atitudes e os Comportamentos.

Decorrente da última questão colocada, relativa ao arrependimento, percebeu-se que, apesar de todo o encorajamento e abertura face aos one-night stands, ainda prevalece um número considerável de participantes arrependidos. Neste sentido, conclui-se que, como sugerido por alguns autores, o arrependimento pode deter um papel potencial crucial na prevenção deste tipo de comportamentos.

Associadas ao trabalho desenvolvido estão, necessariamente presentes, algumas limitações. São de mencionar, desde logo, as resultantes dos instrumentos de medida escolhidos. Como já referimos anteriormente, ao utilizar-se medidas de auto-relato incorre-se na possibilidade de erros derivados da subjectividade da resposta dos sujeitos e de eventuais enviesamentos inerentes à desejabilidade social.

Por outro lado, ao recair a nossa escolha sobre instrumentos que não se encontram aferidos à população portuguesa e que carecem de estudos prévios com vista a engrandecer a sua robustez psicométrica, como foi o caso do Inventário de Orientação Sociossexual – Revisto, vêem-se também aumentadas as limitações dos mesmos para o estudo da população deste trabalho.

Ainda referentemente ao IOS-R, poderia ter-se utilizado a versão cuja escala de resposta oscila entre zero e cinco. Apesar das respostas que se obteriam serem menos discriminatórias do que com a escala utilizada (variando de zero a nove), o que pode ser vantajoso na óptica do investigador, elas seriam de mais fácil acesso para os sujeitos. Sugere-se que no futuro possam ser realizados estudos recorrendo à versão cuja escala varia entre zero e cinco.

No que respeita a limitações derivadas das variáveis em estudo, em relação à Orientação Sociossexual é de questionar se, neste contexto específico que é a Universidade e onde se encoraja a permissividade sexual, ela não se encontrará de certa forma, inflacionada. Assim, seria interessante desenvolver investigações não só longitudinais, a fim de compreender a constância desta variável ao longo do ciclo de vida, como também comparar grupos de sujeitos da mesma faixa etária, mas não frequentadores do Ensino Universitário.

Também os Estilos de Amor podem sofrer uma grande influência contextual, na medida em que estes se reportam à relação amorosa mais actual do indivíduo que pode não se encontrar em nenhuma ou a viver uma relação de contornos pouco definidos, tão comum neste meio.

Assim, algo que deveria ter sido tomado também em linha de conta seria o facto dos participantes estarem, ou não, numa relação amorosa dita séria/estável, e qual a duração da mesma.

Considera-se ainda pertinente que, num estudo desta natureza, seria de suma importância ter explorado com maior profundidade as concepções de intimidade e vivência da mesma.

Uma derradeira limitação prende-se com a natureza quantitativa e correlacional do estudo. Crê-se que, por ser um tema ainda pouco explorado junto da população portuguesa, e não obstante a delicadeza que inspira, este beneficiaria muito de uma abordagem mais qualitativa, nomeadamente na exploração das razões que levam a participar em encontros de sexo ocasional. O facto de se tratar de um estudo fundamentalmente correlacional e de comparação de médias não tomar em linha de conta a análise das causalidades, por exemplo, entre as variáveis Estilos de Vinculação e Orientação Sociossexual, Estilos de Amor e Orientação Sociossexual e a relação entre as três variáveis, ou seja, se uma delas poderá influenciar a relação entre as outras duas.

Sugere-se ainda, decorrente das questões exploratórias presentes no final do protocolo, desenvolver a área de estudos relacionada com o arrependimento no contexto das relações sexuais (ocasionais). Isto porque se acredita que a compreensão deste tipo de comportamentos encontre alguma explicação nos sentimentos de arrependimento que deles resultam.

Não obstante as várias limitações identificadas, crê-se que este estudo possa ter colaborado para a expansão do conhecimento no campo das relações românticas/sexuais do adulto emergente, na população portuguesa, especificamente, no contexto universitário.

As relações verificadas entre Dimensões da Vinculação e Orientação Sociossexual, podem ter contribuído, a par das ligações entre Estilos de Amor e Orientação Sociossexual, para uma melhor compreensão das dinâmicas relacionais entre adultos emergentes.

Por outro lado, perceber as diferenças decorrentes do género, na variável Orientação Sociossexual, contribuiu também para apreender um pouco da realidade sociocultural e da tão falada permissividade e encorajamento no que ao sexo ocasional respeita.

Finalmente, compreender a percepção que os jovens universitários detêm acerca da influência do consumo de álcool, pode revelar-se uma mais-valia no desenvolvimento de estratégias preventivas.

Acredita-se que este tipo de estudos, com populações específicas, problemáticas identificadas e circunscritas a determinado contexto possam, tendo por base a máxima do “compreender para prevenir”, contribuir de forma relevante para o desenvolvimento de programas de educação para a saúde, afectos e sexualidade efectivos e intervenções clínicas suportadas empiricamente (Whitaker, Miller & Clark, 2000, *cits. por Grello et al., 2006*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkes, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). London: Tavistock Publications Limited.
- Alexander, O. N., & Langer, E. J. (Eds.). (1990). *Higher stages of human development: Perspectives on adult growth*. New York: Oxford University Press.
- Alferes, V. R. (2004). Atracção interpessoal, sexualidade e relações íntimas (6ª ed.). In J. Vala, & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (pp. 125-158). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 319-335). New York: Guilford Press.
- Anatrella, T. (1991). *Interminables Adolescences*. Paris: Éditions du CERF.
- Andrade, A. L., & Garcia, A. (2009). Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona*, 3(1), 89-102.
- Andrade, C. (2006). *Antecipação da conciliação dos papéis familiares e profissionais na transição para a idade adulta: estudo diferencial e intergeracional* (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII), 255-267.
- Arnett, J. J. (1997). Young people's conceptions of the transition to adulthood. *Youth & Society*, 29, 1-23.
- Arnett, J. J. (1998). Learning to stand alone: The contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, 295-315.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480.
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence to midlife. *Journal of Adult Development*, 8, 133-143.
- Arnett, J. J. (2003). Conceptions of the transition to adulthood among emerging adults in american ethnic groups. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 100, 63-75.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.

- Arnett, J. J. (2007a). Emerging adulthood, a 21st century theory: a rejoinder to Hendry and Kloep. *Society for Research in Child Development*, 1 (2), 80-82.
- Arnett, J. J. (2007b). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Society for Research in Child Development*, 1 (2), 68-73.
- Arnett, J. J., & Jensen, L. A. (1999, November). *A congregation of one: The individualization of religion beliefs among people in their twenties*. Paper presented at the annual meeting of the Society for the Scientific Study of Religion, Boston, MA.
- Baldwin, M., Keelan, Fehr, B., Enns, J., & Koh-Rangarajoo, E. (1996). Social-cognitive conceptualization of attachment working models: availability and accessibility effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(1), 94-109.
- Bara, B. G. (2007). *Dinâmica del cambiamento e del non-cambiamento*. Turim: Bollati Boringhieri.
- Barón, M.J., Zapiain, J.G. & Apodaca, P. (2002). Apego e satisfacción afectivo-sexual en la pareja. *Psicothema*, 14(2), 469-475.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117 (3), 497-529.
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child development*, 62, 647-670.
- Birnbaum, G. E., Reis, H. T., Mikulincer, M., Gillath, O., & Orpaz, A. (2006). When sex is more than just sex: Attachment orientations, sexual experience, and relationship quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 929-943.
- Bogle, K. A. (2008). *Hooking up: Sex, dating, and relationships on campus*. New York: New York University Press.
- Bowlby, J. (1958). The nature of child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 1-23.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock Publications Limited.

- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. London: Basic Books.
- Brassard, A., Shaver, P. R., & Lussier, Y. (2007). Attachment, sexual experience, and sexual pressure in romantic relationships: A dyadic approach. *Personal Relationships, 14*, 475-493.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Selfreport measurement of adult-attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46–76). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of attachment relationships: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 273-308). Chicago: University of Chicago Press.
- Bronfenbrenner, U. (2005). Introduction. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development* (pp. xxvii-xxix). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Brower, A. M. (1992). The “second half” of student integration. The effects of life task predominance on student persistence. *Journal of Higher Education, 63* (4), 441-462.
- Buss, D. M. (1994). The strategies of human mating. *American Scientist, 82*, 238-249.
- Buss, D. M. (1998). Sexual strategies theory: Historical origins and current status. *The Journal of Sex Research, 35*(1), 19-31.
- Buss, D. M. (2003). *The evolution of desire: strategies of human mating* (2nd ed.). New York: Basic Books.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual Strategies Theory: An Evolutionary Perspective on Human Mating. *Psychological Review, 100*(2), 204-232.
- Campbell, A. (2008). The morning after the night before. Affective reactions to one-night stands among mated and unmated women and men. *Human Nature, 19*, 157-173.
- Canavarro, M., Dias, P. e Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da adult attachment scale-r (aas-r) na população portuguesa. *Psicologia, 20* (1), 155-186.
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: Influences of the attachment relationships. In N. Fox (Ed.), *The development of emotional regulation. Monographs of the Society for Research in Child Development, 59*, 228-249.

- Chen, S., & Hole, G. T. (2010). Sex and socratic experimentation. In M. Bruce, & R. M. Stewart (Eds.), *College sex – Philosophy for everyone: Philosophers with benefits*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Chikering, A., & Reisser, L. (1993). *Education and identity* (2nd ed.). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Clark, A. P. (2006). Are the correlates of sociosexuality different for men and women? *Personality and Individual Differences, 41*, 1321-1327.
- Cooper, M. L., & Orcutt, H. K. (1997). Drinking and sexual experience on first dates among adolescents. *Journal of Abnormal Psychology, 106*, 191-202.
- Costa, M. (2009). *Sexualidade e amor na terceira idade* (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Coutinho, B. M. (2010). *Base segura: A vinculação no contexto da transição para a idade adulta* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Cubbins, L. A., & Tanfer, K. (2000). The influence of gender on sex: A study of men's and women's self-reported high-risk sex behavior. *Archives of Sexual Behavior, 29*, 229-257.
- Daly, M., & Wilson, M. (2001). Risk-taking, intrasexual competition, and homicide. *Nebraska Symposium on Motivation, 47*, 1-36.
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2004). Attachment style and subjective motivations for sex. *Personality Social Psychology Bulletin, 30*, 1076-1090.
- De Figueiredo, J. M., & Lemkau, P. V. (1980). Psychiatric interviewing across cultures: some problems and prospects. *Social Psychiatry, 15*, 117-121.
- di Mauro, D. (1995). *Executive summary. Sexuality research in the United States: An assessment of the social and behavioral sciences*. New York: The Social Science Research Council.
- Diniz, A., & Almeida, L. (2006). Adaptação à universidade e estudantes do primeiro ano: Estudo diacrónico da interacção entre o relacionamento com pares, o bem-estar e o equilíbrio emocional. *Análise Psicológica, 1*(XXIV), 29-38.
- Doherty, N., & Feeney, J. (2004). The composition of attachment networks throughout the adult years. *Personal Relationships, 11*, 469-488.
- Engel, G., Olson, K. R., & Patrick, C. (2002). The Personality of Love: Fundamental Motives and Traits Related to Components of Love. *Personality and Individual Differences, 32*, 839-853.

- England, P., Shafer, E. F., & Fogarty, A. C. (2007). Hooking up and forming romantic relationships on today's college campuses. In M. Kimmel (Ed.), *The gendered society reader*. New York: Oxford University Press.
- Epstein, M., Calzo, J. P., Smiler, A. P., & Ward, L. M. (2009). "Anything from making out to having sex": Men's negotiations of hooking up and friends with benefits scripts. *Journal of Sex Research*, 46(5), 414-424.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: W. W. Norton & Company, Inc.
- Erikson, E. H. (1980). *Identity and the Life Cycle*. New York: W. W. Norton & Company, Inc. (Original work published 1959)
- Erikson, E. H. (1995). *Childhood and Society*. London: Vintage. (Original work published 1950)
- Erikson, E. H., & Erikson, J. M. (1998). *The life cycle completed*. Extended version with new chapters on the ninth stage by Joan M. Erikson. New York: W. W. Norton & Company, Inc. (Original work published 1982)
- Eshbaugh, E. M., & Gute, G. (2008). Hookups and sexual regret among college women. *The Journal of Social Psychology*, 148(1), 77-89.
- Faria, C. M. (2008). *Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos* (Dissertação de doutoramento não publicada). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Minho.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2003). Motivations for caregiving in adult intimate relationships: Influences on caregiving behavior and relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 950-968.
- Feeney, J., & Koller, P. (1996). *Adult attachment*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ferreira, J. (2009). *Sócio-sexualidade e desconto do futuro: mecanismo de alocação de investimentos e tomada de decisão* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ferreira, J. A., & Hood, A. (1990). Para a compreensão do desenvolvimento psicossocial do estudante universitário. *Revista portuguesa de Pedagogia*, 24, XXIV, 391-406.
- Ferreira, J. A., Almeida, L. S., & Soares, A. P. (2001). Adaptação académica em estudante do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso. *Psico-USF*, 6 (1), 1-10.

- Fielder, R. L., & Carey, M. P. (2010). Predictors and consequences of sexual "hookups" among college students: A short-term perspective study. *Archives of Sexual Behavior, 39*, 1105-1119.
- Fonseca, A. M. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Cliepsi Editores.
- Frey, K., & Hojjat, M. (1998) Are love styles related do sexual styles? *The Journal of Sex Research, 35*(3), 265-271.
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (1990). Toward an evolutionary history of female sociosexual variation. *Journal of Personality, 58*, 69-96.
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences, 23*, 573-644.
- Gangestad, S. W., Garver-Apgar, C. E., Simpson, J. A., & Cousins, A. J. (2007). Changes in Women's Mate Preferences Across the Ovulatory Cycle. *Journal of Personality and Social Psychology, 92*(1), 151-163.
- George, W., Stoner, S. A., Davis, K. C., Lindgren, K. P., Norris, J., & Lopez, P. (2006). Postdrinking sexual perceptions and behaviors toward another person: alcohol expectancy set and gender differences. *The Journal of Sex Research, 43*(3), 282-291.
- Giddens, A. (1997). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta.
- Grello, C. M., Welsh, D. P., & Harper, M. S. (2006). No Strings Attached: The Nature of Casual Sex in College Students. *The Journal of Sex Research, 43*(3), 255-267.
- Guedeney, A. (2004). A teoria da vinculação: a história e as personagens. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Coords.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp. 25-31). Lisboa: Climepsi Editores.
- Gute, G., & Eshbaugh, E. (2008). Personality as a predictor of hooking up among college students. *Journal of Community Health Nursing, 25*, 26-43.
- Hamilton, L., & Armstrong, E. A. (2009). Gendered sexuality in young adulthood. Double binds and flawed options. *Gender & Society, 23*(5), 589-616.
- Hatfield, E., & Walster, G W. (1978). *A new look at love*. Latham, MA: University Press of America.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualised as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*(3), 511-524.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*, 392-402.

- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (2006). Styles of Romantic Love. In R. J. Sternberg, & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 149-170). Binghamton, NY: Vail-Ballou Press.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1995). Gender differences and similarities in sex and love. *Personal Relationships*, 2, 55-65.
- Hill, C. A. (2002). Gender, relationship stage, and sexual behavior: The importance of partner emotional investment within specific situations. *The Journal of Sex Research*, 39, 228-240.
- Hill, M., & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hook, D. (2009). Erikson's psychological stages of development. In J. Watts, K. Crockett, & N. Duncan (Eds.), *Developmental psychology* (2nd ed., pp. 283-312). Cape Town: UCT Press.
- Impett, E. A., & Peplau, L. A. (2003). Sexual compliance: Gender, motivational, and relationship perspectives. *The Journal of Sex Research*, 40, 87-100.
- Impett, E. A., & Peplau, L. A. (2002). Why some women consent to unwanted sex with a dating partner: Insights from attachment theory. *Psychology of Women Quarterly*, 26, 360-370.
- Jokisaari, M. (2003). Regret appraisals, age, and subjective well-being. *Journal of Research in Personality*, 37, 487-503.
- Jones, M. (1998). Sociosexuality and motivations for romantic involvement. *Journal of Research in Personality*, 32, 173-182.
- Kail, R. V., & Cavanaugh, J. C. (2010). *Human development. A life-span view* (5th ed.). Belmont, CA: Wadsworth Cengage Learning.
- Kunce, L.J., & Shaver, P.R. (1994). *An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. Attachment Processes in Adulthood*. New Jersey: Jessica Kingsley Publishers.
- Lambert, T. A., Kahn, A. S. & Apple, K. J. (2003). Pluralistic ignorance and hooking up. *Journal of Sex Research*, 40, 129-133.
- Larrosa, L. L. (2000). *Chickering's Seven Vectors of Student Development Explained*. Consultado em 15 de Junho de 2011, através de <http://www.depts.ttu.edu/mcnair/journal/Leticia.De.Larrosa.pdf>.
- Lee, J. A. (1973). *The colors of love: An exploration of the ways of loving*. Don Mills, Ontario: New Press.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3, 173-182.

- Lefkowitz, E., & Gillen, M. (2006). Sex is just a normal part of life: Sexuality in emerging adulthood. In J. J. Arnett, & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America coming of age in the 21st Century* (pp. 235-255). Washington D.C.: American Psychological Association.
- Leigh, B., & Schafer, J. C. (1993). Heavy drinking occasions and the occurrence of sexual activity. *Psychology of Addictive Behaviors*, 7, 197-200.
- Lerner, R. M. (2002). *Concepts and theories of human development* (3rd ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lerner, R. M., & Walls, T. (1999). Revisiting individuals as producers of their development. From dynamic interactionism to developmental systems. In J. Brandtstadter, & R. Lerner (Eds.), *Action and self-development. Theory and research through the life span*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Levinson, D., Darrow, D., Klein, C., Levinson, M., & McKee, B. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: A. A. Knopf.
- Lima, V. A. (2009). *Vinculação, representação da relação íntima e interação diádica em adultos* (Dissertação de doutoramento não publicada). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Minho.
- Lourenço, O. (1994). *Além de Piaget: sim, mas devagar!* Coimbra: Almedina.
- Lyons, H. (2009). *Casual sex in adolescence and young adulthood: A mixed methods approach* (Dissertação de Doutoramento, Ohio, Bowling Green State University). Retrieved from <http://etd.ohiolink.edu/send-pdf.cgi/Lyons%20Heidi%20Ann.pdf?bgsu1256749422>
- Machado, C. (2000). *Percursos universitários e transições*. Comunicação apresentada ao I Congresso Hispano-Português de Psicologia, Santiago de Compostela.
- Mahoney, M. J. (2005). *Construtive psychotherapy: A practical guide*. New York: The Guilford Press.
- Marcelli, D. (2005). *Infância e psicopatologia* (F. Fonseca, & R. Rocha, trads.). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1982).
- Marchand, H. (2001). *Temas do desenvolvimento psicológico do adulto e do idoso*. Coimbra: Quarteto.
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber, Lda.
- Martins, E. I. (2007). Regulação emocional diádica, temperamento e nível de desenvolvimento aos 10 meses como preditores da qualidade da vinculação aos

- 12/16 meses (Dissertação de doutoramento não publicada). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Minho.
- Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, 45(1), 25-37.
- Matos, P. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes* (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Matos, P., & Costa, M. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, XX(1), 97-126.
- Miocque, D. (2004). Aspectos transculturais do conceito de vinculação. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Coords.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp. 63-70). Lisboa: Climepsi Editores.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2009). Adulterez emergente: Na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @ambienteeducação*, 2(1), 129-137.
- Moreira, A. (2007). *O ensino superior*. Consultado em 27 de Maio de 2011, através de <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0362.pdf>.
- Neto, F. (1992). Solidão, embaraço e amor. Porto: Centro de Psicologia Social.
- Neto, F. (1994). Love styles among Portuguese students. *The Journal of Psychology*, 128(5), 613-616.
- Neto, F. (1998). *Psicologia social* (Vol. I). Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2007). Love styles: A cross-cultural study of British, Indian, and Portuguese college students. *Journal of Comparative Family Studies*, 38(2), 239-254.
- Noack, J. (2007). Reflexões sobre o acesso empírico da teoria de identidade de Erik Erikson. *Interação em Psicologia*, 11 (1), 135-146.
- Oswalt, S. B., Cameron, K. A., & Koob, J. J. (2005). Sexual regret in college students. *Archives of Sexual Behavior*, 34, 663-669.
- Owen, J., & Fincham, F. D. (2011). Effects of gender and psychosocial factors on "Friends with Benefits" relationships among young adults. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 311-320.
- Owen, J., Fincham, F. D., & Moore, J. (2011). Short-term study of hooking up among college students. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 331-341.
- Pascarella, E. T., & Terenzini, P. T. (1991). *How college affects students: Findings and insights from twenty years of research*. San Francisco, CA: Jossey-Bass Publishers.

- Pascarella, E. T., & Terenzini, P. T. (2005). *How college affects students: A third decade of research*. San Francisco, CA: Jossey-Bass Publishers.
- Pascarella, E. T., Bohr, L., Nora, A., & Terenzini, P. (1995). Cognitive effects of 2-year and 4-year colleges: new evidence. *Educational Evaluation & Policy Analysis*, 17, 83-96.
- Paul, E. (2006). Beer goggles, catching feelings, and the walk of shame: The myths and realities of the hookup experience. In D. C. Kirkpatrick, S. Duck, & M. Foley (Eds.), *The processes of constructing and managing difficult interaction* (pp. 140-160). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Paul, E. L., McManus, B., & Hayes, A. (2000). "Hookups": Characteristics and correlates of college students' spontaneous and anonymous sexual experiences. *The Journal of Sexual Research*, 37, 76-88.
- Penke, L. (2010). Revised Sociosexual Orientation Inventory. In T. D. Fisher, C. M. Davis, W. L. Yarber, & S. L. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality related measures* (3rd ed., pp.622-625). New York: Routledge.
- Penke, L., & Asendorpf, J. B. (2008). Beyond global sociosexual orientations: A more differentiated look at sociosexuality and its effects on courtship and romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(5), 1113-1135.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais - A complementariedade do SPSS* (5^a ed. - Revista e Corrigida). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto, M. C. (2009). *Intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos* (Dissertação de Doutoramento, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal). Consultado em 23 de Junho de 2011, através de http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_25.pdf.
- Prause, N., Statley, C., & Finn, P. (2011). The effects of acute ethanol consumption on sexual response and risk-taking intent. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 373-384.
- Raley, K., Crissey, S., & Muller, C. (2007). Of Sex and Romance: Late Adolescent Relationships and Young Adult Union Formation. *Journal of Marriage and Family*, 69, 1210-1226.
- Ramos, V., Carvalho, C. C., & Leal, I. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), 173-185.

- Relvas, A. P. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: perspectiva sistémica. In I. Soares (Coord.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (In)adaptativas ao longo da vida* (pp. 435-467). Coimbra: Quarteto.
- Rest, J., & Navarrez, D. (1991). The college experience and moral development. In W. M. Kurtines, & J. L. Gewitz, J. L. (Eds.), *Handbook of moral behavior and development* (pp. 230-245). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rocha, H. M. (2010). *Adolescente e vínculo parental: (Des)continuidades entre família e escola* (Dissertação de doutoramento não publicada). Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4 (XXII), 643-665.
- Salkind, N. J. (2004). *An introduction to theories of human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Santos, L., & Almeida, L. S. (2001). Vivências académicas e rendimento escolar: Estudo com alunos universitários do 1º ano. *Análise Psicológica*, 2 (XIX), 205-217.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2002). Attachment style and human mate poaching. *New Review of Social Psychology*, 1, 122-129.
- Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 247-311.
- Schulz, A. W. (2010). It takes two: sexual strategies and game theory. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 41, 41-49.
- Silva, A. D. (2008). *A construção da carreira no Ensino Superior* (Dissertação de doutoramento não publicada). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Minho.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991a). Individual differences in sociosexuality: Evidence of convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 870-883.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991b). Personality and sexuality: Empirical relations and an integrative theoretical model. In K. McKinney & S. Sprecher (Eds.), *Sexuality in close relationships* (pp. 71-92). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (1994). Stress and secure base relationships in adulthood. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood: Advances in personal relationships*, (vol. 5; pp.181-204). London: Jessica Kingsley.
- Simpson, J. A., Wilson, C. L., & Winterheld, H. A. (2004). Sociosexuality and romantic relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *Handbook of Sexuality in Close Relationships*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Soares, A. P., Almeida, L. S., Diniz, A. M., & Guisande, M. A. (2006). Modelo multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário (MMAU): Estudo com estudantes de ciências e tecnologias versus ciências sociais e humanas. *Análise Psicológica*, 1 (XXIV), 15-27.
- Sophia, E. C. (2008). *Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Speranza, A. M., & Odorisio, F. (2001). X – Disturbi dell'attaccamento. In M. Ammaniti (Coord.), *Manuale di psicopatologia dell'infanzia* (pp.259-279). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- SPSS (2009). PASW Statistics 18.0 Statistical Algorithms, SPSS, Inc: Chicago, IL.
- Stearns, S. (1992). *The evolution of life histories*. Oxford University Press.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119-135.
- Tanner, J. L., Arnett, J. J., & Leis, J. A. (2009). Emerging Adulthood. Learning and Development During the First Stage of Adulthood. In M. C. Smith, & N. DeFrates-Densch (Eds.), *Handbook of Research on Adult Learning and Development* (pp. 34-67). New York: Taylor & Francis.
- Tempelhof, T. C., & Allen, J. S. (2008). Partner-specific investment strategies: Similarities and differences in couples and associations with sociosexual orientation and attachment dimensions. *Personality and Individual Differences*, 45, 41-48.
- Terenzini, P. T., & Pascarella, E. T., & Blimling, G. S. (1996). Student's out-of-class experiences and their influence on learning and cognitive development: A literature review. *Journal of College Student Development*, 37 (2), 149-162.
- Testa, M., & Collins, R. L. (1997), Alcohol and risky sexual behavior: Event-based analyses among a sample of high-risk women. *Psychology of Addictive Behaviors*, 11, 190-201.

- Thompson, B., Davenport, D., & Wilkinson, R. (1993, April). *Lee's typology of love styles: A confirmatory factor analysis of the Hendrick-Hendrick measure with implications for counseling*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Educational Research Association, Atlanta, GA, USA.
- Tracy, S., Shaver, P., Albino, A., & Cooper, M. (2008). Attachment styles and adolescent sexuality. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent romantic relations and sexual behavior: theory, research and practical implications*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Trivers, R. (1985). *Social evolution*. Menlo Park, CA: Benjamin/Cummings.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual selection and the descent of man: 1871-1971* (pp. 136–179). Chicago: Aldine.
- Upcraft, M. L., & Schuh, J. H. (Eds.). (1996). *Assessment in student affairs. A guide for practitioners*. San Francisco, CA: Jossey-Bass Publishers.
- VanZile-Tamsen, C., & Livingston, J. A. (1999). The differential impact of motivation on self-regulated strategy use of high- and low-achieving college students. *Journal of College Student Development, 40*, 54-59.
- Varelas, D. (2011). *Inventário de Orientação Sociossexual – Revisto (SOI-R)*. Versão para investigação.
- Vigna, D. (2006). *La psicoterapia madre-bambino. Modelli psicodinamici a confronto*. Roma: Borla.
- West, M. L., & Sheldon-Keller, A. E. (1994). *Patterns of relating. An adult attachment perspective*. London: The Guilford Press.
- Wiederman, M. W., & Dubois, S. L. (1998). Evolution and sex differences in preferences for short-term mates: Results from a Policy capturing study. *Evolution and Human Behavior, 19*, 153-170.
- Wrightsmann, L. S., & Deaux, K. (1981). *Social psychology in the 80s*. Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Wu, Z., & MacNeill, L. (2002). Education, work and childbearing after age 30. *Journal of Comparative Family Studies, 33*, 191-213.
- Zapf, J. L., Greiner, J., & Carroll, J. (2008). Attachment styles and male sex addiction. *Sexual Addiction & Compulsivity, 15*, 158-175.

ANEXOS

ANEXO I

Protocolo de Investigação



Colaboração para Estudo

Caro/a Colega,

Sou aluna de **Psicologia** na Universidade de Évora e encontro-me a desenvolver um estudo no âmbito da minha **Dissertação de Mestrado**, subordinado ao tema do **Sexo Ocasional**.

Nesse sentido, gostaria de **solicitar a sua ajuda e colaboração, para responder ao Questionário que seguidamente será apresentado, o qual não lhe tomará mais do que 15 minutos**.

Tenha presente que **a sua colaboração é fundamental** e que dela depende a concretização de um estudo. Por isso, **a sua ajuda é indispensável!**

As respostas obtidas através do Questionário serão, evidentemente, **Anónimas e Confidenciais** sendo submetidas, unicamente, a tratamento estatístico inerente à investigação.

Por favor responda com **espontaneidade e sinceridade**, pois **a sua opinião** é o que importa aferir. **Certifique-se** de que **responde a todos os itens**.

Leia atentamente as indicações de preenchimento e **não transmita nem discuta as suas opiniões** com ninguém.

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

Orientador: Prof.^a Doutora Constança Biscaia

Mestranda: Diana Varelas

Dados Demográficos

Sexo: M F Idade: _____ Ano de Licenciatura: _____

Orientação Sexual: Heterossexual Homossexual Outra: _____

ESCALA DE ESTILOS DE VINCULAÇÃO (EVA)

(M.C. Canavarro, 1995)

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente a respeito das relações afectivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afectivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1. Estabeleço, com facilidade relações com as pessoas.	-	-	-	-	-
2. Tenho dificuldades em sentir-me dependente dos outros.	-	-	-	-	-
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.	-	-	-	-	-
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.	-	-	-	-	-
5. Sinto-me bem dependente dos outros.	-	-	-	-	-
6. Não me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.	-	-	-	-	-
7. Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.	-	-	-	-	-

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
8. Sinto-me de alguma forma desconfortável quando me aproximo das pessoas.	-	-	-	-	-
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros realmente se importarem comigo.	-	-	-	-	-
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.	-	-	-	-	-
11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.	-	-	-	-	-
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.	-	-	-	-	-
13. Fico incomodado quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.	-	-	-	-	-
14. Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.	-	-	-	-	-
15. Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado.	-	-	-	-	-
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.	-	-	-	-	-
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.	-	-	-	-	-
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.	-	-	-	-	-

ESCALA DE ATITUDES EM RELAÇÃO AO AMOR, versão reduzida (EEA)

(F. Neto, 1998)

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem, que reflectem atitudes em relação ao amor, e assinale o grau em que concorda com cada uma delas. Alguns dos itens referem-se a um relacionamento amoroso específico, enquanto que outros se referem a atitudes e crenças gerais sobre o amor. Sempre que possível, responda às questões tendo o(a) seu(sua) parceiro(a) actual em mente. Se, no momento, não tiver um(a) parceiro(a) amoroso(a), responda tendo em vista o seu(sua) parceiro(a) mais recente. Se nunca esteve afectivamente envolvido com um(a) parceiro(a), responda de acordo com o que sentiria nesse tipo de situação.

	Concordo Totalmente		Não Concordo nem Discordo		Discordo Totalmente
1. Quando o(a) meu(minha) namorado(a) não me presta atenção, sinto-me doente.	1	2	3	4	5
2. Eu e o(a) meu(minha) namorado(a) temos a "química" física ideal.	1	2	3	4	5
3. O(a) meu(minha) namorado(a) ficaria aborrecido(a) se soubesse de algumas coisas que eu fiz com outras pessoas	1	2	3	4	5
4. O melhor tipo de amor cresce a partir de uma amizade longa.	1	2	3	4	5
5. Não consigo relaxar-me se suspeito que o(a) meu(minha) namorado(a) está com outra pessoa.	1	2	3	4	5
6. Sinto que o(a) meu(minha) namorado(a) e eu fomos feitos um para o outro.	1	2	3	4	5
7. Gosto de jogar o "jogo do amor" com diferentes companheiros(as).	1	2	3	4	5
8. Um aspecto principal a considerar na escolha de um(a) namorado(a) é o modo como a minha família o(a) vê.	1	2	3	4	5
9. Se o meu(minha) namorado(a) não me liga durante algum tempo, por vezes faço coisas estúpidas para tentar atrair novamente a sua atenção.	1	2	3	4	5
10. A nossa amizade transformou-se gradualmente em amor ao longo do tempo.	1	2	3	4	5

11. Um importante factor na escolha de um(a) companheiro(a) é se ele(a) será ou não um bom(boa) pai(mãe).	1	2	3	4	5
12. O(a) meu(minha) namorado(a) e eu compreendemo-nos de facto.	1	2	3	4	5
13. Uma consideração na escolha de um(a) companheiro(a) é o modo como ele interferirá na minha carreira.	1	2	3	4	5
14. Prefiro sofrer a deixar o(a) meu(minha) namorado(a) sofrer.	1	2	3	4	5
15. Antes de me envolver muito com uma pessoa, tento saber se existe compatibilidade hereditária no caso de irmos a ter filhos.	1	2	3	4	5
16. O(a) meu(minha) namorado(a) corresponde ao meu ideal de beleza física.	1	2	3	4	5
17. Só posso ser feliz pondo a felicidade do(a) meu(minha) namorado(a) antes da minha.	1	2	3	4	5
18. Geralmente estou disposto(a) a sacrificar os meus desejos para que o(a) meu(minha) namorado(a) alcance os seus.	1	2	3	4	5
19. Recomponho-me de casos amorosos muito fácil e rapidamente.	1	2	3	4	5
20. As minhas relações amorosas mais satisfatórias desenvolveram-se a partir de boas amizades.	1	2	3	4	5
21. Por vezes tive que evitar que dois(duas) namorados(as) meus(minhas) soubessem da existência um(uma) do(a) outro(a).	1	2	3	4	5
22. O amor é uma amizade muito profunda, não uma emoção misteriosa ou mística.	1	2	3	4	5
23. Quando estou enamorado(a), tenho problemas em concentrar-me noutra coisa qualquer.	1	2	3	4	5
24. Qualquer que seja aquilo que eu possuo, o(a) meu(minha) namorado(a) pode-o utilizar como desejar.	1	2	3	4	5

INVENTÁRIO DE ORIENTAÇÃO SOCIOSSEXUAL – REVISTO (SOI-R)

(Penke & Asendorpf, 2008)

Por favor leia com atenção cada um dos itens que se seguem e responda honestamente, assinalando apenas uma resposta.

1. Com quantos parceiros diferentes tiveste sexo nos últimos 12 meses?

0 1 2 3 4 5-6 7-9 10-19 20 ou mais

2. Com quantos parceiros diferentes tiveste relações sexuais numa e *apenas numa* ocasião?

0 1 2 3 4 5-6 7-9 10-19 20 ou mais

3. Com quantos parceiros diferentes tiveste relações sexuais sem teres interesse num relacionamento a longo prazo, com essa pessoa?

0 1 2 3 4 5-6 7-9 10-19 20 ou mais

4. Sexo sem amor, está correcto.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Discordo Totalmente

Concordo Totalmente

5. Consigo imaginar-me confortável e a desfrutar de sexo ocasional com diferentes parceiros.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Discordo Totalmente

Concordo Totalmente

6. Eu não quero ter sexo com uma pessoa até ter a certeza que estaremos numa relação séria, a longo prazo.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Discordo Totalmente

Concordo Totalmente

7. Com que frequência tens fantasias acerca de ter sexo com alguém com quem não estás numa relação amorosa séria?

- 1 – nunca
- 2 – muito raramente
- 3 – uma vez a cada dois ou três meses
- 4 – uma vez por mês
- 5 – uma vez a cada duas semanas
- 6 – uma vez por semana
- 7 – várias vezes por semana
- 8 – quase todos os dias
- 9 – pelo menos, uma vez por dia

8. Com que frequência sentes excitação sexual quando estás em contacto com alguém com quem não tens uma relação amorosa séria?

- 1 – nunca
- 2 – muito raramente
- 3 – uma vez a cada dois ou três meses
- 4 – uma vez por mês
- 5 – uma vez a cada duas semanas
- 6 – uma vez por semana
- 7 – várias vezes por semana
- 8 – quase todos os dias
- 9 – pelo menos, uma vez por dia

9. No dia-a-dia, com que frequência tens fantasias sobre ter sexo com alguém que acabaste de conhecer?

- 1 – nunca
- 2 – muito raramente
- 3 – uma vez a cada dois ou três meses
- 4 – uma vez por mês
- 5 – uma vez a cada duas semanas
- 6 – uma vez por semana
- 7 – várias vezes por semana
- 8 – quase todos os dias
- 9 – pelo menos, uma vez por dia

Para terminar, gostaria de lhe solicitar que respondesse às seguintes questões:

1. Considera que a ingestão de bebidas alcoólicas facilita a ocorrência de sexo ocasional? SIM NÃO
2. Já se encontrou nesta situação? SIM NÃO
- 2.1. Se sim, sentiu arrependimento de ter tido uma relação sexual ocasional? SIM NÃO

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

Orientador: Prof.^a Doutora Constança Biscaia

Mestranda: Diana Varelas

